ANNO XXVII — N.º 36
Rio, 9 de Setembro de 1933
— PREÇO: 1$000

O CONTO BRASILEIRO

FIM DE ROMANCE

Por Véra Kun

NUM andar de um arranha-céu da Avenida, onde começam a accender-se os primeiros annuncios luminosos, vivos, de um vermelho "yankee". Escriptorio moderno. Moveis estylizados. Estatuetas. Um quadro cubista. Picasso ou Metzinger. A um canto, sobre uma estante, o cactos é um grito selvagem. Inutil. Não consegue fazer calar a voz estridente e civilizadora dos "klaxons" que entra pela janella aberta... Elle, quarenta annos bem vividos, cabellos a embranquecer nas frontes, elegante, sóbrio, está sentado á mesa de trabalho. As mãos, másculas e brancas, tentam, em gestos distrahidos, arrumar papeis em desordem. Ella, que, irrepreensivel no seu "ensemble vert", assignado por Lelong, está sentada á sua frente numa poltrona, levantando sobre a "toque" de velludo negro, o véu que lhe descobre os olhos magnificos, é joven, loura. Belleza. Distincção. Serenidade.

— Si pedi urgencia, privando-te do prazer de uma festa tão elegante como o chá de mme. Rocha, é porque preciso communicar-te uma decisão muito grave, irrevogavel mesmo, que tomei. E' uma decisão muito séria, sobre nós... sobre a nossa vida. O nosso amôr chegou ao momento doloroso das soluções definitivas. Reflecti muito, Luisa. O meu egoismo não tem o direito de cortar o teu futuro, de tolher o vôo das tuas aspirações. Não devo acorrentar-te a mim. Eu sou um vencido. Ao passo que tu... tu tens, ainda, deante de ti, todo o futuro...

Ella está calada, uma ansiedade indizivel nos olhos muito abertos, procurando na sua phisionomia, estudadamente impassivel, o verdadeiro sentido das palavras. E elle continúa, como que experimentando uma estranha volupia:

— Ah! o que eu soffri... A principio, quando elle me fazia os seus commentarios a teu respeito, as suas confidencias cheias de esperanças, eu tive impetos de esbofeteal-o, de gritar-lhe bem alto que eras inattingivel... porque eras minha! Mas, com o tempo, veiu a serenidade, a reflexão... Si eu fosse rico, a solução era facil: partiriamos para o estrangeiro. Iriamos esconder o nosso amôr criminoso num recanto da Suissa, ou á beira de um lago italiano... como nos romances.

Ella começa a comprehendel-o, e tenta pôr muita attenção no olhar que veiu cahir sobre as suas mãos longas e finas, como si nunca tivesse reparado que ellas são, assim, tão longas... assim tão finas!...

— Ou, si fosse livre, offerecer-te-ia o pouco que possúo e o meu trabalho. Sei que seriamos felizes. Um lar modesto. Filhos, talvez. Divorciando, que poderei offerecer-te que não te tornes menos digna, numa sociedade cheia de preconceitos estupidos e mesquinhos, como esta? (*Com um suspiro*) A felicidade não póde durar toda a vida...

Ella, que não crê nos personagens de Bataille, está vendo, agora, claramente, nas suas palavras, uma evasiva, uma desculpa... A revolta dá-lhe o desejo de desmascaral-o, de lançar-lhe em rosto todo o cynismo do seu procedimento. E de feril-o, com palavras crueis, zombando da sua rhetorica extemporanea de Abaillard indigno. Mas, será descer. Igualar-se. Ha, então, um longo silencio cheio de decepções. A sua attitude inédita desnorteia-o. Ella não fez as scenas theatraes de pranto. Não falou em suicidio. Nem teve, como as outras, o classico desmaio. Está, defendendo-se de si mesma, imperturbavel, serena, silenciosa. O seu busto ergue-se tocado de uma forte e mortal afflicção. Ha, no seu rosto inexpressivo, uma rigidez, quasi marmorea, que o faz pensar nessas cabeças de Medusa da estatuaria hellenica. E, aturdido, como um collegial apanhado em falta, sentindo o difficil da sua situação, elle tem desejos doentios que ella se encolerize, o insulte mesmo! Levanta-se. E, passeando, nervoso, de um lado para outro, rompe o silencio humilhante:

— Eu sei que o meu gesto é o gesto de um inadaptado. De um romantico ridiculo. Mais tarde, abençoarás, porém, este meu gesto que te salva. Já começam os primeiros rumores sobre nós. Amanhã, a tua reputação será alvejada. Não poderás mais reconstituir a tua vida. Levarás a existencia dos amores impossiveis. Desprezada pelas mulheres que não tiveram a coragem do teu acto. Recriminada pelos homens que não te conseguiram. A vida é assim. Depois, cansada de aturar tudo isso, virá o arrependimento... O desejo de teres, como as outras, uma felicidade sobre principios burguezes, mas tranquilla. Licita. Crê: a felicidade é uma coisa muito burgueza, muito simples...

Ella, cuja physionomia acaba de passar por toda as expressões do desespero, está abysmada, com o olhar ao longe, para além das vidraças escancaradas, contemplando, sem ver, na bahia distante, a sahida de um enorme transatlantico, que veiu despertar no seu sub-consciente vagos desejos de fugas phantasticas. E já não o ouve. No "écran" da sua memoria passa, nitido, como um "film", todo o seu passado. Primeiro, a persistencia delle. A resistencia della, temendo a sua reputação escandalosa de "homme à femmes". Depois, aquelle encontro decisivo. As entrevistas. Finalmente, a corrida a este seu chamado, pensando ser, ainda, um chamado de amôr. Admira-se de ter sido, assim, tão ingenua, de ter cedido facilmente... ella tão orgulhosa, tão digna! Invade-a uma immensa piedade por si mesma, ao sentir-se nessa posição ridiculo-dolorosa de uma heroina de romance. E um desejo lhe vem de rir, rir, desesperadamente, de toda essa farça, até as lagrimas lhe virem aos olhos, desafogando, num choro convulsivo, essa hypertensão nervosa, essa asphyxia moral, que a está matando... Está desorientada. Ella, tão calma em todas as situações difficeis da vida, perdeu o "contrôle" de si propria, e não consegue ana-

(*Continúa na pag. seguinte*)

A ROSA TRÁGICA

A loja ficava em uma travessa sinuosa daquella cidade russa. Travessa de miseria e de amor, de homens sombrios e mulheres pállidas. Travessa que sahia do coração da cidade como uma veia, para terminar em uma pequena praça do suburbio. Segundo meu amigo Aleixo, aquella loja tinha *a vitrine mais linda do mundo*. Essa vitrine era, no emtanto, pouco maior que uma janella. Estava mettida entre duas pilastras da parede, e não chamava a attenção dos transeuntes. De dia, seus crystaes appareciam brilhantes — prodigio de limpesa na travessa suja. Ao entardecer, accendia-se em seu interior uma lâmpada que aureolava o objecto precioso exposto mais á devoção que a cobiça dos entendidos.

Um único objecto figurava na vitrine, como um idolo. Vivi trez mezes naquella cidade, e durante esse tempo só vi mudar umas dez vezes o objecto exposto. Era uma orchidéa de labios expirantes, ou um livro estampado em letras abstrusas, ou um marfim hindú, um collar de perolas negras sobre velludo côr de carne, ou um casal de bonecos mágicos jogando xadrez, ou um tapete não maior que um *foulard*, de matizes cálidos.

— Bem vês — dizia-me Aleixo. — Neste paiz reinam a anarchia e a loucura. Mas em nenhum outro ha vitrines como esta. Quem disse que as coisas formosas surgem só nas épocas tranquillas?

E indicava-me a vitrine, onde haviam exposto uma flôr: uma rosa. Era na véspera de meu regresso.

A flôr parecia milagrosa: era um pimpolho semi-aberto na extremidade de um pedúnculo, onde as folhinhas escuras e os espinhos diáphanos se dispunham simétricos. Suas pétalas tinham a côr do sangue quando afflúe a uma face subitamente pudorosa. Uma corrente de ar, alimentada por um dispositivo occulto, fazia voar em torno da flôr uma mariposa negra como a morte e que tinha uma mancha triangular de púrpura em uma das azas. Dir-se-ia que nada mais formoso exis-tia no mundo. E, por contraste os transeuntes da travessa pare-ciam mais sórdidos e tristes; o ar mais pesado; mais enlameada a calçada.

— Esta rosa — disse eu a meu amigo — é como todas as rosas quizeram ser, si pudessem...

— Por esta cidade — explicou-me Aleixo — passaram os exér-citos brancos e os exercitos ver-melhos, as turbas enfurecidas e incendiárias, os massacradores de judeus... Mas ninguem se atre-veu a devastar esta loja. Todos a respeitam...

— Quem é o dono? — perguntei.

— Como se chama?

— Balthazar Balt.

E Aleixo assignalou-me as letras pintadas em um cartaz da porta.

— Mas talvez não seja esse seu verdadeiro nome — accrescentou.

— Durante os tumultos revolu-cionarios ninguem teve tempo de reparar nesta vitrine — argu-mentei. — Si se tratasse de uma casa de armas, ou de um deposi-to de comestiveis...

— Enganas-te — contestou Ale-xo. — Os soldados rebeldes do 30º de Infantaria repararam nesta lo-ja. Entraram. Mas não tocaram num único cabello de Balthaza

FIM DE

(*Continuação*)

lizar-se, nem dominar o turbilh que ha no seu espirito, onde é nitido, claro, um desejo: morre acabar... E não comprehen como, trazendo a morte dent della, lá fóra a vida possa cont nuar, ostensiva, na indifferen luminosa dos annuncios, na vo estridente dos "klaxons", no su surro compacto que vem da mult dão... Mas, uma entonação diff rente da voz delle, que lhe so aos ouvidos, estranha, como a vo de um desconhecido, vem tirál dessa realidade para uma outr realidade mais abrazadora. E, ag ra, numa volupia doentia de co tinuar a soffrer, como certos ag nizantes que, no momento fata se contorcem, se machucam, pa sentir que ainda vivem, não qu perder nenhuma das suas pal vras, que escorregam docemen num tom persuasivo:

— ...e pensa na riqueza. N conforto. Não farás mais consid rações mentaes sobre o collar d mme. Lucia, que custou uma fo tuna e ficaria melhor na tua ca nação dourada de loura. E o a tomovel de meile. Helena...

Ella o interrompe, porém, leva

De G. A. Borgese

Balt. Apesar de não ter cabello o dono da loja — ajuntou, sorrindo.

— Elle é calvo. Um typo impressionante, asseguro-te...

— Os soldados tiveram mêdo delle? — indaguei, sorrindo, por minha vez.

— Talvez... Queres vêl-o?

E Aleixo poz a dextra na porta. Mas eu o retive, dizendo:

— Não. Prefiro continuar olhando a rosa... Quando estiver completamente aberta, a mariposa a destruirá... Mas talvez seja retirada, antes de abrir-se, pela mão de algum freguez.

— Como Aglaia... — observou Aleixo.

— Aglaia? — perguntei, espantado, sem comprehender.

— Estás aqui ha varios mezes, e não ouviste o nome de Aglaia Balt?... Deveras?... Não viste siquer nenhum de seus retratos?... O pintor Gaudriane representou-a em um quadro famoso: vestida de escuro até a garganta, como Salomé antes de sua dança. Recostada em um sofá carmezim, com um leque de plumas na mão... Balthazar Balt trouxe-a das montanhas, fazendo-a passar por sua esposa... Ella era vista com Balthazar nos theatros... Todos os olhos poisavam ávidos nella, despindo-a com a imaginação, para admiral-a melhor... Depois, rebentou a revolução... E ninguem, ninguem se atreveu, desde então, a olhal-a... Por que?... Porque Balthazar Balt e Nicolás Sverotsky... são uma só pessôa!

Nicolás Sverotsky!... Meu amigo Aleixo pronunciou com circumspecção o nome e o sobrenome do célebre inquisidor: Nicolás Sverotsky! Aquelle a quem chamam, medrosamente, o Grande Verdugo! O homem que, quando chegou a vez do principe João, se reservou a honra de fazer funccionar a guilhotina com sua propria mão!

— Aglaia vive agora em um palacio que pertenceu ao imperador — continuou Aleixo. — Balthazar vae alli visital-a, de quando em quando. O collar de pérolas negras que admiraste o mez passado nesta vitrine foi ostentado antes pelo pescoço da esposa do principe João. A princeza presenteou-o a Aglaia quando foi pedir-lhe que intercedesse pela vida do marido...

Aleixo fez uma pausa. Olhou-me, teve um gesto vago e continuou:

— Horrorizas-te?... De nada te serviu, então, permanecer trez mezes aqui?... As revoluções não se fazem com lindas palavras... Pensa nas maravilhas da antiguidade. Têm porventura uma origem mais pura, mais clemente que aquellas perolas negras? O luxo e a belleza se alimentam no soffrimento e no crime. Nos pântanos crescem as flôres mais râras... Nicolás Sverotsky, aliás o Grande Verdugo, é um monstro. Mas é, tambem, um protector das artes, um Mecenas... E tambem Aglaia não é tão feroz como dizem. Ella fez tudo o que poude para salvar a vida do principe João...

— E Balthazar Balt... não cedeu? — indaguei, em voz baixa.

— Balthazar Balt... guardou silencio. Em nossa revolução... se palava pouco. Talvez o Grande

(Continúa na pag. seguinte)

ROMANCE

tando-se, de um salto, como que reagindo contra um sentimento que a quer dominar. Sente que é capaz de romper, alli mesmo, num pranto convulsivo. Absurdo. Humilhante. Desce, então, sobre o rosto, o pequeno véu, que lhe occulta os olhos marejados de lagrimas. E, estendendo-lhe as mãos, frivola, a rir, para dissimular o tremor da voz:

— Está bem, Ary.

Mas, crendo ver nos seus olhos, que não souberam fingir, o desaponto de um espectador que não esperava certo fim de scena, accrescenta pesarosa, e, depois, levemente zombeteira:

— E' pena que com isto me privasse de uma festa tão elegante. Afinal, poderias ter-me dito tudo ha mais tempo!...

Elle quer beijar-lhe as mãos; ella retira-se, porém, num gesto instinctivo de repulsa e opprobio. Sahe. Elle segue-a com um olhar estranho, como não a seguiria nunca si ella o estivesse vendo. Atravez da porta cerrada, ouvem-se soluços... Depois, o ruido metallico da porta do ascensor que se fecha.

S. Paulo.

Verdugo tivesse suas razões para não perdoar ao principe João...

— Que razões?...

— Não entendes?... — murmurou Aleixo. — Não entendes?... Aglaia...

— Aglaia e o principe... — insinuei.

— Sim. E' isso: o principe era o unico homem que não precisára recorrer a sua imaginação para admirar em toda sua o corpo de Aglaia...

— E Balthazar...: não se vingou de Aglaia?

— Não. Porque Balthazar Balt é, no fundo, um homem timido...

Não pude, então, conter meu desejo de ver o Grande Verdugo e protector das artes.

— Entremos — disse a meu amigo.

E abri a porta.

* * *

BALTHAZAR BALT era horrivel como um mastim. Mais que seu craneo amarellento e semelhante a um marfim patinado, impressionava seu rosto olivaceo, onde brilhavam dois pequenos olhos negros e inquietos. Estava sentado sobre algumas almofadas que, na penumbra, pareciam cinzentas, e vigiava a ebulição da agua no samovar de cobre.

— Bôa tarde — cumprimentou Aleixo. — Trago-lhe um amigo estrangeiro, que admira sua vitrine.

— Bôa tarde — limitou-se a responder Nicolás Sverotsky.

E eu, cohibido pelo olhar fixo daquelles olhos negros, inquiri:

A ROSA TRA'GICA

(Conclusão)

— Vende-se, essa rosa?

— Não. Não póde ser para o senhor — respondeu com fleugma, entreabrindo lentamente seus labios brunidos.

— Que pena! — murmurou. — Poderia vêl-a de perto, a côr dessa rosa...

O Grande Verdugo ergueu-se, em silencio. Foi abrir a vitrine. Retirou a rosa do vaso de ebano. Approximou-a de meus olhos e, com um golpe de unha, quebrou um espinho do pedúnculo, mostrando-me a ferida, contra a luz.

O pedúnculo vibrou como um pequeno verme. A mariposa negra conseguiu evadir-se do cerrado circulo de seu vôo e foi pousar na ferida. Balthazar Balt afugentou-a com um gesto lento. E eu, com os olhos dilatados de espanto, exclamei:

— Sangue!... Essa rosa se alimenta de sangue!...

Balthazar Balt, sorrindo, commentou:

— Sangue?... Sangue no pedúnculo de uma rosa?... Seria, na verdade, a coisa mais bella do mundo.

Dito isso, depositou a flôr no vaso de ebano. Mas antes que elle fechasse as portas da vitrine, eu pude olhar de perto o vaso. Meus olhos viram, então, sob uma lamina de crystal provida de um pequeno aguilheiro central, por onde passava o pedúnculo da rosa, um liquido cuja superficie estava formada por coágulos de sangue ennegrecido.

Nicolás Sverotsky foi sentar-se sobre as almofadas, deante do samovar.

Eu tive a impressão de que tambem em minha garganta se formava um grande coágulo de sangue, que me impedia de respirar.

Com gesto brusco, tomei o braço de Aleixo, que permanecêra immovel junto á vitrine e, com voz desfallecente, lhe suppliquei:

— Vamos... Vamos...

Na travessa, já invadida pelas sombras da noite, julguei ver, ao longe, destacar-se a silhueta tragica de uma guilhotina. Voltei a cabeça para admirar pela ultima vez a flôr maravilhosa. A mariposa negra pousára na ferida do pedúnculo e succionava a seiva vermelha.

— Sangue... murmurei. — Sangue...

E, de subito, cravando os olhos em Aleixo, perguntei:

— Quando guilhotinaram o principe João, o amante de Aglaia?

A voz de Aleixo respondeu-me:

— Esta manhã... Eu assisti á execução. Sverotsky apertou o botão da guilhotina. Lembro-me que na outra mão tinha um vaso de ebano... Sim: talvez seja o mesmo que está na vitrine... e nada me surprehenderia que um dia destes Nicolás Sverotsky subisse ao patibulo para apertar pela segunda vez o botão da guilhotina. Levaria então, na mão, este mesmo vaso de ebano, para recolher nelle... o sangue de Aglaia!

A RONDA DOS VENTOS

A's vezes,
os ventos passam sarabandando,
soando, resoando,
musicalando o silencio em fugas imprevistas,
em asonancias futuristas...
Oh! os vendavais
poluindo, esphacelando, desflorando os rosaes...
...Levanto as minhas mãos para os ventos: ás vezes,
vem nellas repousar uma petala fria
e eu a recolho nas mãos tremulas, com alegria,
como si recolhesse
um talisman que traga
um pouco de felicidade fugidia...
Tendo-a sou todo sonho... e o sonho que me invade
deriva,
esquece,
embriaga...
...até que outra lufada subita m'a tira
e fica apenas entre os dedos, nas mãos tremulas,
um perfume fanado, uma alma de perfume,
algo como um perfume de felicidade...

EVAGRIO RODRIGUES

Escriptores e livros

Odilio Medeiros — ESCRIPTURAÇÃO MERCANTIL POR PARTIDAS DOBRADAS E SEM MESTRE — Editores: Odilio Medeiros e Manuel J. da Silva — Rio de Janeiro

O estudo da contabilidade commercial, mais que qualquer outro, reclama a adopção de methodos intuitivos, praticos, capazes de permittirem facil e efficiente dominio da materia em pouco tempo.

Foi o que comprehendeu intelligentemente o sr. Odilio Medeiros, conhecido professor de contabilidade e que acaba de publicar excellente obra sobre o assumpto — *Escripturação Mercantil por partidas dobradas, sem mestre*, trabalho que, de certo, terá a melhor acceitação. E' esse o titulo do volume basico, guia e orientador dos quatro fasciculos que o acompanham e que são: um livro Diario, um Caixa, um Contas Correntes e um Razão. Com taes elementos qualquer pessôa dentro de pouco tempo ficará conhecendo com segurança a technica da escripturação mercantil, cujo estudo, por esse methodo, se torna ainda interessante e attrahente.

Esse excellente tratado de escripturação mercantil é edição do autor e do sr. Manuel J. da Silva, antigo e conceituado commerciante desta capital.

Floriano de Lemos — DIREITO DE MATAR E CURAR — Ed. A. Coelho Branco F.º — Rio

DUAS são as theses abordadas neste volume, cada qual mais curiosa. Deve o doente ser tratado, mesmo contra a sua vontade? Póde o medico abreviar a vida do moribundo e do incuravel? Medico e escriptor brilhante, o dr. Floriano de Lemos não mais carece de apresentação, pois é sobejamente conhecido e apreciado pelo valor dos trabalhos que tem produzido, e pela assidua collaboração na imprensa, onde agita sempre os problemas de maior interesse para a humanidade. Os estudos enfeixados no presente volume são da maior utilidade para os medicos e para os juristas, encerrando uma somma de observações intelligentes. A exposição é clara, a argumentação convence, a linguagem correcta. Livro digno de leitura.

A. Hollard — PRINCIPIOS DE QUIMICA MODERNA — Flores & Mano, edts. — Rio — 5$

COMO explica o sr. Oscar Ferreira no prefacio deste livro, o professor Hollard não é só um dos mais distinctos mestres do moderno ensino da Chimica em França, mas um dos didatas mais respeitados da Europa, já pela clareza com que expõe os pontos controvertidos e difficeis, já pela concisão com que desdobra e torna altamente comprehensiveis os capitulos mais subtis e delicados da sciencia em que conquistou tão solido renome. Pois o estudante brasileiro tem, agora, ao seu alcance, este precioso tratado, graças ao esforço do professor Oliveira de Menezes, lente do Externato do Collegio Pedro II, nome acatado do nosso magisterio, e autor desta traducção primorosa, segundo a opinião dos especialistas deste ramo da sciencia.

Menotti Del Picchia — JESUS — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 5$

UMA tragedia sacra, sobre assumpto bastante explorado. Não fôra o nome do autor, certamente o volume despertaria relativo interesse.

Entretanto, os versos de Menotti são lidos sempre com agrado. E' o que acontece com este poema, cuja leitura prende a attenção do leitor.

O motivo central do trabalho vem explicado *antes da tragedia*, na primeira pagina do livro. Diz o autor: "Esta tragedia sacra escrevi-a modulado pelo espirito do Evangelho de S. Matheus.

"Procurei ser humildemente fiel á narrativa do Apostolo, sem dar ao artista o direito de estylizar a verdade com artificios que pudessem desnaturar a simples e divina belleza do drama sagrado. Não me atrahiram as faceis e correntes interpretações bizarras da alma de Judas, tão ao gosto dos que procuram crear originalidades com o torvo conteudo moral do apostolo maldito. Conservei-me respeitoso á tradição, mesmo ao gizar o perfil do deicida Iscariote.

"A fórma monstruosa com que o discipulo trahidor escarra sua colera e seu ciume contra o Deus encarnado não aberra do que se póde psychologicamente inferir da sua sacrilega attitude. Num maximo de synthese tentei exprimir o choque das duas civilizações que decidiam o destino do mundo no Pretorio de Pilatos. Dando gestos e movimentos scenicos ao julgamento do Divino Mestre, procurei fazer obra sobria, offertando ao theatro brasileiro uma tragedia christã destinada a reevocar, na alma corrupta dos homens, o holocausto do seu Deus, sacrificado por seu amôr a todas as creaturas."

A edição é magnifica. As illustrações são primorosas.

Estrellita Junior — AS MINAS DO SINCORÁ — Liv. Editora Freitas Bastos — Rio

O autor orientou os seus estudos no sentido de verificar a existencia duma raça e duma civilização pre-historica no continente americano. E' do resultado das suas investigações que nos dá noticia neste volume. Possivelmente, o autor está convencido de que affirma apenas verdades, bebidas em documentos de valor. Não vale a pena tirál-o da illusão, porque o assumpto daria panno para mangas. Ademais, não pretendemos penetrar em seára alheia, nem desvirtuar a finalidade desta secção. Cumprimos prazenteiramente o dever de registar o esforço do investigador que produziu uma obra curiosa, interessante sob varios aspectos.

«VÃO BÓRA, JOÃO»

NOITE fechada, lá vem elle, com os passos sabidos, no seu andar tratado de urubú malandro, em demanda do seu ninho macio e quente que, o "Sô Cerso" construiu para elle descançar o corpo forte e aveludado das fadigas physicas, oriundas do trabalho árduo, de sol a sol, no seu labor de oleiro.

Chega á porta da minha casa, perfila-se e, sacudindo os dois braços possantes, attrita as duas mãos, que se unem e se deslocam rapidamente, batendo palmas ouvidas em uma distancia kilometrica.

Eu, naquella hora calma e de recolhimento, sabendo que se trata de uma visita importuna, porém, camarada, ás primeiras palmas que rebôam intensas, no ar vazio da noite, respondo logo assim:

— Que é que, você quer, João?

— Nada, seu dotô... o violão tahi?

— Vamos chegar, João, mas, não amola muito, porque já é tarde e eu não estou disposto a ouvir conversa fiada.

E, puxando a cadeira, nella se refestela, repousando corpo e alma, na doce e suave quietude de quem se despreoccupa da vida, abre a bôcca larga formada por dois labios grossos e violaceos, num bocejo tranquillo.

— Que é isto, João? Está com somno?

— Não, seu dotô; o violão tá custando... elle tahi?

E uma gargalhada estridente e sã enche de vibração o ambiente, até então silencioso, da sala onde estamos, e aquellas duas fileiras de dentes muito claros, brancos tendo entre elles uma coróa de ouro que brilha sempre muito, nos dão a impressão de dois teclados de arminho feitos, incrustados numa peça de ebano lapidada.

João Jeronymo é preto moço e amigo.

Nascido no mesmo pedaço de terra em que nasci, na lendaria cidade de Cantagallo, berço do autor dos "Sertões", é dedicado e leal.

Tóca samphona e é "roxo" por violão; neste, vae "arranhando" e procurando "florear" os varios tons que faz.

Intelligente, "sabido" e "manhoso", tem perfeita psychologia da vida; ninguem o leva no "arrastão" e sabe se "defender trabalhando".

Quasi todas as noites, palestramos, "sapecamos" o "pinho" "choroso" (que elle diz estar "treinando", para não cuidar de outra coisa...), formando um trio — eu, Celso e João, o que redunda num quartetto, porque o violão é "figura" principal.

Entre 11 e meia noite, o meu mano Celso vira-se para João e diz-lhe:

— Vão bóra, João!

— Espera, sô Cerso; é muito cedo; sô Deço num dróme agora!

Escancara bem a bôcca, num bocejo forte e, leva os braços no ar, se espreguiçando molemente.

— Vão bóra, João!

— Ah! deixa de amolação, sô Cerso; vamo aprendê mais outro ton; sô Deço insina.

— Vão bóra, João!

— Quá! só indo mêmo! Esse sô Cerso acha ruim, quano o ovido não dá no ton... Bem, té manhã sô Deço; te manhã, Lucy... Bem, vamo... D. Judith, Geraldo e Therezinha tão dromindo.

E uma gargalhada bôa e sadia quebra o silencio da noite clara e fria.

— Vão bóra, João!

E lá vae elle, com passos tardos "sabidos", gargalhando sempre... rada que João faz, relembra a acompanhado do Celso, que, de instante a instante, em cada phrase que, tanto o aborrece:

— Vão bóra, João.

DECIO BARRETO

— Sabes que os Gonçalves estão aprendendo francez?
— Com que fim?
— E' que elles adoptaram uma criança franceza, e querem entendêl-a, quando principiar a falar...

O Barão

De Marcel Berger

RUELLE, Prestal e eu estavamos sentados no modesto terraço do Hotel Beellevine. Fumando cigarros mediocres, contemplavamos a bahia de Cannes.

Ruelle reclamava a cadeira em que estava sentado, porque o encosto lhe machucava as omoplatas.

— Onde estão as maravilhosas poltronas do Triumphal?... Conhecem o preço deste hotel?... O quarto menor custa cento e cincoenta francos por dia. O porteiro mostrou-me, outro dia, no *hall*, o barão Maëlstrou, que, para ter reservado o seu apartamento habitual, o aluga desde o começo do inverno.

— Em que pensas, Cardan? — perguntou Prestal, segurando-me no braço.

— Esse nome, pronunciado aqui, me recorda um facto interessante...

— O nome do barão Maëlstrou?

— Sim. Nada me diverte tanto como o pensar que exista esse personagem.

E, a pedido de meus amigos, recordei uma terça-feira de Carnaval.

— Essa noite havia, no Casino, o baile tradicional... Trajes esplendidos e grotescos. O publico, mais engraçado que se póde imaginar: mulheres com vestidos riquissimos, misturando-se com raparigas, recem-iniciadas na vida nocturna, pareciam umas mariposas extraviadas na polychromia da sala; bailarinas núas, pares da Inglaterra. Um baile, emfim, semelhante a um cataclysma social que tivesse nivelado todas as classes. E isso, favorecia surprezas, aventuras, e alegria etc.... A esse lugar de perdição arrastámos um amigo. Chamava-se Lourenço. Nome triste, como sua pessôa. Era um rapaz culto, porém misanthropo. Apesar de talentoso e preparado, conformava-se vegetando como ajudante no laboratorio de uma pharmacia. Sua ingenuidade, sua candura eram proverbiaes em nosso Club. Não lhe conheciam uma aventura, uma amante, nem siquer uma namorada. Preparámos um plano diabolico para arrastal-o áquella orgia. Porém, uma vez no alvoroço infernal do Casino, a roupa fóra de moda e seu ar infeliz nos desarmaram completamente. Ficou todo tempo nos corredores ou perto das portas, evitando as mulheres que passavam a seu lado. Si as olhava, por acaso, desviava logo os olhos. Sua attitude era estupida á força de discreta. De quem foi a idéa?... Minha, confesso. Depois de dançar um *fox-trot* desenfreado com Lucette, camarada ha uma semana, mostrei-lhe Lourenço e disse-lhe:

"— O barão Maëlstrou. Conhece-o?...

"Minha amiga enternecia-se ao ouvir falar em nobreza. Por isso, apressou-se em olhar Lourenço, examinou-o, valorizou-o rapidamente e não poude evitar um gesto.

"— O rei dos armadores dinamarquezes — continuei. — Possue e dirige uma frota de trezentos navios; quinze ou vinte milhões de renda; talvez mais. Um homem simples, além disso, e muito gentil...

"— Vê-se — disse ella.

"E pediu-me:

"— Apresente-m'o.

"Fiz as apresentações com gravidade, tratando de fazer comprehender a Lourenço a pilheria, sem offendêl-o. E elle vacillou um ins-

(*Continúa na pag. seguinte*)

ÉCOS DA "VIUVA ALEGRE"

POUCAS vezes nos recolhemos pensando com gratidão nos homens que, com sua arte musical, com seu espirito e sua alma, nos proporcionaram momentos de gozo intellectual e artistico, transportando-nos longe das camadas de denso materialismo, onde nos debatemos na labuta diaria. Não ha quem não possa evocar com enlevo, do fundo de um passado ainda muito recente, as cadencias saudosas das valsas da "Viuva Alegre", recordando simultaneamente episodios e quadros da mocidade.

Paris acaba de consagrar, com grande exito, a ultima producção do Rei da Opereta — Frantz Lehar, o pae afortunado da *Viuva Alegre*, que hoje conta mais um triumpho com a execução de *Frasquita*, a ultima filha de sua inspiração melodica e ao mesmo tempo electrizante. Austriaco de nascimento, Frantz Lehar não desmente a raça de um paiz onde se adora a musica e onde se sabe amar o amôr.

Parece que por toda a parte o acompanha como um perfume voluptuoso. Quando o encontram na rua, os transeuntes voltam a cabeça para vêl-o melhor, como si fôra uma mulher moça e bonita que passasse sorrindo.

E' como uma subtil harmonia, uma doce caricia, a languidez de um sopro que nos communica uma mysteriosa emoção dos sentidos e da alma. Não é nada... mas é tudo.

Teve uma vida romantica. Primeiro premio de Violino do Conservatorio de Praga, de onde sahiu quasi criança ainda, tomou parte na orchestra de Barmen Elberfeld. Chegou depois a ser gerente dessa mesma orchestra e trabalhava dezoito horas por dia sem ganhar o bastante para matar a fôme... elle que deveria mais tarde chegar a ser multimillionario! Vivia em Vienna uma vida miseravel. Desesperado, alistou-se, e entrou a fazer parte do 5.° regimento de infanteria, onde tocava violino na banda de musica dirigida por seu proprio pae. Naquelle tempo, andava vestido com um dolman verde claro, botas de couro lustroso e tinha talvez um bigodinho atrevido de que andava, certamente, muito ufano... Passou, em seguida, a ser o chefe da musica do 25.° regimento, posto de honra, que logrou ganhar após um brilhante concurso, partindo em seguida para Losone, onde, certo dia, administrou uma série de bofetões em um superior que julgou poder insultál-o sem razão. Dahi resultou a sua fuga precipitada para Pola, que foi a primeira etapa de sua gloria.

Lá, elle dirigia a famosa musica dos marinheiros da frota, que um dia impressionou sobejamente o proprio imperador da Allemanha. O monarcha queria recompensál-o com uma condecoração, mas, quando lhe falou, pensou fazer melhor: deu-lhe uma quantia de dinheiro. Lehar immediatamente pediu a sua demissão. E dos que só amam trabalhar quando têm disposição e, tendo horror a servir a palavra "obediencia" não tem, para elle, significação alguma.

Sua primeira opereta — *Kukuska* — obteve grande successo em Leipzig, mas não lhe deu nenhum resultado pecuniario...

NA ESCOLA

— Quem foi Budha?
— Foi o fundador de Budapest.

A gloria é rebelde.

Ella se dá, mas não se deixa comprar.

Desde cedo, Lehar quiz conquistál-a, mas foi só muito tarde que ella cedeu. Em compensação, permanecêra-lhe fiel, dando-lhe felicidade e riqueza.

Não é com facilidade que se enthusiasma por um libreto; é mister que elle proprio se apaixone em primeiro lugar pela heroina.

E assim foi agora com *Frasquita*, que é filha, neta e bisneta de "Carmen", sem, todavia, finalizar suas aventuras com o lance tragico de sua antepassada.

Frasquita é encantadora: dança, canta, namora e não leva punhaladas, porque sabe levar o noivo, com quem casa por fim, com satisfação de todo o mundo.

Illusão adoravel, illusão necessaria ao complemento de uma obra de arte.

O proprio Lehar deu-me uma admiravel definição da opereta:

"E' arte que brinca com ella propria e o espirito dramatico prende-se ás possibilidades tolas que elle mesmo faz surgir. A musicalidade extravagante gira e se desenvolve em torno dos sentimentos, dos costumes e dos scenarios, para transformar tudo numa s[illegible] leane caçoada. Quem não gosta de voltar, ás vezes, a ser criança?"

Como isto é verdadeiro! Frantz Lehar escreveu numerosas obras adoraveis. E' universalmente applaudido e ha poucos dias entrou a fazer parte da congregação dos commendadôres da "Legião de Honra". Sua maior gloria, todavia, permanecerá sempre a de ser o autor da *Viuva Alegre*. Quando se quizer evocar o inicio do nosso seculo, daquelles annos cheios de esperança, de flôres e de alegria, os chapéos enormes, carregados de plumas, e os primeiros automoveis que nos transportavam, num enthusiasmo louco, a 10 kilometros a hora, os écos da valsa da *Viuva Alegre* voltarão a vibrar na memoria com suas adoraveis cadencias: cadencias frageis, um tanto impregnadas de esquecimento, sahindo da bruma dos annos longinquos, embora ainda muito visinhos, em que viviamos despreoccupados. E' uma captivante melodia — uma valsa lenta que nos leva, docemente, e depois mais rapida, mais e mais rapida ainda, a um paiz de sonho e de ideal, onde é bom se viver e se amar. E' um turbilhão louco, onde nos deixamos cahir, com os olhos fechados e o coração palpitante, graças ao mago incomparavel que sabe fazer nos vibrar com a sua arte encantadora.

ITAV[illegible]

saibam todos...

MARIZA (Capital) — A sua missiva perfumada a Caron, creio eu, — o que é raro, nestes tempos de aperturas — devia ser julgada confidencial, pela delicadeza do assumpto que encerra. Como, porém, traz um pseudonymo — Mariza — e é o caso de muitas outras leitoras, experientes ou não, resolvo transcrevel-a nesta pagina, afim de que se aprehenda bem a intenção da minha resposta.

Escreve v. ex.:

"Yves amigo. Saudações. Gosto de tudo que escreves. Dos teus versos, do teu romance, e da delicadeza e encanto das paginas por ti firmadas no Fon-Fon.

Não precisas invocar os teus cantos exoticos. Seriam porventura melhores que os outros? creio que não, Yves.

Não te envio versos ou pedido de estudo graphologico; venho apenas solicitar a tua valiosa opinião sobre um caso de amor.

Achas que a mulher deve empregar todos os meios para conquistar o homem que ama?

Lutei durante muito tempo com os preconceitos e uma altivez que julgo muito natural e que nunca imaginei quebrar, mas renunciei a tudo isto por causa de alguem.

Nada consegui, Yves, mas apesar de me sentir bastante deprimida, creio que nunca me arrependerei, pois qualquer que seja o meu futuro, tenho certeza que não poderei esquecel-o.

Pensas que elle é uma criatura de especial encanto? Nada disto, já não é um rapaz, nem um homem de sociedade e sei por terceiros que luta com serias difficuldades financeiras.

Poderás dizer porque gosto delle? Asseguro-te que elle nada fez para me agradar, muito ao contrario.

Queres ajudar-me com um conselho?

Gratissima pela tua preciosa attenção. — *Mariza.*"

Em amor não ha nada original. Tudo é velho — consoante aquelle velho proloquio latino: "Nil novi...", e que não cito por considerar um desafôro haver alguem que ainda cite taes velharias...

Voltando ao seu caso, direi que elle é commum na vida e no "Saibam todos"...

Entretanto, repetirei o que já disse a muitas outras: — em coisas do coração, cada um de nós resolve por si proprio. O amor é a unica doença... do coração para a qual não se encontram remedios, como nos formularios de homeopatia. Si assim fosse, todos nós estariamos curados...

Parta deste principio, que considéro humanissimo: — soffrendo ou não pelo amor, todos nós somos felizes, quando amamos. A desgraça em amor é não ter amor. Não é soffrer por amor. Percebe? E nenhum de nós tem culpa de amar ou de deixar de amar. E muito menos do que acontece no amor.

Stendhal chama a attenção para o caso, dizendo: "L'amour est comme la fiévre, il vait et s'éteint sans que la volonté y ait la moindre part."

No amor, a nossa vontade não entra por coisa alguma. Nós dizemos: "Eu te amo!" Qual nada! E' o amor que nos obriga a amar. Dizemos depois: "Eu não te amo!" E' outra tolice.

O responsavel por essa revelação é o proprio amor, que fugiu do nosso coração.

Que poderemos nós contra elle? Si tudo occorresse como pensamos e queremos, não chegariamos ao ridiculo de amar a uma pessôa que nos despréza com a maior crueldade. E certamente não haveria suicidios passionaes... Que diz?

No seu caso, o melhor é ouvir a voz do coração. Nunca a da consciencia. Ellas vivem em perpetuo conflicto. A voz da consciencia é a da razão. E a razão só é bôa para os outros. Para os nossos casos — nunca.

Pela bôa razão, o amor deveria ser uma coisa ordenada, logica, sensata, correcta, certa, medida á fita metrica ou acondicionada com absoluta justeza, num estôjo de moral, á maneira dos petrechos de costura ou de unha: — cada coisa posta no seu logar.

Não! O amor deve ser livre e absoluto. Nada de raciocinios, nem de coações! "Quem pensa não casa"... — diz o povo. Quem ama com o cerebro não ama... — digo eu.

E si é certo que, no amor, todas as condições são bôas: que soffrendo ou não, sempre se é feliz, é claro que devemos conservar a felicidade que elle nós dá. E isto porque ella é feita para o nosso gozo, o nosso sonho e a nossa alegria de viver. Ninguem prepara uma felicidade de amor para offerecel-a ao vizinho, como si offerece um prato de doce de côco, por cima do muro do quintal.

A felicidade do amor é só nossa.

E cuidado com os tartufos, os puritanos, os conselheiros, os "ajuizados", que afinal, sendo sempre maus e invejosos não tratam senão de destruir a felicidade alheia. Perdida esta, os taes biltres, conselheiros e puritanos, não nos darão outra. Rir-se-ão, porém, da nossa dôr, do nosso desespero, da nossa decepção; e ás vezes, dão de hombros: "Que tenho eu com isso? Que se arranje como puder!"

No seu caso, siga o seu coração, e entregue o resto ás forças occultas e sábias que regem o nosso destino incerto. Não vá atraz de conselhos. Não peça opinião ás suas amiguinhas. Estas, geralmente, são egoistas: — só desejam felicidade para si...

E si achar que tambem sou puritano, conselheiro ou tartufo, póde rasgar esta pagina... depois de pagar o *Fon-Fon* ao jornaleiro... está claro...

E volte, si assim lhe convier.

MANFREDO (Estado do Rio) — Infelizmente não posso attender o seu pedido. O seu poema é demasiado longo, e não dispomos de espaço para tanto.

Mande-nos qualquer coisa menor.

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviarnos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDERECO
Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone: 2-4135
FON-FON — 9-9-933

Data da consulta...
Nome do consulente...
...

MARIA ALBA (Capital) — Não é possivel que se perca, lá no fundo da cesta, a preciosidade da sua carta azul-celeste, como a sua alma de moça bonita... Azul-celeste? Aliás, sendo v. ex. Alba, (*Maria Alba*) conviria dizer que a sua alma de moça é rosea como a alvorada, o alvorecer, a madrugada dos seus sonhos... Mas, ficaria cheirando a literatura suburbana — typo Mangaratiba ou S. João do Merity...

Vejamos a sua missiva:

"Caro Yves. Na quietude encantadora desta tarde, não sei como lembrei-me de você.

Talvez a recordação de algum dos seus escritos influindo sobre minha alma, tenha-me forçado a escrever-lhe.

Não temo, Yves, a sua ironia e por isso atrevo-me a confessar que mau grado a minha educação e o seculo pratico que atravessamos, sou uma sentimental...

Sei bem, que você não me poderá lançar a primeira pedra, pois através dos seus escritos descobre-se uma alma romantica, um coração ferido por amor não correspondido.

Perdoe-me a indiscreção, porem você é o unico culpado (se existe algum), porque não podemos, nós mulheres, convercermo-nos, que sua aversão pelo nosso sexo, não seja motivada por alguma desillusão amorosa...

Concordo, apesar de tudo, com todas as coisas más, que você diz das mulheres, porque mesmo sendo filha de Eva, não suporto a mentira...

Não importa o juiso que fizer de mim; pode chamar-me de hipocrita, fingida, e tudo mais que desejar.

Continuarei sempre admirando o seu raro talento e fazendo votos pela realisação dos seus sonhos de felicidade...

Inda, que não tenha a honra de conhecel-o pessoalmente, pode crer na sincera amisade da — "*Maria Alba.*"

Mas, que quer dizer v. ex., D. Maria Alba? Fiquei na mesma. A sua carta é um enigma...

Veja si no proximo correio me manda a explicação do que desejou dizer na sua missiva azul-celeste...

Parece que está contra e, ao mesmo tempo, a favor das suas irmãs de sexo...

De minha parte, tenho a declarar que gosto muito dellas...

Principalmente quando nestes casos:

I — não sendo literatas etc, etc; o resto não precisa...

II — não sendo feminista nem coisa parecida;

III — não sendo solteironas (casa dos *enta*, isto é casa dos quarenta e tantos); nem angelicas... nem pudicas... nem mexeriqueiras...

IV — não sendo gordas e volumosas, isto é, que passem dos 50 kilos... (Justificativa: as gordas dão-nos trabalho a pôl-as no bonde, no omnibus, ou, em caso de incendio, a atiral-as pela janella abaixo)...

V — não sendo caróla, prégadora de moral;

VI — não sendo amiga de vestidos verde-periquito, amarello-gemma de ovo, *beige* (dá azar) ou cinzento...

VII — não sendo apaixonadas de football ou de cinema. (Que praga, santo Deus!)

VIII — não falando muito, nem alto, (taliscas, geralmente!) nem alegres demais...

IX — não sendo carnavalescas, não cantando, nem declamando, (mal, já se vê!) seja lá o que fôr...

X — não discutindo literatura... (Uff! Que medo!) Nem religião...

XI — não me falando em "princes charmants"... (Outra praga!) — Pequena prompta, que ganha cem mil, como dactylographa, pretende noivo que possúe 100 contos, annel de doutor, (não importa qual) e parecido com Ramon Novarro...

Desde que as suas irmãs de sexo observem esse decalogo, terão um grande admirador e amigo na minha obscura pessôa...

ADMIRADOR SENIOR (S. Paulo) — Upa! O sr. é um homem inflammavel. Dá-me a idéa de certas materias de combustão expontanea.

Basta um olhar chammejante, a flamma de um sorriso mais cálido, para que a sua alma se transforme num incendio. De modo que, ao responder á sua carta, achei prudente em pôr aqui a meu lado uma grossa mangueira do Corpo de Bombeiros e um possante extinctor de incendios.

Mas, vamos á sua carta curiosa:

"Caro Snr. Yves — Saudações. Em seu jornal do dia 29 de Julho á pagina 32, em baixo, vem a photographia de um grupo da "Hora de Poesia", no Amazonas — Manaus — do poeta Venturelli. N'esse grupo, a 2ª da esquerda para a direita, figura uma linda criatura. Tão linda e tentadora como o mais lindo e tentador peccado. Será a poetisa Nysia Netto? Se é, ella não deve ser poetisa mas sim a mais inspiradora Musa.

Nunca vi, os meus olhos jamais descansaram, em tão bello poema. Para mim tenho que os anjos, no céu são uma zurrapa a par d'aquelle vinho finissimo. Como plastica é simplesmente sublime, como semblante chega a ser mais do que angelica. Parece querer-nos fallar.

De certo passou-lhe desapercebida: reveja-a e verá que tenho razão. Qual, Snr. Yves, o firmamento brasileiro tem mais lindezas do que quantos Hollywoods possam haver. Amazonas, "inferno verde" — uma Ervinha d'aquellas torna paraiso o peior dos infernos.

Uma criatura assim, faz, a seu bel prazer, de um homem, um santo, um heroe ou bandido. A meu ver, a mulher, é e será sempre, a cupula de todas as Creações, o seu melhor ornamento. Será mesmo a poetisa Nysia Netto?

Teria, o presado amigo, a bondade de dizer-m'o pelo seu "Saibam Todos"? Se o fizer picar-lhe-ei gratissimo. — *Admirador Senior*".

Meu caro. Si a nossa gravura apresenta a senhorita que tanto o encantou como sendo uma poetisa, é porque de facto ella é portadora desse titulo.

Agora, o que me parece provavel é a bôa risada que a moça dará, quando ler aquelles logares-communs segundo os quaes a joven poetisa é "musa inspiradora", "anjo", e outras coisas vulgares.

Uma poetisa, em geral, detesta essas phrases feitas, que nos entram pelos ouvidos, quasi sem nos impressionar.

Emfim... Como as mulheres são caprichosas...

F. J. PAEPCHE (S. Paulo) — As consultas que v. ex. me faz devo responder o seguinte:

1º — O *a* de *confirmamos* (verbo *confirmar*) empregado no presente do indicativo, não deve ser accentuado. Isso só se dá quando o tempo do verbo é o *perfeito* do *passado*.

2º — Vae seguir *no vapor* é uma phrase correcta. Seria mais elegante si dissesse: *vae seguir pelo vapor*.

3º — *Feita*, no caso, é o *objecto* directo de *será*, predicado grammatical da proposição: "A estimação do valor do prejuizo". A concordancia está perfeita.

4º — *Pedimos a v. s.* e não *pedimos á s.* Está no mesmo caso a expressão *contra a seu favor*, e não *á seu favor*. O *a* não é crasado.

5º — *Assistir á descarga*, isto é, *assistir ao acto da descarga* e não *prestar assistencia á descarga*, *assistil-a*, o que seria erro, no caso. A fórma acima é a correcta.

6º — *Todavia fazendo votos para que a mercadoria chegue em perfeito estado, agradecemos*, etc.

Todavia está bem empregado. E' adverbio, equivalente a *comtudo, apezar disso*, embora alguns grammaticos considerem esse vocabulo simples conjuncção.

M. NEBELOS (S. Paulo) — Bem feito o seu conto, *Um romance paulista*. A acção está bem pintada. A psychologia dos personagens não está má. Preferia no emtanto, que a Bartolomeu não morresse, burramente, como morreu.

O mal dos nossos contos, novellas e romances é terminarem como certos filmes: — de accordo com o que se prevê...

Antes de chegar ao fim da sua narrativa, eu já sabia que o seu heróe iria atirar-se do viaduto ao solo florido do jardim.

LARITE (Minas) — Magnifica a sua piada! O sr. interpretou fielmente o meu pensamento... si acaso fosse pintar em versos o pavor que nos inspiram os *sonetos*...

De resto, o sr. é engraçado. Fará rir ás nossas leitoras bonitas, embora faça chorar e irrite os maus poetas...

Lá vae a sua *blague*:

LEGITIMA DEFESA...

A lua foge espavorida
e vae suando um luar gelado
pelos valles pretos...
Sabem porque a lua foge espa-
[vorida
e vae suando um luar gelado?
— Com medo dos sonetos...

Larite

SONIA (Capital) — Não costumo fazer estudos de graphologia senão para os meus conhecidos. Como porém a sua letra é muito interessante, á luz dessa sciencia, dou aqui o resultado do exame que fiz da mesma.

Trata-se de uma pessôa extremamente sensivel, quasi doentia. Alma complicada, indecisa e vacillante, em todos os seus actos, não tem vontade propria, mas é obstinada e caprichosa nas suas decisões. Cerebral, é muito pouco affectiva, e difficilmente será capaz de uma afeição forte, sincera e grande nos sacrificios. E' calma, doce. Delicada. Fantasista, por excellencia, vê a vida através de um prisma falso, tomando as coisas reaes como si fossem feitas ao sabor da sua imaginação sonhadora. Ciumenta e egoista, tem a preoccupação do seu *eu*, que ha de predominar sobre todas as coisas.

E' vaidosa, excessivamente vaidosa e, não raro, denota um rebuscamento, em todos os actos de sua vida que só podem ser traduzidos como originalidade e bizarria inconscientes.

E' um pouco indolente, fraca para a luta e desencorajada. Deve ser linfatica, nervosa, sem exaltações apparentes.

ANNA MARIA (Capital) — Infelizmente não recebi a carta que me enviou sem ter pago o respectivo porte. Será melhor registral-as. Si é que deseja fazel-as chegar ás minhas mãos...

Quanto ao mais, declaro nutrir uma grande sympathia pela sua pessôa... embora não tenha a honra de conhecel-a pessoalmente...

E' a primeira que isso acontece: não sou capaz de nutrir sympathias senão por pessôas que conheço e que, para mim, são, portanto de existencia real...

V. ex. é uma excepção.

Yvna

Uma velha

TODA a cidade tinha uma cara nova. Era como si houvesse um proposito geral de muita satisfação, e, por parte de certas partes, de pouco trabalho.

Iam se fechando mais cedo os grandes armazens das ruas do Brum e do Apollo, os gordos e ricos assucareiros, com suas calças brancas e os seus fraques talhados no Maniva ou no Falbo, despediam-se affavelmente dos caixeiros, nas calçadas que o assucar tornava escorregadias e amarelladas, e iam tomar os bondes de Magdalena ou de Fernandes Vieira, de rumo aos seus palacetes; os empregados, com as festas nos bolsos, com as cabeças cheias de projectos para a noite, ganhavam outros destinos num alvoroço de escolares que saem dos estudos antes da hora.

As casas em grosso da esguia rua da Cadeia, depois de uma manhã de pasmaceira, em que serventes e abridores de caixas da Alfandega vinham pedir a gratificação costumada, cuidavam tambem de cerrar as portas porque nada havia mais a fazer dali para as cinco horas.

No caes da Lingueta dissolvêra-se logo ao meio-dia a "praça". Corretores, banqueiros, armazenarios de assucar e de algodão contentavam-se em conversar nos banquinhos de ferro que circulavam as gameleiras, e, após o aperitivo no Hotel Defrance, tocaram para os lares.

Somente do "outro lado" se verificava movimento no commercio, nas lojas a retalho da rua do Crespo, do Cabugá, do Queimado, Nova e Imperatriz. Compras de guloseimas nas vendas do Christovam, do Lima, do Martins; de sapatos na "Sapataria Cesar", na "Botina Maravilhosa", na "Sandalia Chic"; de fazendas e miudezas, no "Paradis des Dames", na "Loja do Povo", na "Liga", na "Iracema" e na "Risonha" que era a mais nova mas onde Petronilo Lins fizera a fulminante conquista de todos os freguezes... Para os chapéos procuravam-se a casa do Adolpho, o Raphael, o Virgilio Cunha, a Colombo — quasi todas desapparecidas.

No vae-vem das ruas centraes, a romaria dos pequenos embrulhos, pequenos e grandes. Quasi sempre de calçados, chapéos, queijos, folhinhas indiscretos pelos formatos e proprios da época.

E as phrases typicas ao encontro dos conhecidos:

— Bôas festas!

— As mesmas...

As compridas carroças puxadas a bois passavam em filas enfeitadas com folhagem de coqueiros, com vistosos crotons ou laçarotes de papel de sêda, já vazias, caminho das cocheiras. Vinham de dentro do Recife, de Fóra de Portas, cheirando a assucar, tranpondo o Arco de Santo Antonio, ou dobravam o caes do Collegio com destino ao bairro de São José ou seguiam em frente para se recolherem aos Coelhos. Ganhadores com caixões cheios de generos nas cabeças; outras levando debaixo dos braços perús enfeitados com fitas; ou balaios pejados de fructas, as bandejas de pasteis cobertas com pannos de crochet.

A's vezes, era uma mulatinha graciosa, de vestido novo, de olhos reinadores, que levava ou vendia esses pasteis, o que fazia *A Provincia* dizer, uns versos finamente maliciosos:

Mostrando a gala de um vestido
[novo,
Reservado p'ra festa do Natal,
Na singeleza de mulher do povo
Sadia e jovial.

Eis a musa gentil da gulodice!
Tez escura, cabellos carapinhos,
No labio um riso cheio de mei-
E pleno de carinhos. [guice

Leitor amigo ou desaffecto mesmo,
Não precisamos conhecer quem és...
De porta em porta vae batendo a
A preta dos pasteis. [esmo

Podes servir-te sem gastar dinheiro,
Fica por nossa conta essa despeza,
Mas depois de vazio o taboleiro
Que não fique a "fregueza"...

Já eram daquelles tempos os piratas

Pouco a pouco, o bairro do Recife virára uma brenha. Escuro, triste, silencioso. As suas ruas de altos e velhos sobradões com cachorros de pedra amparando as desconjuntadas varandas, de lobregos bêccos formados por melaguas cheirando a mofo, cochilavam. Apenas os bondes, atravessando a rua do Bom Jesus, na angostura dos fundos do Corpo Santo, faziam ecoar o choque das ferraduras das mulas nas pedras asperas do calçamento antigo, e, nas bodegas das esquinas do Forte de Mattos, de Senzala, do Becco Largo, mulheres faceis, flôres nos cabellos e cabeções, se desmanchavam todas com embarcadiços dos bacalhoeiros atracados ao trapiche Conceição.

Em contraste, Santo Antonio e Bôa Vista eram todo animação, mesmo quando ao escurecer o accendedor de lampeões viéra de poste em poste, com sua longa vara com um "santelmo" na extremidade, cutucar os bicos de gaz que logo piscavam a sua luz amarellada como uma flôr de algodão que brotasse de repente.

Ainda matronas e moças nas lojas. Com o escurecer, afoitavam-se familias mais modestas, senhoras e senhorinhas de trajos meio caseiros, sem chapéus, algumas de papelotes.

— Este 34 não servirá?

— Deus me livre! 34?! Pensa que eu tenho pé de boi?

— Menina não vá ficar apertado! Você mais tarde se inferna!... Vigie bem: a gente tem que ouvir a missa em Apipucos!

Aquella outra adquire uma fita larga, côr de rosa, para a cintura, vae mesmo bem com seu vestido, de salpicos. E ella imagina a impressão que causará áquelle sargento do 14, um moreno guapo e entroncado que esteve em Canudos e que ginga todo quando passa pela rua de Santa Rita com a sua calça garance, a tunica de vivos vermelhos, o guritão meio de banda.

Compram-se marrafas para os coques, mitaines de algodão, leques de papel, com cysnes boiando num lago ou namorados de mãos agarradas, cintos de argolas, bolsinhas de camurça, collecções de postaes.

— Esta aqui, do casamento, está linda, Adalgiza!

— Prefiro esta outra: Romeu e Julieta...

— E a do primeiro filho? Olhe tão bonitinho: O primeiro sorriso, o primeiro dente, a primeira pala-

Noite de Festa

vra... Uma lindeza! Breve, você compra esta collecção...

— Os que estão mais em moda são estes com velludo e vidrilhos. Chegaram de Paris, hontem, pelo "Danube". Tem a Cléo de Merod, a bella Otero...

— Eu vou comprar meu album, Sinhàzinha. Já tenho tantos postaes. Só Durval me deu bem uns cincoenta...

— Pudera não! Um coió que é filho de senhor de engenho! Si elle casar comtigo, estás falando boneco!...

Ao longe das casinhas de bilhetes da praça da Independencia enfileiram-se os costumados taboleiros de bolos; na Puerta del Sol, toda engalanada de palmeiras e bandeirinhas de papel, com os garções de roupas engommadas, já o pianista bate, nervoso, nas teclas, "Scintillações", de Alfredo Gama. Os arcos da rua do Cabugá estão accesos em honra do Natal. Estudantes no Café Ruy bolindo com as moças. O commercio a retalho vae fechando tambem. Somente os cabelleireiros não param. Cabeças penteadas, rostos escanhoados, toalhas sacudidas e outras cabeças, outros rostos para ficarem limpos e bonitos. A loja do Odilon, na rua da Imperatriz, com seu velho ar fidalgo, está com o amplo salão cheio. Cada um se mune de seu cartãozinho de ordem, á entrada, e fica lá dentro, nas cadeiras de jacarandá, esperando a vez...

Dentro das casas a lufa-lufa dos preparativos.

Desmancham-se crespos deante dos espelhos, estendem-se vestidos em cima das camas, armam-se cabellos. Tarefa penosa e difficil. As mãos desembaraçam madeixas, entrançam-nas, erguem-nas em cóques ou trunfas complicadas, enfiam grampos de metal, fincam marrafas de tartaruga com debruns fingindo ouro. Por vezes, de repente, desaba tudo. Impaciencia, aborrecimentos, blasphemias.

— Eu só queria que viesse uma moda bem esquisita: a das mulheres andarem de cabellos cortados!

— Minha filha, que peccado é esse? Bata na bôca. Mulher de cabello cortado só doida que sahe da Tamarineira.

— Ou gente atôa... — accrescenta uma titia.

— Pois não é para se dizer mesmo uma barbaridade assim? A infermeira deste penteado!

— Dá cá, dê cá, que eu ajudo...

A voz do dono da casa, já de roupa nova:

— Vocês não se esqueçam que temos de tomar o trem das 9 e 20. E são 8.

— Daqui ás Officinas é perto, papae.

— Estação das Officinas? Quem pega trem hoje ali? Nem lá, nem na rua Formosa, nem na rua do Sol... A gente tem é de gramar até o pateo de Palacio. Vamos cortando caminho pela ponte da Caxangá...

— Chi! E o meu sapato não está nada manso...

— Eu não disse? Foi comprar 33 para mostrar pézinho de menina! Agora aguente a noite inteira.

No quarto, alumiado por acetilene, as moças, depois das camisas, ajustam os espartilhos; carêtas e espremidos para encaixar os colchetes; força de quem sirga um navio para apertar os cordeis; afinal, está o thorax enfardado. Mettem-se de cabeça abaixo duas saias de madapolão bem duras de gomma; o vestido de chifonete ou a blusa de phantasia de gola alta e mangas fôfas. Um ramo de angelicas no peito, num tubosinho cheio d'agua; o relogio pendente de um broche, os anneis de brilhantes, o chapéo com um cacho de carejas; extracto Piver.

A tia, pondo a capota, elogia a belleza da sobrinha:

— Ficou bonita mesma. Esse chapéo dá com seu rosto; pena é você não ter um bocadinho de sangue nas faces... Descorada! Não ha Quina Labarraque que faça effeito.

— Só pintando, tia Naninha.

— Você já viu moça de cara pintada que preste, menina? Você quererá ser comica?

Sahe-se.

Os bondes passam cheios, principalmente os de Torre e Afogados onde ha missas do gallo com festejos. Ruas povoadas. Os sinos das matrizes já começam a chamar. Rodam landôs, victorias, coupés, berlindas com familias lordes de rumo ao Monteiro, ao Poço, a Olinda...

— Aquillo sim. Vae-se para onde se quer á vontade e depressa!

— Mas tambem, 100$ cada um.

— Ora, quem póde gastar...

— E ás vezes não se arranja. Você não se lembra do dia da procissão de Cinzas? Seu pae quiz alugar um na cocheira do Valete e cadê? Todos apalavrados.

As estações da maxambomba estão apinhadas. Mostra de roupas novas; mistura de perfumes; algaravia... Nas bilheterias empurrões, risadas, arengas, gemidos, suspiros, arrependimentos, ensaios de barulhos...

O trem apita; ruido de ferragens, de vapor em escapação, de engates entrebatidos, um pharol mortiço, um arquejo de marcha diminuida. E os vagõezinhos quasi ás escuras estacam defronte da calçada.

E' o avança.

— Gracinha, aqui. Tem canto.

— Tem nada. Quanta gente em pé.

— Eu vou neste de detraz.

— Cuidado com a porta. Olhe aquella moça que morreu pelo Carnaval.

— Oh! Mamãe não judie com eu. Dando belisção.

— E' para você não ser foguete.

— Amalia, bote as meninas todas junto da gente, ouviu? Nada de facilidade. Esses bilontras...

— Assobe, pessoal.

Confusão tremenda. O conductor dá um apito. A machina silva, o trem arranca de novo na sua onomatopéa conhecida:

Chá com pão
Chá com pão
Bolacha não.

Dos carros vaiam os que não obtiveram lugares. Um galato grita para uma velhota toda gamenha:

— Talvez te escreva!...

Alguem pergunta:

— Este trem é da Linha, não é?

— Não senhora, é de Caxangá.

— Ai! Jesus! E eu quero ir para a Casa Forte.

— O geito, agora, é saltar no Entroncamento e tomar o outro, que vem atraz. Mas, cuidado para não se enganar de novo. O de Arrayal vem tambem ahi...

No carro da frente uma banda de musica toca um dobrado.

— E' a do 27?

— Não. E' a Charanga.

— Então a festa está bôa mesmo.

Pela estrada nova áfora casinhas illuminadas, sambas, foguetes.

(*Continúa na pag. seguinte*).

Paradas: Zumbi. Cordeiro. Iputinga. Nas longas rectas o trem vae serpenteando pelos trilhos bambos, numa dança damnada. Ganha velocidade. Apita, bufa, chocalha. E chega!

Caxangá todo luzes, todo-bandeiras, todo fatiotas cheirando a alfaiate e a costureira. Já a musica do exercito toca no Coreto "Linda estação das flôres" do Tim-tim. O povo que vem no trem se junta ao povo que enche o pateo. Barraquinhas. Postes de fogo de vista. Tablado de pastoria e de fandango. Vivendas abertas e festivas. Carros a um canto, vazios, com os boleeiros de sobrecasacas azues e botões dourados, cochilando.

A Charanga desembarca do vagão e formada desfila garbosa e afinada explodindo o dobrado Horacio Rios. Rythmo de sapatos brancos; dolman alvos e espelhantes; instrumental scintillando sob as lampadas a alcool que fazem o largo ficar "que nem dia".

Uma dança no chalét do commendador Belisario, que tirou o primeiro premio da "Gazeta Gastronomica do Café Ruy".

— Com cinco tostões, tudo aquillo, hein?

— Tem comida e bebida para um mez...

— Só de presuntos, três.

— 80 duzias de vinho Figueira!

Uma velha noite de festa

(Continuação)

— Dois perús... Até latas de "doces de fóra"!

— Homem feliz!

— E você não sabe de nada? A filha, a emproadazinha da Nair vae ser pedida por aquelle cadête...

— Serio? Uma menina que ainda usa saia curta!

— Curta? Hoje já appareceu de vestido comprido, pelos tornezellos. E está bestinha mesmo! Armou o cabello, sabe?

— Tinha uma trança tão grossa!

— Você viu, Yáyá?

— Foi para Olinda, para a bandeira do Bomfim. Disse que isto aqui era festa de matutos...

— Eu sei! Ella anda é de coió... Um primo que móra lá. Um estudante que usa cartola. Inda outro dia vi elles tomando banho salgado. Yáyá tem uns modos de que eu não gosto nada. Não eu que apparecesse ao meu namorado com aquella roupa de baeta em cima do corpo...

A noite festiva vae correndo.

Reza-se a missa no altar armado defronte da igreja.

A multidão afflúe toda para ali, comprime-se.

Dança depois o pastoril.

Pastoras com os trajos classicos, corpetes azues e vermelhos, saias redondas, pernas meio de fóra. Escandalo para uns, gozo para outros...

— Não sei como ha paes que deixam suas filhas mostrar assim as pernas! Este mundo está perdido.

CorrEi pastorinhas,
Vamos a Belem...

— Viva o Azul!

— E' sempre o Encarnado!

— Bravos á mestra!

— Fóra a Contra!

Zum-zum. Arengas. Desafôros. Bengaladas.

— Não póde!

— Estrepa esse safado na faca.

— Quem é esse safado? Repita.

— Correrias. Familias em panico. Apitos. A policia chega.

— Que foi?

E' um rapaz o causador do sarilho. Tem ainda a arma na mão. E ameaça.

O subdelegado que acudiu todo resoluto, de passo gingado e bengalão em riste, detém-se ao ver o moço, abranda o gesto e a voz, gagueja, quasi dá desculpas.

Era o futuro genro de um chefe politico.

Agora o fogo de vista.

Morteiros que estrelejam momentaneamente o céo muito estrellado.

Rodas multicôres...

O painel com um voto de "Boas Festas" em letras luminosas.

Uma musica já se foi embora. Ha uma queda de enthusiasmo. Somno, cansaço, pés doendo, bôca amargando, desejo de retirada. Os trens descem cheios.

Nova luta para arranjar logares. Muita gente vae "pegar canto" em Ipitinga.

Despedidas.

— Bôas-festas, minha negra.

— As mesmas para você, meu bem.

Beijos.

A maxambomba arrasta os vagões á cunha pela Estrada Nova. Quer amanhecer. Os que vão sentados cabeceam. Os que vão em pé grelam os olhos á força para não cochilar. Caretas de enfado, caras de encervejamento, resingas de ressacas, pessimismos e valentias de máo humor.

— Este trem é um cágado.

— Só se arrebentando essa porqueira.

— Esta Caxangá é a vergonha de Pernambuco.

— Tambem o gerente é um inglez que não faz caso de ninguem.

— Diz que "brasileira não estar satisfeita vae a pé"...

— Afoito!

— Por isso foi que o turuna do Floriano deu aquella resposta.

— Ah! isso só fica bom quando tivermos o bonde electrico. Então, sim, não haverá motivo de uma queixazinha assim.

— Dia de São Nunca...

Uma velha noite de festa

(Conclusão)

Uma pisadela, num balanço mais forte:

— Diabo, olhe meu pé! Logo o dedo do calo d'agua!

— Desculpe, minha senhora...

— Ora, desculpa não é remedio para passar dôr...

Um gaiato:

— Bote dordentina gelada...

— Psiu! Psiu!

Entre dois homens maduros:

— Eu não gostei nadinha da festa, este anno. Uma insipidez!

— Nem eu. A do anno passado, sim. Mais animação, mais graça...

— Tambem este anno... Com a crise... O assucar uma miseria... O governo, uns gatunos...

— E isso endireita mais:

Uma velha que ouviu, entre bocejos, o dialogo:

— Festa? Só no meu tempo de moça: Fazia gosto. Hoje, até enjôa. A gente ia de canôa para Olinda, saltava nos arrombados, passava o dia em casa do Compadre Adelino, um sobrado grande amarello com uma sotéa. De noite, ouvia-se a missa do galo em São Bento, depois vinha a ceia de garfo, peixe cosido com pirão, frigideira de aratú, perú gordo, presunto, dôce de calda, queijo suisso... E vinho Moscatel muito!... Dançava-se lanceiro até o dia raiar... Me lembra de um anno em que fui com vestido de gorgorão azul, de anquinhas bem armadas... Ah! meu tempo de moça! Aquillo nem se compara com hoje...

A neta, uma mocinha que ia a um canto, pensativa, com uma parasita roxa no peito, opinou:

— Pois eu gostei muito da festa deste anno. Ainda não passei outra igual na minha vida...

E os seus olhos grandes e escuros pareciam estar ainda vendo aquelle rapaz de buço a apontar, de jaquetão de gola de sêda, que no largo de Caxangá, aproveitando-se do rojão da missa tivera a ousadia de lhe dar aquella flôr, soprando-lhe poeticamente ao ouvido:

— Minha deusa!

O trem avança.

Vae clareando.

Caminho Novo... Soledade.

No quartel do 2.° as cornetas tocam alvorada.

Entra-se na estação das Officinas.

Desce muita gente.

Passos arrastados, somnolentos.

Uma mulher, que mora na rua de São Gonçalo, coxeia, puxando pela mão uma creança que parece andar ainda dormindo.

E a mulher, num resmungo, seguindo as filhas moças, protesta:

— Para o anno, si Deus quizer ninguem me tira de casa.

MARIO SETTE

PRIMEIRO de dezembro. — A senhora Noemia N.... quer um vestido. Está no seu direito. A respeito de côr.... Ah! Essa questão de côr é uma questão muito séria....

Calculem vocês...

Póde-se escolher uma côr escura que não assenta bem á pelle, uma côr que esteja em moda, uma côr que passe, uma côr que jogue com o ultimo... ou o proximo chapéo, ou que não seja mais do que a repetição da côr já escolhida por essa ridicula senhora X, que não tem gosto, que não tem nada...

Quantas catástrophes a evitar!

Mas, vocês pensam que isso é tudo?

Ah, meus amigos!

Depois é preciso ter em conta a fórma, as guarnições, os forros, uma infinidade de outros detalhes igualmente importantes.

Quanto ao preço, é lá com o senhor...

* * *

Ficamos em que a senhora deseja um vestido!

2 de dezembro. — Sahida de exploração para ver o que se leva definitivamente.

5 de dezembro. — O "Bom Marché".

7 de dezembro. — O "Louvre".

9 de dezembro. — Primeira entrevista com uma modista da rue de la Paix.

11 de dezembro. — Volta á antiga costureira da rue de Rivoli, que desapprova totalmente as idéas da rue de la Paix.

13 de dezembro. — Indecisões. Será de crêpe imperial, ou de vermelho antigo?

Não se escolhe um vestido assim.

15 de dezembro. — Depois de uma noite de insomnia, se decide.... Será de vermelho antigo... forma *abat-jour*, forro extra rico, guarnição de lantejoulas cambiantes... A senhora não póde mais...

16 de dezembro. — O senhor se rebela. E' muito caro.... a senhora mostra-se inflexivel quanto á fazenda e faz concessões a respeito do forro...

Que marido sovina! Si se tratasse de seu cabello, elle não vacillaria. Mas, para sua mulher, é preciso pensar um pouco...

Uma solução

O VESTIDO CÔR DE SANGUE

17 de dezembro. — Está feito o pedido, e em tom sequissimo, porque a senhora tem os nervos a bailarem...

"Preciso do vestido para a noite de 23. E' absolutamente necessario.... Sem essa condição, vou buscál-o em outra parte.... Está entendido?"

18 de dezembro. — Tendo recebido a modista onze pedidos nas mesmas condições, reuniu suas operariazinhas, pállidas, delgadinhas, raparigas dos bairros extremos, de dedos de fadas e tez de tuberculosas.

— Senhoritas... Vocês já trabalham até oito da noite... Até nova ordem terão, agora, de trabalhar até as dez.

— Mas, eu móro em Puteaux!

OS CEREAES UNEM BOM SABOR AO SEU ALTO VALOR NUTRITIVO

Devem fazer parte de todas as dietas

Por serem economicos e faceis de preparar, tornam-se ainda mais estimados

Todas as donas de casa sabem quão difícil é planejar e preparar os differentes pratos que compõem o menú diário. E o que torna esse problema ainda mais difficil é a necessidade de se escolher entre alimentos que são simplesmente gostosos e alimentos que provêem verdadeira nutrição.

E' certo que existem muitos pratos tão saborosos quanto substanciaes, mas com frequencia estes são demasiados caros, e hoje são poucas as famílias que podem deixar de tomar em consideração os custos.

Para as famílias que têm que viver com uma renda limitada, os cereaes offerecem a solução de um

pratica...

De Pierre L'Hermite

— E eu em Levallois!

Pobres moças!... O dilemma é acceitar ou recusar.

* * *

20 de dezembro. — Os vestidos progridem, embora lentamente.

— Mas, as mangas não estão direitas... Consequencias da pressa!... Será preciso recompôr o corpo. Senhoritas... terão que trabalhar até ás onze...

— Então não encontrarei mais bonde para voltar para casa!...

— Sim. O das onze e vinte e tres... Em ultimo caso... si não estiverem satisfeitas... Pensam então que é de meu gosto ter a luz accesa até meia noite?

A senhora veiu provar o seu vestido.

— Um horror de máo gosto!... Um sacco!... Alargue-mo aqui!... Ajuste-mo aqui!... Não me preguem as guarnições como si fossem de zinco. Falta-lhes ar, elegancia, poesia! Um horror! Ninguem póde gostar disso!

— Minhas filhas, é preciso trabalhar até meia noite!... Sinto-o muito, mas eu estou em situação delicada!

* * *

Não basta fazer serão até meia noite, mas ainda trabalhar no domingo.

O atelier arde de febre.

E' impossivel perder aquella freguezà. Uma freguezà que gasta... Trabalharão toda a noite... Mas, por volta das duas da madrugada, as pobres moças, exhaustas de forças, se deixam vencer pelo somno e cahem com o nariz na séda vermelha deslumbrante... Deixam-nas, então, dormir na cadeira, retorcidas, aniquiladas de somno, emolduradas pelas fazendas vistosas...

Ao cabo de uma hora, sacodem-nas, despertam-nas, e, com café bem forte, fazem-nas voltar ao trabalho...

Cuidado, minha filha!... Não pregues as guarnições como si fossem de estanho... Dá-lhes ar, poesia!...

* * *

Em um dos mais conhecidos salões de Paris, a senhora Noemia se vangloriava do esforço que obrigára sua modista a fazer.

— Estão vendo este vestido? — dizia ella, felicissima, batendo com suas mãos enluvadas de branco a séda luminosa... Estão vendo este vestido? Em cinco dias, querida! Foi feito em cinco dias!... De quinta-feira a segunda! Que não terão feito para isso!

— Então já não me estranha que seja tão vermelho este vestido... Tem sangue! E' tingido de sangue!...

— E quem é você para falar-me assim? — exclamou a dona do vestido, erguendo-se.

— Quem sou eu? — respondeu a dona da casa, muito lentamente. — Sou mulher, sou mãe e sou christã!

---

sem numero de problemas. Com o trigo, o arroz, a aveia e outros cereaes póde-se preparar uma grande variedade de pratos appetitosos, que, além de nutritivos, são tambem economicos. A aveia é provavelmente o cereal preferido nos lares, devido á facilidade com que é preparada e á enorme quantidade de elementos beneficos que contem.

A aveia é quasi sempre servida em fórma de mingau ou usada para fazer sopas e engrossar differentes sopas. Como um alimento para a primeira refeição da manhã, o mingau de aveia, feito de Quaker Oats, goza de merecida popularidade, pois póde ser preparado em 2 ½ minutos, proporciona um prato quente que contem todo o nutrimento necessario para um dia de trabalho.

Que a aveia de bôa qualidade tem um sabor delicioso, é coisa que não requer comprovação, pois agrada tanto a crianças como a adultos. Quanto ás suas propriedades alimenticias, Quaker Oats é rica em calcio, phosphatos e ferro, contendo tambem uma bôa quantidade de vitamina «B», importante para todas as crianças.

Dentre os centenares de alimentos que se encontram actualmente á venda, poucos são os que offerecem uma nutrição tão agradavel a um custo tão reduzido. Os medicos são unanimes em affirmar que esse saboroso e revigorante alimento deve ter um logar importante na dieta de todas as familias.

O dia amanheceu sorrindo, sorrindo...
E o sol parecia uma creança loira,
loira e travessa,
dançando e brincando,
na alegria da manhã...

...Era linda como uma canção
a manhã em que eu te vi...

Depois veiu a tarde,
harmoniosa como um poema de Tagore.
Tarde emotiva,
tarde de sonho e de belleza,
tarde de felicidade...

...Era linda como uma canção
a tarde em que vieste...

Mas a noite desceu bruscamente,
cobrindo tudo de luto...
Nenhum rumor... Tédio e solidão...
Apenas as estrellas, do céo alto,
choravam luz por sobre a terra...

...Era triste como uma canção
a noite em que te foste...

EVAGRIO RODRIGUES

A lavadeira (ao poeta). — Queria pedir-lhe que não escrevesse mais nos punhos das camisas, senhor, porque o meu marido é muito exigente, e está sempre a resmungar...

pelo PROF. ARONACK

O CHARUTO MAGNETIZADO

Fazer subir e descer um charuto dentro de um copo, á vontade do espectador.

ESTANDO á mesa, collocamos em nossa frente um copo, ou calice dos de champagne.

Pedimos um charuto a um dos circumstantes e, mettendo-o no ca-

lice, o fazemos subir e descer quantas vezes se quizer, fingindo magnetizal-o.

Apanhamos, depois, o charuto e o entregamos á pessôa que nol-o emprestou, e damos o calice para que o examinem.

Não encontrarão nada, absolutamente, nesse vaso.

Agora, o segredo da sorte:

Como preparação, precisamos ter um cabello, cerca de 40 centimetros de comprimento, em cada uma das extremidades, e no qual prenderemos uma bolinha de cêra virgem.

Fixaremos uma dessas bolinhas sobre o botão inferior do casaco, e a outra no botão superior do lado esquerdo.

Emquanto esperamos pelo charuto pedido, soltamos a bolinha do botão superior, ficando com ella entre os dedos da mão esquerda; com essa mão, tomamos o calice, e, lhe que colloque nesse o charuto lhes que colloque nelle o charuto, dizendo:

— Perdão! Ia esquecendo-me de dar a v. s. o copo para examinar. Isto é um pretexto para tirarmos o charuto do copo, no qual, pela parte superior, collocaremos a bola de cêra.

Emquanto se examina o copo, viramos o charuto em sentido contrario, depois do que o tornamos a metter no copo.

Para fazer subir o charuto, erguemos o copo insensivelmente. O cabello, esticado por esse movimento, resvala sobre o bordo do copo e levanta o charuto, que parece sahir do copo.

Durante esse tempo teremos a mão direita a certa distancia do charuto e fingiremos magnetizal-o.

Tendo o charuto feito a sua ascensão, tanto quanto se possa ver, tomamol-o entre o pollegar e o index, como para mostrál-o, o que nos servirá de pretexto para soltál-o da bolinha de cêra. Depois pediremos que o examinem, bem como o copo, para que os circumstantes se certifiquem de que não ha artificio algum que provoque a ascensão do charuto.

A MOEDA OBEDIENTE

Fazer passar uma moeda através de uma mesa para dentro de um copo.

O processo desta sorte é muito simples.

Com um pouco de cêra, collocamos, de antemão, uma moeda no caixilho que fórma o fundo de uma mesa.

Na palma da mão direita, collocaremos, tambem, uma bolinha de cêra.

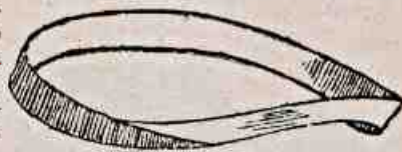
Nessas condições avançamos para o auditorio e pedimos uma moeda igual á que collocámos na mesa.

Satisfeito o nosso pedido, depositamos ostensivamente a moeda sobre a mesa.

Tomamos um copo na mão esquerda, e dizemos que vamos fazer passar aquella moeda para dentro do copo, através da mesa. Mettemos a mão esquerda debaixo da mesa, e, com a direita, damos tres pancadas sobre a moeda que está á vista, tendo o cuidado de dar as duas primeiras pancadas com a mão concava e a terceira com a mão bem aberta, o que fará a moeda adherir á cêra que estava nessa mão.

Si, na mesma occasião em que isto se fizer, a mão esquerda descollar a moeda e a deixar cahir no copo, o auditorio imaginará, naturalmente, que foi a mesma moeda que atravessou a mesa e entrou no copo.

O ANNEL DE PAPEL

CORTEMOS uma tira de papel de 1m,50 de comprimento, ou mesmo mais, por 6 a 8 centimetros de largura. Collemos as duas extremidades, mas dando a uma

dellas meia volta, como se vê na gravura. A grandeza do annel assim formado impede que qualquer pessôa note o pequeno subterfugio.

Entregamos o annel e uma tesoura a alguem, perguntando o que pensa que aconteceria si dividisse esse annel em dois, no sentido do comprimento. (V. "Segredos da Magia").

Certamente, nos responderão que ficarão dois anneis. Convidamos, então, a mesma pessôa a tentar a experiencia, e ella ficará admirada vendo que não ha mais de um annel, mas duplamente maior do que o primeiro. E se cortarmos outra vez este annel, teremos dois anneis encadeados um no outro.

A MULHER FEIA

AO regressar á sua casa para almoçar, Maurice Varne encontrou um bilhete anonymo: "E' necessario que o veja... Esteja, ás cinco e meia, na esquina da rua. Achar-me-ei em um *taxi*. Esperál-o-ei... Venha... Talvez me ajude a recuperar a calma, que me fez perder... Amo-o... Não receie complicações... Este encontro não terá consequencias..."

Surpreso, porém lisongeado, Maurice sorriu. A letra era elegante. Graphologo de occasião e, sem duvida parcial, descobriu nella indicios de emoção. A letra era fina, angulosa, da moda; si bem que o tranquillizasse sobre a situação social de sua mysteriosa apaixonada, não lhe esclarecia, em nada, sobre sua exacta personalidade.

Procurou, entre as pessôas de sua relação, qual podia ser aquella que seduzira sem o saber; era bom dançarino, elegante, moço e, por cumulo, homem de letras; era tão admirado que teve de renunciar a essa tentativa vã.

Tinha trinta annos, idade do scepticismo nascente e das primeiras prudencias. Embora não admittisse que a carta fosse uma farça de máo gosto, não hesitou em ir á entrevista marcada.

O mysterio dessa aventura proporcionava-lhe um singular attractivo.

A espera é, em geral, o mais bello momento do amor. Tudo aquillo que não se sabe constitúe um emocionante enigma.

Como seria ella?... Qual seria sua primeira phrase?... Que segredo revelaria?...

Maurice, ignorando tudo della, conheceu essa aventura. Sonhou com sua desconhecida, dedicou-lhe um soneto e para ella escolheu sua mais bella gravata.

Quando Maurice olhou o relogio, marcava cinco e vinte. Corou ao verificar que chegava adeantado como um collegial.

— Pois é o que lhe digo: não posso dançar valsa; mal dou alguns passos, fico logo tonto...

Porém, cinco minutos mais tarde, chegou ao logar marcado, e percebeu um auto que o esperava na esquina indicada. Então, já não duvidou de sua sinceridade...

Certa mão enluvada lhe fez um signal.

Apenas subiu, fechou-se a portinhola e o auto partiu.

Maurice estava um tanto inquieto pela attitude que devia adoptar. Porém, a brusca partida do auto, o impeto da desconhecida, que lhe tomou as mãos e foi a primeira a falar tudo isso o tirou de sua incommoda situação!

— Veiu... Comprehendeu que devia vir...

Si não o fizesse, destruiria a idéa que formára de você... Talvez tivesse me curado, mas tão dolorosamente...

As palavras chegavam a Maurice através de um espesso véo, sobre um chapéo enterrado até os olhos e uma estola de pelle que subia até os labios.

Maurice convenceu-se logo que o melhor era representar o personagem mudo.

— Não pense que sou louca, — disse sua mysteriosa companheira. — Ao contrario, minha historia é simples, tão vulgar, que agora receio falar... Rir-se-á de mim, não é?... Aprete-me: uma mulher espantosamente antiquada, pois sou honesta e tenho imaginação... Sorri?!... Realmente, é con-

De Claude Gevel

rtaditorio o que digo e a minha presença neste *taxi* o prova. No emtanto, espere, antes de me julgar... Na voz velada, no olhar semi occulto, nas pernas bem formadas, no modo de se vestir, Maurice procurava em vão um indicio. Até aqui, só o amor proprio o impedira de pensar que a desconhecida podia não ser moça, nem bonita.

Porém, no seu intimo, havia uma vaga apprehensão. Sua conquista tinha os gestos faceis, a segurança, o secreto poder da belleza.

Ella lhe contava, com palavras jámais pronunciadas, a eclosão do seu amor. Esse nascêra nessa parte de si mesmo, que sua vida do lar, de mãe de familia, deixava vazia. Nascêra sem que ella mesma percebesse; bastára algumas paginas suas que ella lêra, uma conferencia que assistira, um encontro em um salão, onde nem lhe fôra apresentada... A principio, elle foi, para ella, o homem a quem desejava amar; depois converteu-o no companheiro das horas tristes ou vazias de sua existencia, o confidente de suas mágoas; nunca se queixara de ser incomprehendida antes de pensar nelle.

Mas foi necessario um sonho brutal, uma noite, para que désse a esses sentimentos o verdadeiro nome de amor. Então se rebellou, julgando-se tola e pueril. Mas não por muito tempo.

— Nunca conheci uma aventura tão bella, — disse, afinal, Maurice, com voz tremula de sincera emoção.

E fez um gesto para se approximar. Com suas mãos enluvadas, ella o repelliu.

— Não destruamos seu encanto. Eu supplico-lhe... Não me engane... Si o chamei em meu auxilio, é porque meu amor se tornava pouco a pouco demasiado grande para mim só. Necessitava dar um pouco de realidade á nossa aventura. E agora, que sei o que pensará de mim, já não terei a impressão de me achar tão só, neste grande amor.

— E' uma loucura!... — disse Maurice.

Ella o interrompeu:

— Tive confiança em você. Evite-me uma desillusão. A unica razão que lhe pude dar é visivel; talvez, para mim, não tenha replica: tenho um marido, filhas, e sou honesta. No fundo, sabe o que isso significa?... Que prefiro soffrer, a fazer soffrer! Meu amor é uma sensação que mais vale ser dolorosa, pois, assim como nasceu, tão mysteriosamente e através de emoções espirituaes, terá de permanecer puro. Peço-lhe que me ajude, pois, a supportal-o e não deseje destruil-o. Sei que é capaz desse sacrificio... Seu trabalho literario me faz esperar que assim seja, para o bem de nós dois...

— Pelo menos, nada saberei de você?...

— Não.

— Não me concederá nada?

A desconhecida tirou a luva de uma das mãos, sem pronunciar uma palavra, e a estendeu para Maurice. Era fina, comprida, sem aneis. Maurice pousou seus labios longamente nella; e viu, através do véo que ella fechava, os olhos.

Depois, retirou sua mão e bateu no vidro. O "taxi" parou.

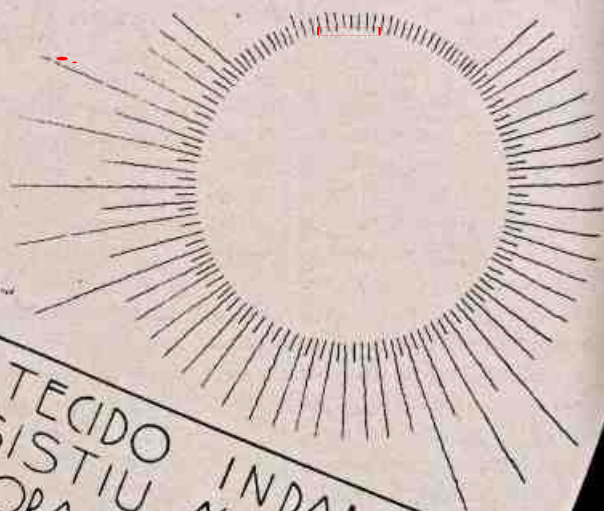
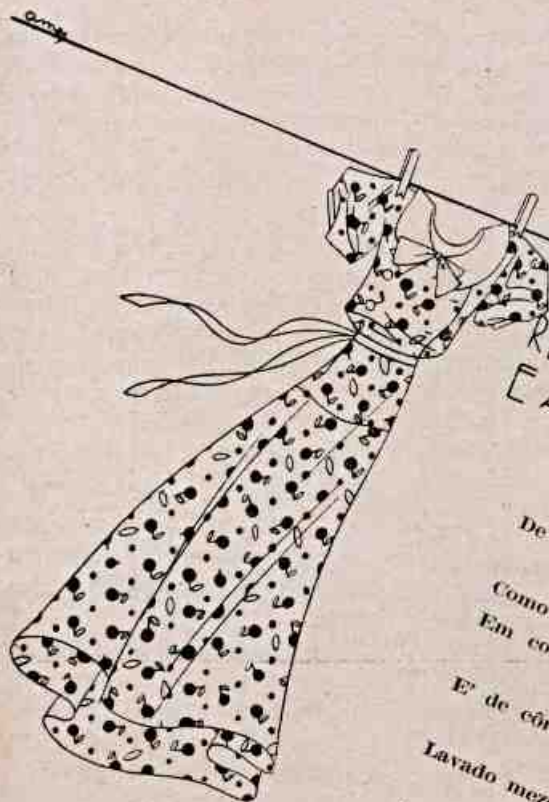
— Adeus! — disse ella.

A portinhola fechou-se; a desconhecida desappareceu na noite.

No dia seguinte, Maurice recebia uma carta com estas simples palavras:

"*Sou feia!...*"

Mas elle não se convenceu.

O patrão. — Esteve occupando o telephone por muito tempo, senhorita.
A empregada. — Era um recado sobre negocios da casa, senhor.
— Está bem; mas, de outra vez, não chame nenhum dos nossos clientes de "queridinho" nem de "amorzinho"...

O TECIDO INDANTHREN
RESISTIU Á LAVAGEM
E AGORA RESISTE AO SÓL
De fino e leve tecido
O vestido
Como á pequena vae bem!
Em colorido dá a nota.
Não desbota:
E' de côr firme INDANTHREN.
Lavado mezes e mezes,
Tantas vezes!
A côr perfeita mantém.
Seja exposto ao sol, embora!
Não descóra:
Foi tinto com INDANTHREN.
Leitora! A lição aprenda:
A fazenda
Que a Você comprar convém
E' aquella que fôr marcada
Com a etiqueta registrada:
INDANTHREN.
INDANTHREN
Ao comprar tecidos de algodão, linho e seda vegetal verifique se elles têm a etiqueta que marca os tecidos resistentes ao sol, á chuva e ás repetidas lavagens.
Indanthren

ANNO XXVII

FON-FON

NUMERO 36

Rio de Janeiro, 9 de Setembro de 1933

Director: SERGIO SILVA

No jardim de Anacreonte

NOITE a dentro, repasso os fragmentos lyricos de Anacreonte. Quanta doçura na poesia desse delicioso "ancião de Téos", que foi um dos primeiros emotivos universaes!

O trecho que tenho sob os olhos, neste momento, desafia a eternidade. E, no emtanto, é simples como o nascer de uma rosa, ou o sopro do vento.

Situado no amanhecer da poesia lyrica do mundo, quando as vozes dos aedos ainda não morriam sobre si mesmas, por força do tempo implacavel, Anacreonte é um milagre de belleza e naturalidade, sentimento e graça.

Este instantaneo, de um doce subjectivismo amoroso, caracteriza a arte do remoto lyrico, para quem as realidades do mundo nunca perderam aquelle "véo da fantazia", a que o mais irreverente dos seus irmãos em Apollo, numa longinqua posteridade literaria, recorria para tornar supportavel o espectaculo da vida.

O fragmento diz assim, na versão de que me soccorro:

— Amor, o deus-garoto não esperava por isso: a picada de uma abelha, despertada no berço de uma rosa e que lhe attingiu o dedo mimoso. Amor corre chorando e vae consolar-se no regaço materno, a exclamar, num gemido: Vou morrer! Uma serpente de azas me picou!

E a bella Cytheréa retruca ao filho travesso, como uma advertencia de sabedoria: Se a leve picada da abelha te fez tanto mal, pensa, Amor, nas dores dos que tu fazes soffrer...

* * *

A' luz do meu *abat-jour* moderno, imaginei, na dança dos motivos lyricos, que têm feito a gloria dos poetas, a vigilia sagrada do *vieillard de Téos*, compondo as suas odes eternas, de que só nos restam os fragmentos maravilhosos.

E tenho pena de que o poeta Ronsard e seus companheiros da Pleiade não tivessem conhecido as outras abelhas e as outras rosas do jardim de Anacreonte, nem tivessem bebido do seu vinho, no cantaro apollineo, que a minha lampada de cem velas, noite a dentro, desfigura e afeia...

Bovina Cavalcanti

TRAPO DE CORTINA

EDVARD CARMILO

ILLUST. DE EDGARD

LEMBRANÇA de lar antigo, envelhecendo no abandono, vestigio de morada esquecida na distancia, ao lado do caminho que o matto desmancha e apaga, escondendo a trilha, a tapéra agoniza, aluindo-se em ruinas, pelo desmoronar do tecto, pelo esboroamento das paredes fendidas.

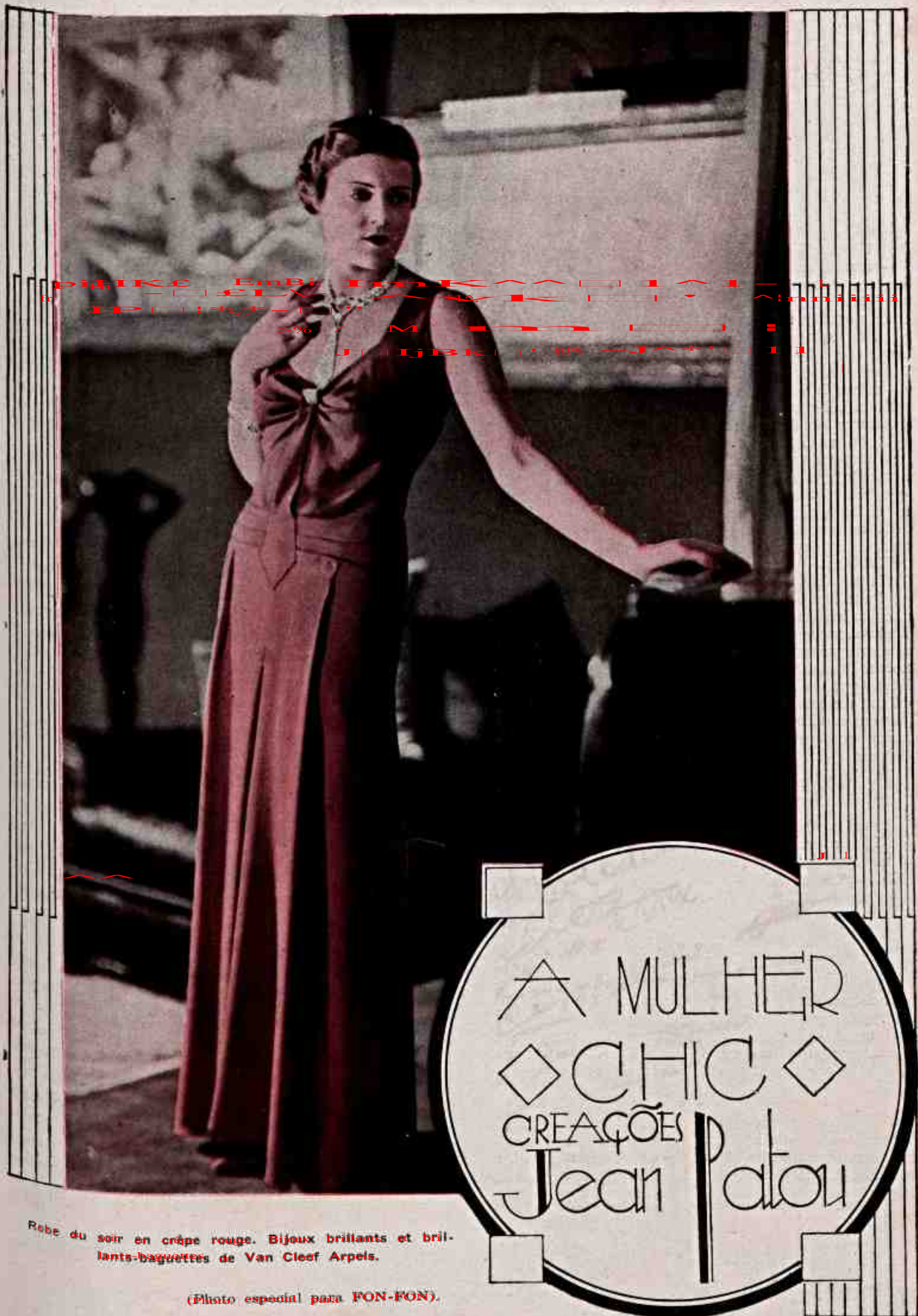
Enroscam-se pelas ombreiras bambas as trepadeiras daninhas, sóbe, enrodilhando-se pelos humbraes carcomidos, a hera, crivando as raizes nas tatuagens das erosões dos muros, dependurando-se pelos beiraes, invadindo pelas frestas, e as trepadeiras, enlaçando a hera e o musgo, são como os esteios verdes que sustêm e amparam os escombros desolados.

As aranhas, nervosas daquella solidão, tecem e emendam, ligando e amarrando os fios e, assim, nem a alvorada, adolescencia da luz, põe uma ephemera alegria na penumbra erma e soturna porque as aranhas, joalheiras do orvalho, toda a noite andaram a desfiar, nos fiadilhos do rendado translucido, o colar de contas do rocio, e os aranhões distendem, com o pranto das manhãs embalsamado em crystal, um recamo lacrimejante sobre a tapéra sombria, tumular, que chora!

Entreabrindo-se nas fendas e nas fisgas, parasitas vermelhas, selvagens, pingam de nodoas sanguineas as paredes delidas, e fogem, pelos desvãos, gemidos e lamentos com o ranger dos gonzos das portas inquietas, sacudidas pelo vento.

Na janella esborcinada, onde ninguem, nunca mais se debruçou para esperar, na alegria do regresso, para olhar, na mágoa da despedida, ha um farrapo de cortina que baloiça, descozendo-se, estraçalhando-se ao relento, desfiada nas franjas como uma renda rasgada, que alguma suave mão de mulher pendurou talvez, no tempo longinquo, com um gesto de carinho, num enleio de pudor...

No fim do caminho, ao cahir da noite, recordo, subito, a lúrida mansão. Imagino a sombra interior a horas mortas, na tréva. Sinto o rumor de passos invisiveis, vagarosos, noctambulos, a tactear na escuridão assombrada; escuto o éco doloroso que acorda pelos recantos adormecidos, o tatalar repentino das azas dos mochos; vislumbro os fógos fatuos dos olhos dos boitatas, que se accendem como as ultimas brazas da lareira que se apagou, e presinto a gesticulação desordenada dos avejões no silencio das alcovas desertas, no desespero dos corredores escuros!

E, no volteio da estrada, páro indeciso, volto o rosto e, no presagio da superstição, todo estremeço, num arripio de susto: aquelle trapo de cortina, entre as vidraças partidas, agitado pelo vento, parecia um lenço a me dizer adeus...

Robe du soir en crêpe rouge. Bijoux brillants et brillants-baguettes de Van Cleef Arpels.

(Photo especial para FON-FON).

Nomes e letras

EU acredito, piamente, na influencia dos nomes, ou antes, das letras dos nomes proprios, sobre as pessôas que os trazem.

Desbarolles, mestre de coisas kabalisticas, no seu bello livro *Les mysteres de la main*, fala da numeralogia.

A numerologia não é mais do que a actuação do numero, que se obtiver com as letras anomasticas, em relação ao destino dos individuos.

Ha pessôas, segundo o kabalista francez, que podem contar com a bôa *chance* na vida — somente porque o seu nome, sommadas as letras que o compõem, dá um numero feliz — par ou impar. Um numero que attrahe a fortuna.

* * *

A minha observação se baseia em coisa menos transcendente. Não pertence ao dominio amplo da Kabala. E' tudo o resultado de estudos pessoaes.

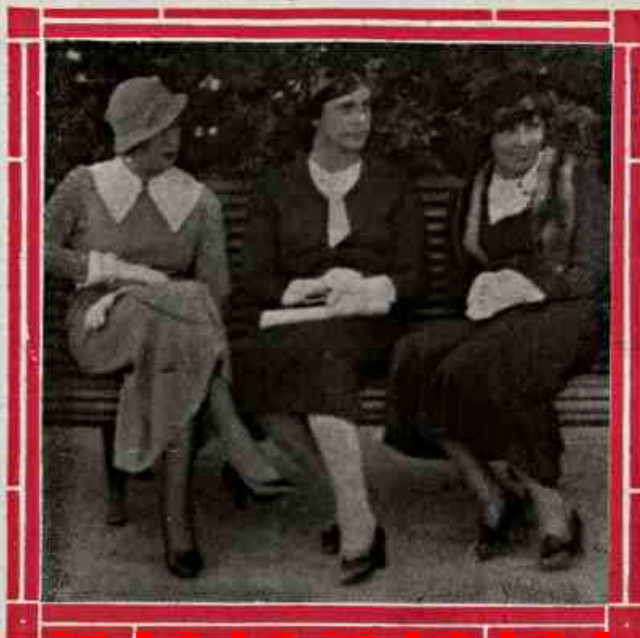
* * *

Depois de muito confronto e de muita psychologia, cheguei a uma conclusão que, si não é infallivel, tem, pelo menos, a sua razão de ser.

E como esses estudos de alma são sempre mais interessantes, quando se trata de Evas, — seria acertado começar por um nome de mulher...

* * *

Uma dama, cujo nome, comece por um *A*, é sempre uma creatura rija de alma. Inflexivel, indomavel, na vontade. A sua tendencia é ferir. E' magoar. Egoista, não vê senão os proprios interesses.

NO JOCKEY CLUB

Observando a corrida com disfarçada emoção...

Por que?

E' facil explicar.

A letra *A* é angulosa. Mesmo quando a pessôa se esforça para lhe quebrar as angulosidades, substituindo-as por curvas, os angulos não desapparecem de todo.

O *B* indica o fatuo, o pretencioso, o typo classico do burguez.

O *C* entra no nome do açambarcador. Do homem de negocios, que tem o senso pratico da vida. A sua preoccupação é guardar e recolher para si.

O *D* é a letra que se destina aos philosophos. A pessôa que o possúe, no seu nome, é sentenciosa, é dada ás sciencias occultas. Revela tendencias para a magia branca.

O *E* é a letra dos esthetas, dos scientistas, dos individuos que se consagram ás pesquizas de laboratorio, ás locubrações mathematicas.

O *F*, o *G*, o *H*, o *I*, o *J*... Quanta coisa interessante exprimem esses caracteres alphabeticos! Ir adeante seria fatigar.

Reportemo-nos, apenas, a duas ou tres letras mais. Exemplo: o *K*, o *M*, o *S*...

O *K* é a letra das pessôas bizarras, concentradas, melancolicas e friamente aggressivas. O *M* é um signal alphabetico que possúe uma psychologia semelhante á do *A*.

E o *O*? Em certos nomes revela vulgaridade.

A letra *S*... Em um nome feminino, o *S* nos mostra a creatura doce, amavel, accessivel, embora de alma complicada.

Nos nomes masculinos, é a letra do bajulador, do homem capaz de salamalêques de toda especie.

E o *Y*?

Ah, é a letra do meu nome.

Tenham a palavra as minhas leitoras.

O *Y*... Que diz o *Y*?

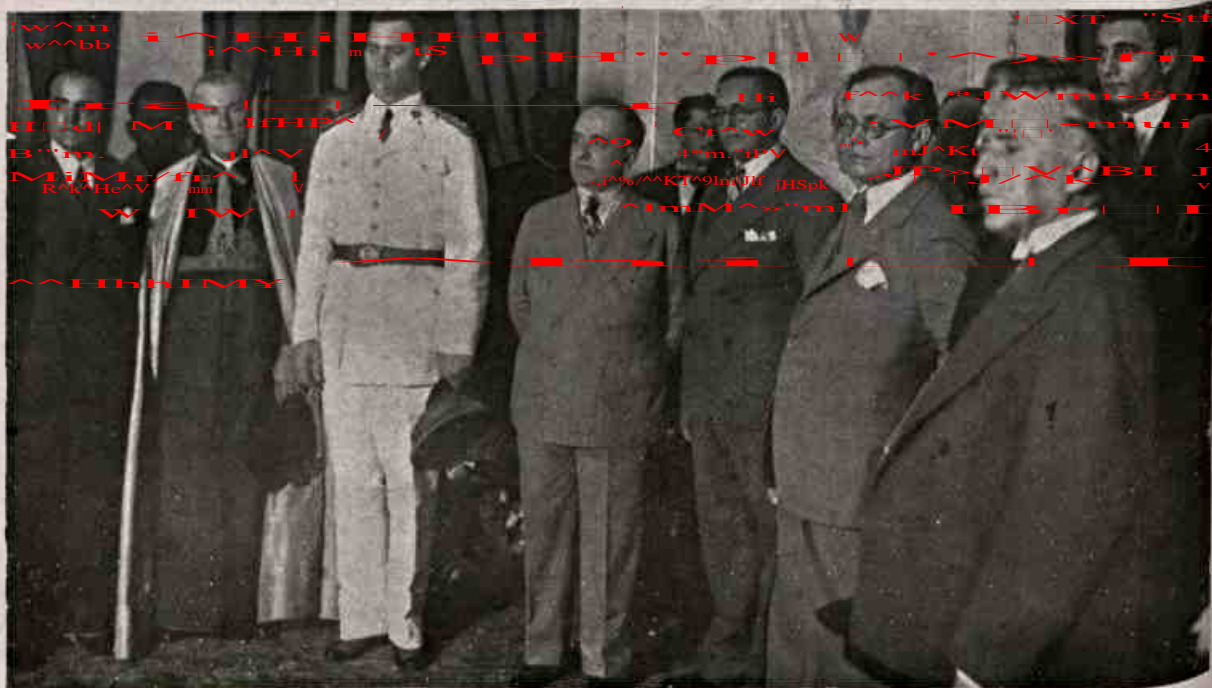
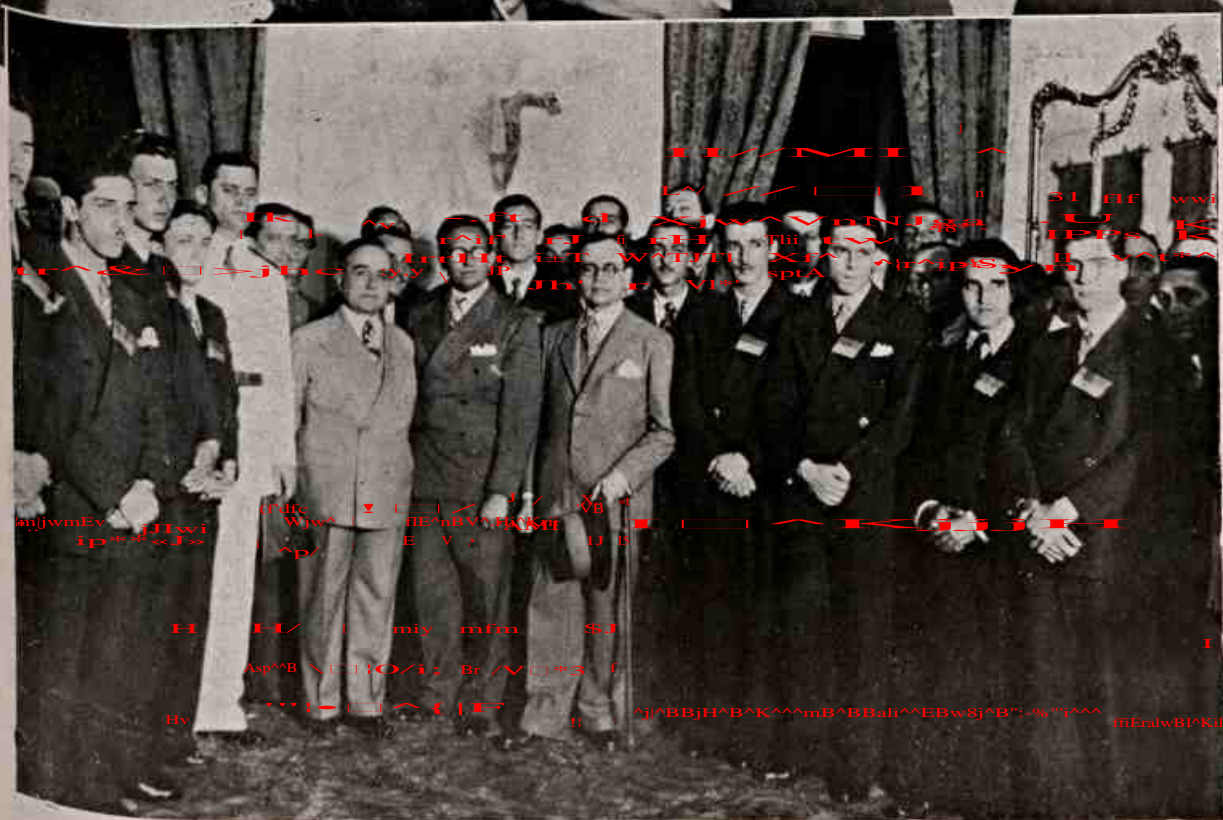
Y V E S

Entre as muitas homenagens de despedida que foram prestadas nesta capital ao sr. Albert Kammerer, embaixador de França, por motivo de sua partida para a Europa, merece especial destaque a do ministro das Relações Exteriores, dr. Afranio de Mello Franco, traduzida num banquete que o chanceller brasileiro offereceu, no palacio Itamaraty, sexta-feira penultima, ao illustre diplomata francez.

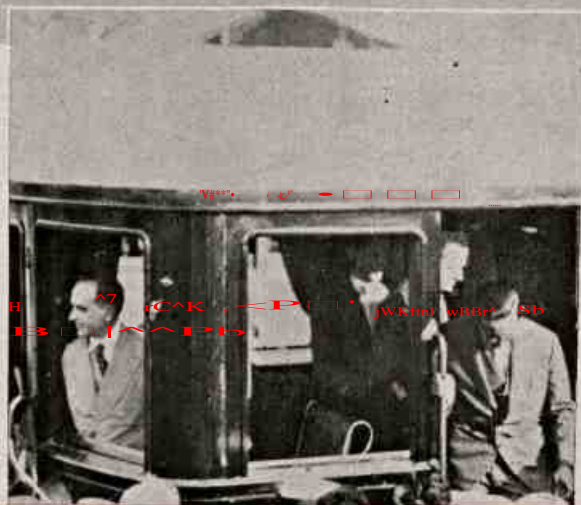
O embarque do embaixador Albert Kammerer e de sua exma. familia para a Europa realizou-se domingo pela manhã, no cáes de Mauá, que se encheu de amigos e collegas do diplomata francez. S. ex. viajou no «Massilia».

A VIAGEM DO CHEFE DO GOVERNO PROVISORIO AO NORTE

Na Bahia

O dr. Getulio Vargas e sua comitiva chegaram á Bahia em dias da ultima semana, sendo recebidos no cáes pelo interventor federal, capitão Juracy Magalhães, e outras altas autoridades do Estado. Após o desembarque, o chefe do governo provisorio dirigiu-se, sempre acompanhado do interventor Juracy Magalhães, ao palacio da Acclamação, onde ficou hospedado. As photographias desta pagina representam: o dr. Getulio Vargas chegando ao palacio do governo bahiano; s. ex. em companhia do interventor Juracy Magalhães, dos ministros José Americo e Juarez Tavora e do general Góes Monteiro, e num grupo tomado no salão de honra do palacio.

O presidente Getulio Vargas na Bahia. S. ex. discursando no grande banquete que lhe foi offerecido pelo commercio de S. Salvador, e quando recebia, no palacio da Acclamação, os estudantes bahianos. Os jovens universitarios de S. Salvador apparecem, na gravura, ladeando o chefe do governo provisorio, que estava acompanhado do interventor Juracy Magalhães e dos ministros Juarez Tavora e José Américo.

O PRESIDENTE GETULIO VARGAS NA BAHIA

No alto: grupo tomado por occasião da visita do dr. Getulio Vargas ás grandes barragens de Bananaes, productoras de força e luz para a capital bahiana. Ao centro: instantaneo de s. ex. quando visitava o quartel do 19.º Batalhão de Caçadores da Bahia. Em baixo: o chefe do governo provisorio ao deixar a Bahia, no comboio que conduziu s. ex. e sua comitiva ao Estado de Sergipe. Vê-se o interventor Juracy Magalhães descendo a escada do carro presidencial.

feira de vaidades

A VIDA, BEAUDELAIRE, E NÓS OUTROS...

A vida melhor é a que nós imaginamos. A vida que o nosso pensamento colore, a vida sonhada por nós, com os retoques da graça e do sentimento, fundidos num só desejo: o desejo do aperfeiçoamento humano.

Por essa razão, os artistas têm o seu mundo á parte. Cream os individuos á sua feição. E ornamentam a vida com as tintas da sua fantazia.

* * *

Beaudelaire escreveu: "Il faut être toujours ivre. Tout est là: c'est l'unique question. Pour ne pas sentir l'horrible fardeau du Temps, qui brise vos épaules et vous penche vers la terre, il faut vous enivrer sans trêve. Mais de quoi? De vin, de poésie ou de vertu, á votre guise. Mais enivrez-vous."

* * *

A citação não seria de Beaudelaire, sem o conselho final: a bebedeira de vinho, ou de poesia ou de virtude, mas bebedeira.

Tambem os licores aliviam a gente do peso do tedio...

* * *

As virtudes. Os virtuosos, exaltados, aliás, porque delles é o reino do céo...

E que sonho mais delirante já embriagou o espirito humano do que a concepção da bemaventurança eterna?

* * *

"Il faut vous enivrer"... Embriaguemo-nos, sim. Bebedos de belleza e de amor, celebremos a vida no seu esplendor e no seu arrebatamento.

Façamos uma vida nossa. Todos nós temos um poema escripto no coração. Abramos o peito e demol-o a ler ao nosso amor!

LUCIANO

DIA DA PETALA DE ROSA

FOI esse dia sabbado. Dia de Santa Therezinha,

> "da meiga Therezinha,
> que uma chuva de rosas espalhou,
> por onde o homem caminha,
> de olhos vendados..."

E a cidade era toda um alvoroço de sorrisos e de gentilezas. Na Avenida Rio Branco, em frente á *Panair*, uma linda devota me fez parar, com um movimento, que não chegou a ser uma offerta, menos um pedido. Floriu-me a lapella. E a petala pareceu-me ter cahido das rosas do seu rosto.

* * *

Manhã cêdo, ainda. As ruas centraes davam a impressão de um parque, onde se tivessem aberto as portas dos aviarios. Uma festa de azas. (As mulheres são as aves mais bonita da Creação.) Com as petalas de rosa de Santa Therezinha, eram anjos. Disse isto á primeira desconhecida, que encontrei. Ella sorriu e demandou o céo, armando no espaço a escada de Jacob de um audacioso olhar.

* * *

Vi, de passagem: senhora Arthemisia Bahia, senhora Alayde Galvão, senhorita Iberina e Nair Pires Ferreira, senhoritas Conceição e Flora Lassance Cunha, senhoritas Maria Calmon de Gouvêa e Elza Xavier da Costa, senhorita Dinorah Coutinho, senhorita Nilza Penna, senhorita Rosalina Candido Mendes, senhora Nenê Baroukel Fontes, senhora Octavio Ribeiro da Cunha, etc., etc.

* * *

A senhorita Léa Baroukel deve ter feito uma linda féria para Santa Therezinha. Ella sabe insistir e convencer... A senhora Helena Tompson Motta, com grande distincção, acena ao transeunte com a petala milagrosa. E a cidade, á tardinha, é um cosmorama de mil côres.

* * *

Na rua Gonçalves Dias, vejo passarem: as senhoritas Léa Ferraz Alves, Maria Luiza Santos, Cecilia Pereira. A ronda da elegancia é interminavel. As senhoritas Vera, Olga e Maria Eugenia Barbosa de Rezende vêm, com certeza, da Lallet. Todas trazem a sua petala de rosa.

* * *

— Devota de Santa Therezinha?

A senhorita Laura La Rocque Rodrigues volta-se para responder.

— Tambem della.

E eu mergulho no arrependimento de ter faltado a um voto de outra devoção: a do meigo e Santo Guyan, creador dessa religião da belleza da vida, de que somos penitentes...

CRIANÇAS

JÁ se têm dito mil coisas a respeito do governo do mundo... Até que os mortos governam os vivos. Ainda não se disse, porém, que a maior força na terra é a das crianças... São esses heroes anonymos que mudam a propria natureza humana.

* * *

Eu tinha acabado de ler, em Rabindranath Tagore, a pergunta curiosa do filhinho innocente, mas penetrado da sabedoria divina: "Si eu fôsse somente um cachorrinho, e não o teu filho, mãe querida, serias capaz de dizer-me não — si eu quizesse comer no teu prato? Serias capaz de enxotar-me, gritando passa fóra, cochorrinho importuno?"

* * *

Não são as mães, nem os paes, que fazem a felicidade dos filhos. São estes, obreiros pequeninos e formidaveis, que alumiam o destino dos paes. Não tem outra explicação o seguinte episodio, referido por Humberto de Campos, em artigo desta semana:

"Contou-me, ha pouco tempo, o desembargador Vicente Piragibe um caso occorrido no Asylo N. S. de Pompéa, destinado especialmente, no Rio de Janeiro, aos filhos dos encarcerados. Acha-se recolhida ali uma pequenita, filha de um criminoso considerado na Casa de Correcção um dos peores moradores do presidio. Um dia, a pequenita adoece. Compadecido, a directoria do Asylo manda pedir ao ministro da Justiça consinta que aquelle pae veja a sua filha, que vae morrer. O criminoso é levado áquelle estabelecimento de caridade em um carro forte. Physionomia fechada de homem-féra. Ao ver, porém, a pequenita, atira-se de joelhos, abraça-a, não só a ella, mas a propria cama, em que ella se deita, e ali fica cerca de uma hora, soluçando como uma criança. A menina morreu. O pae regressou para a prisão. No dia seguinte, porém, modificava-se inteiramente, sendo hoje, no presidio em que cumpre a pena, um modelo pela conducta e, sobretudo, pela cordura de coração."

* * *

As crianças governam o mundo...

LUCIANO

RECITAL DE CANTO E VIOLÃO

NO Studio Nicolas, na penultima quinta-feira, a senhora Leticia Gomes Figueiredo encantou uma seleta assistencia, proporcionando-lhe a audição de violão e canto, com musica de sua autoria. Foi uma hora de inesquecivel prazer artistico, essa em que a inspirada compositora deliciou a sensibilidade de seus numerosos ouvintes. O exito alcançado pela senhora Leticia de Figueiredo foi completo. As palmas, que o auditorio lhe deu, disseram do enthusiasmo pelo seu talento e pela sua arte.

* * *

A par do effeito artistico, resalto a nota social. A sala apresentava, entre outras figuras representativas: a senhora Santos Lobo; a senhora Milton Weinperz; as senhoritas Lucia e Maria Loreto Gomes; as senhoritas Yolanda e Claudia Gossi; a senhorita Mary del Vecchio; a senhora Alberto Rodrigues; a senhora Martins Figueiredo; a senhora Benjamin de Lima e senhorita Alice de Araujo Lima; as senhoritas Diva Jabor e Antoninha Jansen Muller; a senhora Loreto Gomes; a senhora Alberto Duarte; a senhorita Herminia Gama de Oliveira; a senhora João Madeira; a senhora Jorge Jobin, etc., etc.

* * *

HORA DO APPERITIVO

A manhã nublada do domingo não prejudicou a parada elegante de Copacabana. Uma grande animação nas physionomias contrastava com o scenario triste da natureza. Restos de nevoeiros esgarçavam-se no ar. A alegria estava só nos rostos. Até o mar parecia fatigado, ondulando sem força e vindo morrer na areia, humilde e manso.

* * *

Uma sociedade brilhante tomava o apperitivo no O. K. Registrei: senhora Fernandes Dias, senhora Carlos Waldemar, senhora Milton de Campos, senhoritas Dolabella Portela, Magdalena Beckman, Dyonisia Rollim, Neuza Azevedo e Ruth Santiago; senhora Frances Oakim; senhora Augustinha Badora e senhora Emilie Oakim.

A senhora Carlos Waldemar recordava com o esposo a sua estadia numa pacata cidade nortista. E a senhora Bertha Pinto de Moraes projectava com a senhora Povina Cavalcanti uma viagem áquella mesma cidade...

* * *

O apperitivo no O. K. tem um inconveniente: prende a gente ao logar em vez de soltar-nos para o almoço. Uma vez alli, ninguem quer mais ir-se embora. E as horas se vão passando, num enlevo...

Ao sahir, encontro a senhora F. P. Carneiro da Cunha pelo braço de seu illustre marido, que commenta commigo a temporada lyrica do Municipal.

— As coisas bôas têm vida ephemera.

— E' preciso que seja assim. Para que a gente nunca se desencante.

No ar triste, pareceu-nos ouvir um preludio de despedida da garganta de ouro de Claudia Muzzio ou de Bidú Sayão...

NO "TRIANON", DE S. PAULO

UMA linda festa na Paulicéa. De arte, de mundanismo e de beneficencia. Uma festa de triplice exito, organizada a capricho e com um programma inedito. Foi a nota social da ultima semana, na terra da garôa.

* * *

Baile em beneficio da Associação das Escolas Populares "15 de Novembro". O convite-programma foi escripto em dialecto caipira. E a festa resultou num esplendido encontro social, apesar da pittoresca advertencia: "*Nóis prifirimo qui as muié num venha fantaziada di moça da Capitar*"... Aliás esse êxito estava previsto: "*Cumo vanceis deve sabê a nhá madama Louise Reynolds* (Poças Leitão) *tá qui nem patronésse da baruiêra qui nóis tá fazeno*".

O Trianon encheu-se assim de gente numerosa e fina, que não faltou ao curioso convite de Nhá Idóca de Jesus, signataria do mesmo, *pela Cumissão*...

DIPLOMATICAS

NA LEGAÇÃO DA POLONIA — Os elegantes salões da Legação da Polonia, na praia de Botafogo, abriram-se, na ultima semana, para um jantar e um sarão de arte em homenagem ao embaixador francez, sr. Kammerer, e sua familia, e ao embaixador argentino, senhor Ramon Carcano. Foi muito sentida a ausencia do embaixador Kammerer, que, devido a um accidente, que o reteve de cama, não poude comparecer á recepção. Em sua honra, entretanto, foram prestadas as devidas homenagens, antecipando as que os presentes e mais a alta sociedade carioca lhe apresentaram por occasião de seu embarque para a Europa, no ultimo domingo.

* * *

Compareceram á elegantissima festa do sr. ministro da Polonia: o embaixador Ramon J. Carcano; o ministro da Austria e senhora Retschek; sir Arthur Peel e lady Peel; senhora Lucie Landsberg Lynch e filhas; senhor e senhora Herbert Meses; senhor e senhora Louis La Saigne; senhorita Amalia Parczynska, senhor Chals Goodwin, doutor Hector Ghiraldo; prof. Garric; Barão Mauricio Doyer; senhor e senhora Antonio de Castro Barbosa; senhor e senhora Blandy; senhor e senhoritas E. Murray Harvey; senhor e senhora Arthur Zorni; senhor e senhora Van Locken; senhor e senhora Stanislaw Landau; senhora R. Pasternak; senhora E. Podoreiska; senhoritas Gertrudes e Phyllis Saville, Nicole e Jacqueline La Saigne; senhores Luiz Perestrelo de A. D'Ora, W. Stypulkowski e E. Choloniewski.

PALACIO ITAMARATY — Revestiu-se de excepcional brilho o jantar de despedidas que o ministro Mello Franco offereceu, no Palacio Itamaraty, ao senhor Alberto Kammerer, embaixador da França, nas vesperas de sua partida para a Europa.

O embaixador Kammerer vem de deixar a chefia da missão diplomatica do seu paiz junto ao governo brasileiro.

Estiveram presentes ao jantar do Itamaraty, alem do homenageado e do chanceller brasileiro, o embaixador Oscar de Teffé e senhora; o general Huntziger e senhora; o conselheiro da embaixada da França e senhora viscondessa Du Chaffault; o capitão de corveta Richeufftz de Manin e condessa de Richeufftz de Manin; o consul Arno Konder e senhora; o senhor e senhora A. Gauthier; o senhor e senhora Simões Lopes; o senhor e senhora Rubens Ferreira de Mello; o senhor e senhora Bueno do Prado; o senhor e senhora Renato Lago; o senhor e senhora Alencastro Guimarães; as senhoritas Kammerer e Mello Franco; os senhores ministros Antunes Maciel e Oswaldo Aranha; os senhores Renato Almeida, Souza Gomes; o capitão Sadok de Sá; o senhor Afranio de Mello Franco Filho; o senhor Chuls Marot; o academico Gregorio da Fonseca; o barão Maurice Dayot; o senhor Claude de Séze; o capitão De Fourneaux e senhor Moniz Gordilho.

"LE LIVRE DE L'ANNIVERSAIRE"

DATOU de 17 de fevereiro de 1833 o amor de Victor Hugo por Julieta Drouet. Dois annos depois, em 1835, o poeta escreveu a primeira pagina do "Livro do Anniversario", destinado a registrar, todos os annos, a gloriosa data.

Barthou escreveu, a proposito: "Julieta não se conformava em ser a primeira a receber as confidencias do poeta amado. Quiz ter um livro que fosse seu, somente seu, e onde, todos os annos, se celebrasse a evocação do seu amor."

Durante 50 annos, o maravilhoso poeta realizou esse desejo. Na dedicatória de um de seus últimos retratos, V. Hugo dizia a Julieta: "Je t'aime. Cinquante ans d'amour, c'est le plus beau mariage".

* * *

Em meio seculo, cada anno, essa ternura floresceu numa palavra de amor mais profunda.

Não admira que as primeiras paginas fossem assim ardentes: "Lembra-te, minha querida, de nossa primeira noite, uma noite de carnaval, a noite de terça-feira gorda de 1833. Realizava-se, não sei em que theatro, não sei que famoso baile — a que deveriamos comparecer. (Interrompo aqui o que escrevo para beijar-te na tua linda bocca; e continuo). Nada, nem mesmo a morte, apagará jamais esta lembrança da minha memoria. Todas as horas dessa noite atravessam o meu pensamento, uma após outra, como estrellas que a minha alma contemplasse."

Este registro é de 1841, oito annos depois da data inicial. Más, não differe deste outro, escripto 48 annos depois, já velhinhos os dois amantes, em vespera de partida para o Desconhecido.

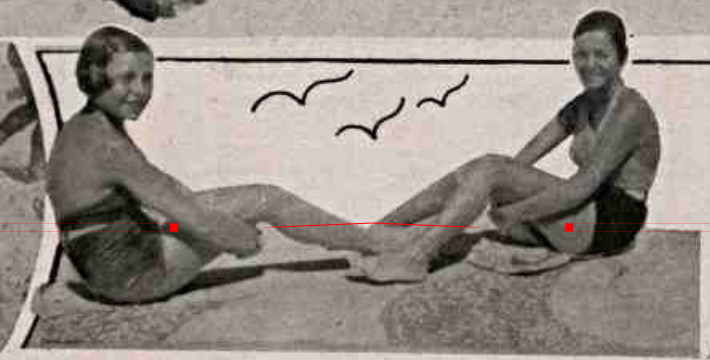
Victor Hugo andava, então, pelos 75 annos:

"Souvenir profond et doux, nuit sacrée! Il y a 48 ans tu t'es donnée a moi, je t'ai possedée, toi, la beauté, toi, la grace, toi, la femme de ton siécle. Que ce jour soit grand á jamais ma bienadmée; je t'aime, je te possède, je te bénis, je t'adore".

Tinha razão V. Hugo: 50 annos de amor sacramentam a mais bella união...

LUCIANO

COPACABANA

Começo de setembro... Não tarda a primavera. O verão faz os seus primeiros ensaios. O verde das montanhas exhibe uma tonalidade mais brilhante. O céo é mais limpido. E, numa demonstração de saúde e alegria, as nossas sereias invadem as praias de banho mais preferidas. Sobretudo Copacabana, que é o padrão da elegancia balnearia da metropole.

A MORTE DO PRESIDENTE OLEGARIO MACIEL

TERÇA-FEIRA ultima, o paiz em peso recebia consternadamente a noticia do fallecimento do venerando patricio, dr. Olegario Maciel, presidente do Estado de Minas Geraes. Figura de accentuado relevo e projecção no scenario actual da vida publica nacional, o illustre varão mineiro vem de desapparecer num momento em que a patria e o seu grande Estado natal ainda muito esperavam da sua palavra conselheira, do seu largo e generoso espirito, de sua actividade sempre bem orientada e inspirada nos mais elevados sentimentos de patriotismo. Foi um lutador de rija tempera, mas sereno e ponderado, o illustre varão mineiro que a morte abateu repentinamente. A' revolução de Outubro de 1930 prestou elle apoio decisivo e forte. E d'ahi para cá, até o momento em que baqueou, sempre firme e sempre confiante nos altos destinos da sua Patria, entregue á obra renovadora da Revolução, Olegario Maciel vinha prestando a Minas, ao Brasil e ao governo provisorio os mais assignalados serviços. Para tanto soube o saudoso politico mineiro cercar-se de elementos de indiscutivel valor, como Gustavo Capanema e outros illustres auxiliares do seu governo. Colhido de surpreza pela morte, Olegario Maciel morre de pé, aos setenta e oito annos de idade, deixando profundamente consternada a alma brasileira.

O saudoso presidente Olegario Maciel na sua mais recente photographia.

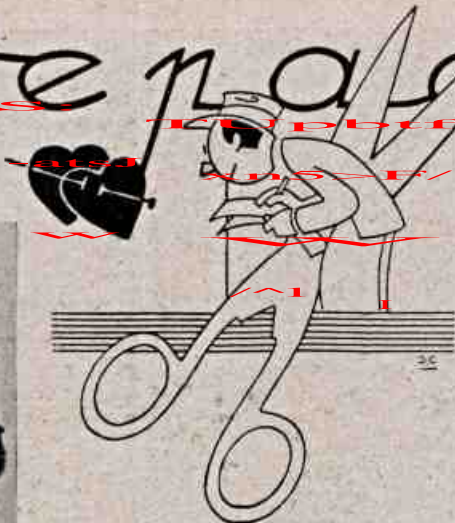
DE LUTO A AVIAÇÃO ITALIANA

COM a morte tragica do grande az da aviação italiana Marquez de Pinedo, não só a Italia, mas o mundo inteiro, perdeu uma das maiores glorias dos ares. De Pinedo é bastante conhecido na America do Sul, e, particularmente, pelos brasileiros, que o consagraram e applaudiram, rendendo-lhe as mais expressivas homenagens, por occasião do seu audacioso raid Italia-Brasil. De Pinedo, o intrépido piloto, que tantas glorias conquistou para a sua patria, desappareceu de um modo verdadeiramente dramatico: morreu carbonizado, em consequencia de um desastre do avião "Floyd Benett Field", justamente quando, a bordo desse apparelho, erguia vôo para iniciar uma nova façanha aviatoria. A tragedia que roubou á Italia um dos seus filhos mais eminentes não feriu somente a patria do Marquez De Pinedo: feriu toda a Raça Latina, de que era elle uma viva e pujante expressão de coragem e energia moça.

O marquez De Pinedo e o avião «Santa Maria», no qual o glorioso «az» italiano realizou o arrojado «raid» Italia-Brasil, voando, tambem, no mesmo, sobre as florestas amazonicas.

O 1.º CONGRESSO EUCHARISTICO NACIONAL

O 1.º Congresso Eucharistico Brasileiro, inaugurado, solenne e festivamente, na capital bahiana, a 3 do corrente, é um acontecimento da maior relevancia na vida religiosa do nosso paiz. E foi com expressivas e legitimas demonstrações de jubilo que a alma catholica de nosso povo recebeu a alviçareira noticia da realização do nosso 1.º Congresso Eucharistico, ora reunido na histórica cidade do Salvador. Afim de tomar parte na memoravel assembléa religiosa nacional, como Legado «ad latere» de Sua Santidade o Papa Pio XI, viajou para a Bahia, a 31 de agosto ultimo, a bordo do «Pedro I», Sua Eminencia Revma. o Cardeal D. Sebastião Leme. O embarque do querido chefe da igreja catholica brasileira foi concorridiscimo, notando-se, no cáes, representantes das autoridades publicas, do clero e de todas as classes sociaes. Nossas gravuras focalizam um aspecto do embarque de S. Eminencia para a capital bahiana e da sessão solenne realizada no Circulo Catholico do Rio de Janeiro em commemoração e adhesão ao grande acontecimento que tanto vem fazendo vibrar a alma nacional.

Trepações

A senhorita Lucy Martins, graciosa figurinha da sociedade carioca e, tambem, apreciada e applaudida declamadora, que está organizando um recital para breve.

O Municipal é a casa de espectaculos que acolhe a melhor sociedade da nossa capital, gente presumidamente educada, acostumada a frequentar os grandes centros mundanos. Alli não se vae como a um cinema de bairro, com roupas caseiras, despreoccupadamente, para matar o tempo, com as creanças e a ama sêcca dos pimpolhos. Por isso, certas attitudes de cavalheiros menos precavidos devem ser registradas, para que os mesmos corrijam habitos deselegantes.

Numa das vesperaes, casa cheia, quente de enthusiasmo, notámos alguns individuos ostentando o chapeu na cabeça, em plena platéa, onde estavam senhoras de cabelleiras brancas.

Certamente, alli existem compartimentos especiaes destinados á guarda de chapéus, o que é feito mediante uma pequena contribuição a criterio do espectador. Mas, movidos pelo sordido habito de economizar patacos, alguns cavalheiros fingem ignorar a existencia das chapeleiras e teimam em penetrar no recinto com a cabeça coberta. Só assim podemos admittir a deselegancia do gesto, pois, um dos que infringiam as bôas normas da educação fôra, em tempo, figurão da Republica Velha, e quiçá até candidato a uma cadeira de sacrificios...

Lamentavel, apenas, a não ser que o *figurão* da democracia tenha o habito de receber visitas de cerimonia, em pyjama, palitando os dentes, e supponha que entre o Municipal e o Circo Democrata, não existe nenhuma differença...

MADAME tem uma linda cabeça, apesar dos primeiros vestigios do inverno que se aproxima. E uma physionomia franca, aberta, acolhedora, illuminada por um par de olhos inéditos...

Só assim explicamos o successo de *madame*, que conseguiu dominar inteiramente o espirito do nosso brilhante amigo, rapaz cuja sensibilidade aprimorada faz o encanto de todas as rodas onde apparece.

Mas, devemos assignalar que o *flirt* está apenas em começo, nos encontros de bondes, de omnibus, de raro em raro, sem o ensejo da troca de uma palavra siquer, visto como tem acontecido que *madame* se faz acompanhar sempre de uma filha, garota viva, mas que não chega aos pés da mamã, na opinião do nosso amigo...

Entretanto, já entraram em entendimento pela linguagem muda dos olhos, firmando a promessa de uma felicidade proxima, porque Cupido sabe armar camas de arminho nas quaes a humanidade se deita sem se aperceber como e porque... O nosso amigo já identificou a residencia de *madame*, porém, a escalada é perigosa devido á bisbilhotice de umas vizinhas que moram na janella.

Tudo depende de certa prudencia e muita paciencia, salvo si *madame* precipitar os acontecimentos, para a alegria do rapaz.

AS duas irmãs arranjaram noivos, coisa banal, é certo, si bem que difficil nos dias actuaes. Andam ambas muito felizes, com os rapazes ao lado, esperando o *conjugo-vobis*... Até lá, porém, temos tempo, pois, com a crise, dois enxovaes não se fazem assim do pé para a mão, e a futura sogra deseja emprestar o maior brilho á solennidade do casório.

Mas, as duas irmãs não tiveram igual sorte com relação á escolha dos futuros maridos.

Uma arranjou noivo pobre, a outra, noivo rico.

Isto, afinal, não tem grande importancia, porque, na cabra céga da vida, póde muito bem acontecer dar o pobre melhor marido e o outro perder os cobres...

A futura sogra, entretanto, não pensa assim, pois dispensa aos noivos tratamento differente. A filha do noivo pobre não póde dar um passo sem os olhos vigilantes da mamã. Em casa, na rua, nas festas, está sob a rigorosa guarda materna.

A do noivo rico, ao contrario, goza de plena liberdade, em casa, na rua e nas festas, o que não deixa de ser esquisito, na opinião abalizada dos observadores... Uma não tem licença para coisa alguma, a outra póde tudo. Certamente, a futura sogra está sob alguma influencia astral que a obrigue a tão desigual tratamento ás filhas, ou, então, alguma curiosa pratica da vida lhe indica que, pelo menos, um genro ficará garantido.

Deve estar certo...

«A bolsa ou a vida!» — diz o pequeno Ruy a seu papá, o nosso collega de imprensa Pericles Barbosa Lima, consul do Brasil em Valencia (Hespanha). O menino Ruy... Barbosa é neto do dr. Barbosa Lima, ministro do Supremo Tribunal Militar.

O novo interventor federal no Rio Grande do Norte, dr. Mario Camara, em dois instantaneos por occasião de sua chegada á cidade de Natal, onde foi recebido pelo interventor interino, tenente Sérgio Marinho; e ao tomar posse de seu alto cargo, a 2 de agosto ultimo. No grupo de cima, vê-se s. ex. ao lado do general Manuel Rabello, inspector da 7.ª Região, e cercado de outras autoridades civis e militares.

Em baixo: Os jovens jornalistas cearenses C. Nery Camello, Achilles Arraes e Halley Castello Branco, que realizaram, com denodo, o «raid» pedestre «José Américo» (de Fortaleza, no Ceará, a João Pessôa, na Parahyba), visitando o interventor Mario Camara, no palacio do governo, em Natal.

Realizou-se no dia 31 de agosto findo, nos escriptorios da Chimica Industrial Bayer-Meister Lucius, nesta capital, a extracção dos premios do 6.º Concurso Cafiaspirina, que despertou, como os anteriores, o maior interesse em todos os pontos do paiz. A nossa gravura apresenta dois flagrantes do sorteio, que foi assistido por varias pessôas.

O AMOR

O amor me incitava a amar. Mas, na minha ignorancia, recusava-me a deixar-me persuadir. E o amor, immediatamente, arma contra mim uma flecha de oiro e me convida á luta.

Defendo meus hombros com uma couraça. Como Achilles, tomo um escudo e inicio a luta contra o amor. E o amor provocava-me, e fugia.

Quando se lhe acabaram as flechas, irritadiço, lançou-se elle mesmo, como um dardo, e penetrou o fundo de meu coração. Eu estava vencido.

De nada me serviu o escudo de defesa. As musas coroaram o amor com grinaldas e o confiaram á belleza.

E a deusa do amor offereceu o resgate. Mas, quando lhe devolveu a liberdade, fôra já o proprio amor que não quizéra partir, porque havia aprendido a amar a escravidão.

ANACREONTE

A Toddy do Brasil S. A., que acaba de iniciar suas actividades em nosso paiz, tendo como presidente o industrial puerto-riquenho sr. Pedro Santiago, realizou uma solennidade para entrega da primeira lata de Toddy de fabricação brasileira ao sr. Francisco De Vivo, gerente geral das Industrias Reunidas F. Matarazzo, vindo especialmente de S. Paulo para esse fim. A gravura mostra o sr. Pedro Santiago, cercado de seus auxiliares, durante essa solennidade.

Entendam-se as mulheres...

POR GILBERTO VEIGA.

Eu tenho uma amiguinha que se chama Lourdes. Não é bem mulher, nem é mais menina. Seus 17 annos loiros e franzinos tiram-lhe a apparencia de uma moça integral.

Lourdinha, — como a chamamos na intimidade, — é dona de um espirito irrequieto e de um temperamento originalissimo. Gosta, como toda criança e toda moça que se prezam, immensamente de doces, de guloseimas. Para ella um *marron glacé* vale mais que um rubi oriental ou uma saphira purissima. Rara é a vez em que a encontro sem mastigar. Um dia desses, censurei-a, brincando:

— Você acaba virando assucar.

E ella:

— Que coisa bôa! Seria a realidade palpavel. Todos me dizem que sou uma menina *doce*. Você mesmo já me mandou um bilhete em que me chamava de sua doce amiguinha. Lembra-se? Tenho-o guardado.

E continuou a rolar na boquinha rosea a bala de [illegible] doce.

Morando á beira mar, Lourdinha dá a vida por uma manhã de domingo cheia de sol. E faz gosto vêl-a, muito loira, muito rosea, os cabellos cahindo em lindos anéis, a bôcca fresca e humida aberta num sorriso perenne, envolta num trapo de lã preta que ainda mais realça a brancura de sua pelle jaspea. O unico sport que o seu physico comporta é a peteca. Este mesmo a deixa extenuada. A sua compleição de junquilho delicado não supporta grandes rajadas de vento. E' educada e alegre. Gosta de musica, de pintura, das bôas letras, sem, comtudo, amar a nenhuma. Gosta, apenas. Eu disse que ella é original e não menti: entre uma barata elegante, aristocratica, e um omnibus collectivo e massante, prefere o ultimo. E' preciso convir que isso, para uma garota de 17 annos, filha de pae rico e educada numa escola moderna ou modernista, já representa grande dóse de exquisitice ou originalidade. O argumento que ella apresenta para essa preferencia é ingenuo e simplorio: a barata leva somente duas pessoas que, na maior parte das vezes, falam tolices, emquanto o omnibus conduz uma multidão de gente trabalhadora, onde se pódem estudar os typos e sondar os espiritos.

Lourdinha não copia. Inventa. Seus vestidos, embóra obedecendo á technica dos grandes mestres francezes do corte, são modelos quasi seus. Sabe aproveitar uma linha elegante para uma golla á Lourdes, — como diz, gracejando.

Traçado rapidamente o perfil moral e physico da minha deliciosa amiguinha, vamos ao motivo que deu origem a este conto.

Ha oito dias passados, fui, como sempre, á casa do commendador Fulgencio, pae de Lourdinha, para o chá das 5, que, por signal, é um chá excellente, acompanhado de não menos excellentes biscoitos inglezes. Logo ao entrar, estranhei a recepção da garota. Estendeu-me a mãosinha sem aquelle ar brejeiro muito seu, disse-me, baixinho, quasi num sussurro:

— Preciso muito conversar com você em particular.

Era a primeira vez que eu a via falar seriamente. Seus labios não sorriam. Seus olhos grandes e azues tinham qualquer coisa de triste, de melancolico, como si as lagrimas houvessem empanado o seu brilho celestial.

Após breve cumprimento a todos, como não sou de cerimonia na casa do commendador, afastei-me e fui para o jardim, acompanhado de Lourdes. Sentámo-nos num banco tosco e, depois de alguns segundos de silencio, a garota pegou-me uma das mãos, e começou:

— Sabe? Sua doce amiguinha está muito triste. Perdeu, para sempre, aquella alegria de passaro livre e cantante. Imagine o raio que me cahiu á cabeça. Meu pae apresentou-me, ha um mez mais ou menos, o Leonel, que você conhece, acompanhando essa apresentação de rasgados elogios á sua personalidade. Como elle é, por temperamento, infenso aos louvores *tête-á-tête*, logo estranhei a quebra daquelle hábito. Desde aquella época, o apresentado não tem feito outra coisa sinão cumular-me de gentilezas, sem que eu pudesse descobrir, através dessas amabilidades, quaesquer outras intenções. Hontem, ao jantar, — Leonel fôra convidado para tal, especialmente, — sem que eu menos esperasse, elle pediu-me a papae em casamento. Imagine você a minha surpreza em face de tão desarasoada solicitação! E a minha revolta foi tão espontanea, que, quebrando todas as regras da bôa educação social, lhe disse que não o amava, que não podia acceitar para marido um homem que me era inteiramente indifferente, etc., etc. Então, eu sou assim uma coisa qualquer que se põe e dispõe sem ao menos ser consultada?! Pois bem. O jantar continuou normal e tudo indicava que a tempestade que ameaçava ruir o meu castello de sonho havia passado, quando, ao retirar-se o pretendente, meu pae chamou-me ao seu gabinete de trabalho e mostrou-me, através de longa exposição de motivos, a conveniencia de tal casamento, appellando, por fim, para os meus sentimentos de filha bôa, de amiga dedicada. Então, pergunto eu, deverei casar-me com um homem que, posso dizer, nem ao menos, conheço, pela simples razão desse homem ter, ao que dizem, solida fortuna?! Sujeitar-me a uma união eterna e irremediavel, unicamente pela conveniencia da juncção de dois interesses?! E o amôr? Não vale nada, então, esse sentimento que harmoniza as almas?! E' horrivel, meu amigo, mas, juro, juro por tudo que não me casarei. Prefiro morrer e, si me quizerem obrigar a tal disparate, porei fim á minha triste vida!

Olhei Lourdinha nos olhos. Chorava. Não sei si de desespero ou de rancor. Disse-lhe que não estava tudo perdido e que, com habilidade, talvez pudesse, ella mesma, domar a inflexibilidade do pae. Esquecia-me de dizer que sempre gostei muito da Lourdes, mas, unicamente, como se poderia gostar de uma boneca que soubesse falar e ter caprichos interessantes. Gastava longo tempo a observar-lhe as preferencias e a estudar-lhe a alma embryonaria. Achando-a differente das outras garôtas, pela originalidade de hábitos e, sobretudo, pela sua rapulsa aos automoveis particulares, admirava-a e queria-lhe bem.

Naquella noite do jardim foi que Lourdes me deu, integralmente, a alma para estudar. Após a narrativa do *complot* para o seu casamento e após os meus conselhos e o consolo ás suas afflicções, ella levantou-se bruscamente, fitou-me com os olhos relampejantes, e, num supremo assomo de cólera, entre dentes, soprou estas palavras, que me deixaram attonito e me fizeram fugir, para sempre, da casa do capitalista, seu pae:

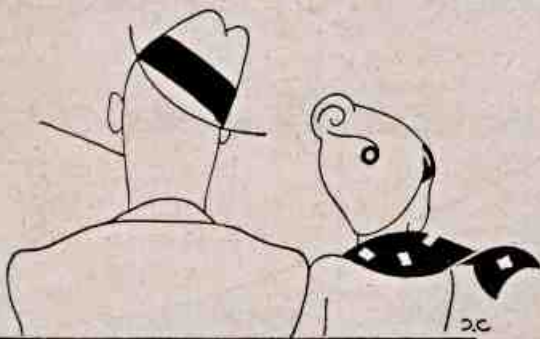
— Você é muito cretino! Cretino em toda á extensão do termo! Então precisava que eu lhe dissesse, cara a cara, que o homem a quem amo é você?! São muito estupidós os homens!

* * *

Hoje pela manhã, ao atravessar a Avenida, encontrei o commendador Fulgencio. Após censurar-me acremente e perguntar-me o motivo por que eu não apparecia ha tão longo tempo, deu-me noticias dos seus.

— A Lourdes está radiante. Casar-se-á para o mez, indo depois para a Europa gozar a lua de mel. Seu noivo, o Leonel, não cabe em si de feliz e não poupa esforços para ser agradavel á noivinha...

Despediu-se e foi-se rua em fóra jingando o corpo de pae feliz que encontrou o marido ideal para a filha extremecida. E eu fiquei, por um instane, pensando no juramento de Lourdinha...

Entendam-se as mulheres...

ESQUECI
MENTO
Tu não te lembras mais. Faz tanto tempo... E um dia
de amor é tão banal para um homem feliz...
Esqueceste. E' da vida. Eu mais estranharia
que lembrasses um pouco o muito que eu te quiz.
Para o teu coração, albergue sempre aberto
a toda sensação de gozo ou de conquista,
que importa ver o meu arruinado, deserto?
Si, para conquistar, tens qualquer outro em vista?
Tu não te lembras, não. Como um dos teus cigarros
que, após têl-o fumado, atirasses á rua,
esqueceste depressa os meus olhos bizarros,
e essa bôcca que foi uma escrava da tua...
Tu não te lembras mais... E na memoria eu levo,
como um rito sagrado, o teu nome tão lindo...
Ha sempre algo de ti nos versos que eu escrevo,
e só de ti me vem a dor que vou curtindo.
Tu não te lembras mais. Essas magoas e penas,
e a jornada de fel que, em ti pensando, eu fiz...
foram na tua vida um episodio, apenas
uma coisa banal para um homem feliz...
Illust. de Edgard
Colombina

Mlle. Solange d'Harcourt, pertencente a uma das mais illustres familias da nobreza de França, que contrahiu nupcias, recentemente, em Paris, com o duque de Vivenne, official do 18.º Regimento de Infantaria do Exercito francez, e tambem de descendencia nobre, ostentando o seu riquissimo traje de noiva, creação Jean Patou, em photographias especiaes para FON-FON.

A VIDA SOCIAL EM PARIS

Alto-Falante

O jornalista e escriptor Paulo de Magalhães, que embarcou para os Estados Unidos, como enviado especial da Associação Brasileira de Imprensa, na caravana de excursionistas brasileiros organizada pelo Touring Club. Paulo de Magalhães pretende visitar Hollywood, onde realizará alguns «shorts» de motivos brasileiros e estudará a technica cinematographica dos norte-americanos, para, em seu regresso ao Brasil, dirigir films nacionaes, com artistas nossos e argumentos de sua autoria.

UMA CARTA

MEU caro Max Linder. — *Li sua chronica — Inquietação — no ultimo numero de FON-FON. Mesmo não viesse assignada, e eu logo adivinharia de quem era essa pagina. Porque você, a quem não conheço e que tambem não me conhece, é inconfundivel quando escreve. E' você mesmo; você alma e coração. Isso, porém, quando as suas paginas são sentidas, são* v i v i d a s. *Você, então, fixa, admiravelmente, o seu estado de alma ou de coração, no momento.*

Ha muito acompanho-o, em espirito, na sua peregrinação sentimental e emocional pela Estrada de Damasco *da vida. Da sua vida, que me parece ser uma vida cheia de desenganos e de soffrimento, mas,* t a m b e m, *com intermittencias de fé e de duvida.*

O joven aspirante do Exercito Floriano Daltro Ramos, um dos autores do excellente volume technico «Topographia de Campanha». Agrimensor, professor de mathematica e escriptor, é uma das mais interessantes figuras intellectuaes dos nossos circulos militares.

Inquietação *é uma pagina que espelha, que reflecte o que você é realmente, hoje: um homem que ainda não encontrou o seu rumo na terra. Ou, melhor: que talvez o tenha encontrado, para logo perdel-o. D'ahi a sua ansia, a sua constante inquietação.*

Serei? Ou estarei enganada? Os homens que escrevem enganam ainda mais que os que não são escriptores. Mais, mesmo, do que nós as mulheres, as "versateis filhas de Eva" no dizer de vocês. Mas, você, em certos momentos, Max Linder, mesmo que quizesse enganar não o poderia. Trahir-se-ia fatalmente.

Desculpe-me, p o r é m, *uma pequena indiscreção: Você já terá amado de verdade alguma mulher?*

Por que muitas, naturalmente, terão passado pela sua vida, pelo seu coração. Passado... Terá, porém, alguma ficado, Max? A sombra de alguma, ao menos?

Sabe por que lhe pergunto isso?.

E' simples: porque, lendo-o (conheço tambem seu livro Teia de Aranha) *tenho a impressão de que em quasi tudo que você escreve ha uma "sombra", um vulto de mulher que você nunca esqueceu, nunca esquecerá.*

O professor Yvan Vianna Rodrigues acaba de offerecer aos collegiaes um interessante livro de contos infantis, intitulado «O Despertar da Infancia». Obedecendo aos verdadeiros moldes da pedagogia moderna, o trabalho do professor Yvan é desses que se impõem ao uso da petizada das escolas, não só porque reúne uma série de contos, apologos e fabulas, onde se encerram úteis ensinamentos, mas, tambem, porque é escripto com clareza e elegancia de fórma.

E' certo?

Você ha de estranhar esta indiscreção de uma desconhecida. N ã o *se aborreça. Deixe passar... São coisas de mulher...*

Mais uma vez desculpe-me, sim?

Uma admiradora.

* * *

A carta da minha curiosa admiradora é... três aimable. *Publico-a somente, e fico a sorrir bondosamente* p a r a *as "sombras de mulher" — que passaram pela minha vida.*

E ainda lhe fico agradecido porque, assim, recordei, e v o q u e i *vultos amigos, a dizer commigo proprio que uma mulher que foi amada nunca passa de todo na vida de um homem. Sempre fica...*

MAX LINDER

Esta garota engraçada e sadia chama-se Vilma e é filha do sr. José de Moraes, funccionario da Prefeitura desta capital, e de sua esposa, d. Carmen de Moraes.

HAS DE SER MINHA MULHER

Comedia musicada da U. F. A. — com WILLY FRITSCH — RALPH ARTHUR ROBERTS E CAMILLA HORN

ADOLPHO MENARD, um architecto de meia idade, é um conquistador invete rado. Mulher bonita que lhe passe ao alcance altera-lhe por completo o rumo. Esquece-se, em taes momentos, da esposa, uma adoravel mulherzinha, linda como um pedaço de céo primaveril e que o supporta ha dois annos. Na noite do anniversario de seu casamento, Ménard, para rehabilitar-se, perante a esposa, dos seus habituaes peccadilhos, leva-a a um "dancing". A belleza de Alice logo attrae os olhares gulosos de um sympathico cavalheiro que, sentado a uma mesa proxima, parecia mortalmente entediado naquelle ambiente festivo. A entrada de Alice como que lhe encheu a alma de alegria. Pelo menos aos seus labios aflorou um sorriso de satisfacção. Ella, com essa perspicacia natural a todas as mulheres, notou-lhe o interesse... e sorriu tambem, imperceptivelmente. As "girls" do bar, que conheciam Ménard pelo vulgo de "Baby", mal o avistam, lhe acenam de longe brejeiramente. O D. Juan velhusco não pode resistir por muito tempo a taes convites. Arranja o pretexto qualquer e deixa a esposa abandonada para se divertir a valer com as trefegas raparigas. O joven cavalheiro, que não perdia detalhe, aproveita a occasião para aproximar-se de Alice e arrastal-a a uma contradança. Ella acceita, mas, notando-lhe o excessivo enthusiasmo, adverte-o de que é casada. O joven, porem, lhe retruca, apertando cada vez mais o cerco:

— O abandono em que a deixou seu marido é uma offensa aos seus encantos... A minha especialidade é, justamente, essa: consolar as esposas incomprehensiveis...

Quando Ménard, de posse do endereço de uma "girl", volta ao seu logar, Alice já não ali está. Indignada com o procedimento do marido, ella abandonára o "dancing" em companhia do sympathico cavalheiro, que se offerecera gentilmente para conduzil-a á casa. Em

(Conclue na pag. 56)

Perigos de amor — Da FOX

(DANGEROUSLY YORS)

com WARNER BAXTER
MIMI JORDAN
HERBERT MUNDIN

ANDREW BURKE, o moderno e elegante ladrão de joias de mulheres bonitas; Claire Roberts, a linda detective de uma companhia de seguros; Groves e o ajudante Burke são hospedes de honra da riquissima Sarah Çatham, na confortavel mansão de Long Island. Burke agia com toda a diplomacia de sua difficil arte, e, conhecendo as artimanhas de Claire, desejava obter um fabuloso collar de perolas de Sarah; para despistar a detective, incumbe a Groves do "trabalhinho", mantendo um escandaloso "flirt" com a irresistivel policia amadora. Nessa noite fazia parte dos festejos uma sessão espirita e como tal o notavel "scientista" exigia que todas as luzes fossem apagadas. Aproveitando a escuridão, Groves não perde "vasa" e o fabuloso collar de perolas desapparece como por encanto do "majestoso" pescoço da sra. Sarah Çatham. Escandalo!

Gritos de soccorro e a policia secreta comparece a esse fim de espectaculo.

Investigações e revistas nos presentes, etc., tudo de accôrdo com o protocollo policial, são levados a effeito. Entretanto, Claire tem a coragem de dizer verbalmente a Burke ser elle o autor do furto de tão preciosa joia. Indignado, elle carrega-a para seu hiate, onde a deixa sob correntes. Dessa prisão surgem scenas idyllicas, onde Claire, querendo ficar com raiva de Burke, sente que o ama cada vez mais.

Depois de varios dias, Burke, que tambem se sentia apaixonado pela sua prisioneira, resolve dar-lhe liberdade e redimir-se da sua vida perigosa de aventuras incertas.

Acceita novamente a hospitalidade de Sarah Çhatam, e, para resgatar a distracção do desapparecimento do collar que tanta falta fazia ao lindo collo de Mme. Sarah, lembra uma nova sessão espirita. Realizada esta como por encanto, o custoso ornamento de perolas volve ao ninho antigo, acabando tudo muito bem, naturalmente como o classico casamento de Andrew Burke e Claire Roberts, tendo como padrinhos Mme. Sarah Catham e Groves, o agora secretario particular do seu ex-comparsa.

Tudo isto vem a proposito para lembrar as influencias e os perigos de amôr, capazes de arruinar ou redimir as almas dos homens...

ANJO E DEMONIO

(Supernatural) — Da PARAMOUNT

COM CAROLE LOMBARD

PAUL BAVIAN é um farçante que vive á custa de explorar a credulidade no sobrenatural. Fingindo-se espiritista, apparenta achar-se em communicação com as forças mysteriosas em que não crê, e das quaes finge approximar-se, embora a verdade é de que ninguem pode com ellas brincar impunemente.

A morte de John Courtney accendeu no espirito de Bavian a esperança de um magnifico negocio: bastar-lhe-há embair Roma Courtney, irmã gêmea do defunto, e o dinheiro que sobra á linda millionaria passará em imponente maquia ás suas ávidas mãos.

Com esse objectivo em vista, elle penetra subrepticiamente em casa dos Courtney, obtem em gesso a mascara do mancebo morto, e dias depois della se utilisa por fórma a fazer crer á Roma que seu irmão lhe apparece, accusando Hammond, o gerente dos bens da familia e tutor do morto, como seu assassino.

O noivo de Roma, Grant Wilson, apesar da convincente limpeza com que Bavian executa as sortes do seu falso espiritismo na primeira sessão realizada em sua casa, prosegue firme na attitude que adoptou desde o primeiro momento: para elle, o espiritismo não é sinão um pantomimeiro á caça de dinheiro. Apesar da sua convicção, elle accede entretanto em assistir a uma nova sessão, que será feita desta vez em casa dos Courtney e á qual estarão presentes não só Roma, directamente interessada, mas tambem Hammond e o doutor Houston, este ultimo famoso, já como medico, já como investigador apaixonado das coisas sobrenaturaes.

Nessa segunda sessão, Bavian que accudiu á casa dos Courtney devidamente preparado, evoca mais uma vez o espirito de John Courtney e obtem que este (ou melhor, o que aos olhos de todos parece ser o seu espirito) de novo formule as suas accusações a Hammond, a quem denuncia como seu envenenador. E taes apparencias de verdade sabe elle emprestar á sua farça, que todos acreditam no prodigio, mais ainda quando o accusado vem a morrer repentinamente.

Pouco antes do que acaba de ser referido, o doutor Houston havia effectuado uma série de experiencias com o cadaver de Ruth Rogen, mulher da vida galante, condemnada á morte pelo assassinio de varios amantes. Sustentava o medico que, desprendida do corpo da criminosa, a sua alma buscaria apoderar-se de outro corpo, e que, para isso evitar, era preciso proceder, presente o cadaver, a uma serie de operações cujo objectivo era privar essa alma perversa do poder de reincarnar.

Procede o medico ás suas experiencias quando succede apresentarem-se em sua casa Roma Courtney e Grant Wilson. A presença da moça alli, no momento em que a alma de Ruth Rogen ronda o corpo que lhe serviu de morada, inquiéta gravemente o medico, o qual afasta Roma quanto antes, mas não tão depressa que possa evitar aquillo que receia: o espirito da criminosa apodera-se de Roma Courtney.

Dominada pela nova personalidade que agora existe no seu material envolucro, aquella que foi sempre moça exemplar converte-se em todo o opposto: liga-se com Paul Bavian, exerce sobre elle o poder dos seus encantos e entrega-se a uma vida de desordenados excessos.

O falso espiritista, que, durante uma orgia em que correu a rodo o champagne, revelou a Roma que ella é na realidade Ruth Rogen, acaba por ser dominado pelo medo. Elle, que até agora se ria do sobrenatural, sente que algo de mysterioso o rodeia e o ameaça mais e mais.

Entrementes, o espirito de John Courtney apparece na realidade a Grant Wilson e ao doutor Houston e pede-lhes que vão em busca de Roma e a livrem do espirito maligno que a possue. Obedientes á voz que lhes falou do Além, ambos se empenham immediatamente em descobrir o paradeiro da moça e acabam por saber que ella se acha a bordo do hiate de propriedade de sua familia. Já se preparam os dois para encaminhar-se com esse destino quando o medico é acommettido de uma syncope, o que obriga Grant a ir sózinho.

Quando o mancebo chega a bordo, Bavian trata de fugir numa lancha que se acha amarrada ao costado do hiate. Mas, na corrida tresloucada em que vae, o embusteiro escorrega e com tão má fortuna que fica pendente pelo pescoço de um cabo em que se enforca, sem que ninguem lhe possa valer. Roma, que desmaiou, volta a si nos braços de seu noivo. Abandonou-a o espirito perverso de que era presa, e voltando a ser a mesma Roma Courtney de outros tempos, ella se abraça a Grant e fala-lhe da ventura que lhes ha de sorrir na proxima viagem da sua lua de mel.

Dos Studios

Um disfarçado sorriso de Colleen Moore.

VICTOR TRIVAS está preparando a realização de "Noventa e três", segundo a célebre obra de Victor Hugo.

"Noventa e três" é uma das obras mais vigorosas do genial escriptor francês, que historia os tempos heróicos e confusos que seguiram á Revolução Franceza. E' um conjuncto admiravel de bellas imagens, animadas por uma acção poderosa, onde o artista que é Victor Trivas poderá encontrar farto material para a composição duma grande obra da cinematographia franceza.

* * *

NA vida febril dos studios surgem, por vezes, pequenos episodios, que revelam em toda a sua crueza feições ironicas e tragicas da vida.

Ha tempo, por exemplo, durante a filmagem de "Berkeley Square", o realizador notou que um figurante seguia com concentrada attenção todo o trabalho dos artistas. Tão extraordinaria lhe pareceu essa attenção, que quiz saber quem era esse observador interessado. A ficha de identidade do figurante revelou-lhe o nome — Tom Richetts.

Ao leitor que talvez o ignore, dir-lhe-emos que Tom Richetts era, ha dez ou doze annos, um dos realizadores de mais categoria da America. Hoje, como se vê, contenta-se com a posição de modesto figurante.

* * *

APESAR dos desanimadores resultados até hoje obtidos, a industria cinematographica italiana persiste, com admiravel coragem, em se organizar sobre bases estaveis. Assim, um novo e poderoso consorcio de productores acaba de se formar em Turim. A actividade do novo organismo começou em 15 do mez findo, com a realização de "Villafranca", obra que tem como assumpto a segunda guerra da independencia italiana.

Após diversas outras producções projectados, a nova empresa emprehenderá a adaptação ao écran da famosa peça de Mussolini intitulada "Os cem dias". Como se sabe, essa obra do dictador italiano obteve consideravel exito, tanto pela categoria do autor como pelas suas proprias qualidades literarias. Espera-se, por isso, que igual sorte esteja reservada á versão cinematographica.

Werner Krauss, o famoso autor austriaco, interpretará possivelmente o difficil papel de Napoleão, de que já deu no palco uma admiravel criação.

* * *

JACQES CATELLAIN vae regressar á actividade no film "Castellos do Sul", que está sendo realizado em Berlim.

O artista, que foi um dos primeiros galãs do cinema francês, prepara-se, assim, para reconquistar uma celebridade que ia ficando esquecida.

* * *

HA algum tempo que um sympathico casal de esquimós se encontra em Hollywood disposto a tentar fortuna no cinema.

O marido, que se chama Chee Ah, fala correctamente o inglês, visto como foi educado por missionarios inglezes do Alaska. Tomou parte em diversas expedições polares, em companhia de alguns intrepidos exploradores. Quanto á mulher, que conta apenas 16 annos, chama-se Kyatuk e não quer de fórma alguma vestir-se á americana.

As machinas cinematographicas ainda lhe inspiram grande terror, mas é de esperar que com o tempo consiga vencer esse instinctivo receio.

O casal esquimó vae agora interpretar um film cuja acção se passa no polo. E' natural que regresse depois ao seu paiz com um punhado de dollares, e com um repertorio de historias maravilhosas, que farão as delicias da sua tribu nas longas noites do inverno ártico.

* * *

DIVERSOS jornaes relatam que um tal doutor Gaspar, de Berlim, descobriu um novo processo de cinema a côres que está destinado a revolucionar a industria.

Esse processo não exige apparelhos complicados e o trabalho de laboratorio será tão facil como si se tratasse de films vulgares em claro-escuro.

Si assim fôr, póde-se prever para muito breve a era dos films sonoros e accrescentará a estes um particular encanto.

* * *

A nota predominante no camarim occupado por Marlene Dietrich nos studios da Paramount é um retrato a oleo que della fez o joven pintor allemão Kosleck.

Kosleck empregou nesse retrato a technica usada nos trabalhos de aguada, novidade que chamou a attenção de todos e mereceu o geral elogio dos criticos.

* * *

COMQUANTO Sylvia Sidney seja uma das menores actrizes do écran, ella é possuidora de um dos maiores cães que existem em Hollywood, — um Dober-

mann — Pinscher, premiado em varias exposições.

* * *

NO seu proximo filme, "On Sunday Afternoon", Gary Cooper dar-nos-á occasião de apreciá-lo como cantor. Representando o papel de um dentista de um villarejo americano, em principios do seculo actual, elle nos cantará "Arch du lieber", Augustine", "Good Bye, Little Girl, Good Bye", "Wait Till the Sun Shines, Nellie" e "In the Good Old Summer Time".

* * *

BRUCE CABOT, um dos actores da Paramount que figuram em *Disgraced*, já uma vez fez "ir" pelos ares a banda de Montecarlo.

Seu pae é socio de J. P. Morgan, o famoso banqueiro, mas Bruce não se desdoura de contar que, aos 15 annos, já ganhava a vida como *boxeur* profissional.

* * *

A lista completa dos actores da segunda geração que figuram em "This Day and Age" comprehendia até as ultimas datas: Eric Von Stroheim Jr., Wallace Reid Jr., Bryant Washburn, Carlyle Blackwell Jr., Fred Kohler Jr., e Elsie Ferguson, sobrinha da famosa *estrella* do mesmo nome.

* * *

A Paramount lançou mão de tres artistas, fora do seu elenco, para producções que brevemente vão entrar em filmagem. Wallace Ford foi contractado para "Three Conered Moon", substituindo Jack Oakie, que vae ser necessario para desempenhar outros papeis, e unir-se-á ao *cast* daquelle filme, que já comprehende Claudette Colbert, Richard Arlen e Mary Boland.

Margaret Dumont foi contractada para "Duck Soup", uma nova *pochade* dos Irmãos Marx.

Nydia Westerman, comediante do palco e do écran fará um dos papeis do novo filme de Chevalier, *Lições de Amor*, que Norman Taurog dirigirá.

* * *

BABY LEROY, um pirralhinho de oito mezes, que ganhou fama mundial pela sua actuação a par de Chevalier em "Beijos para Todas" (*A Bedtime Story*), acaba de ser contractado pela Paramount por um prazo de sete annos e apparecerá brevemente em "Baby in the Icebox", que será a segunda creação do az-mirim.

* * *

CHARLES R. ROGERS começará immediatamente a desobrigar-se dos novos encargos de seu contracto com a Paramount, o qual fixa em dez o numero de films que elle terá que confeccionar para aquella productora. O primeiro desses filmes, em côres naturaes, será "Swift Arrow", o qual estará a cargo do Associate Producer Harry Joe Brown. O segundo, este superintendido pelo proprio Rogers, será "Eight Girls in a Boat", versão americana de um dos grandes sucessos cinematographicos da Allemanha na presente temporada.

Mimi Jordan tambem sorri...

Sari Maritza.

HAS DE SER MINHA MULHER

(Conclusão)

caminho elle lhe furta audaciosamente um beijo. Ella quer protestar, mas o galã que o destino lhe puzera no caminho, jura que ainda ha de possuil-a como esposa.

No dia seguinte Ménard, todo lampeiro e saltitante, vae visitar a creatura que lhe dera, no "bar", na noite anterior, o endereço. Chega no momento exacto em que um cavalheiro está sendo despedido á força. E' que á espertalhona mais convinha, nesta época de crise, a protecção de um senhor idoso e rico. Entrementes, o tal joven atrevido que cortejára Alice na vespera apresenta-se em sua casa, mettido na pelle de um elegante copeiro. Quando o marido regressa, Alice esconde o falso copeiro na cabine telephonica. Dali elle surprehende um telephonema, muito intimo, muito compromettedora a Loulou — a tal "pequena" do endereço. Vem a saber tambem que Loulou viera de despedir um amiguinho — Henri Latour — a favor de Ménard. De posse desse segredo, o copeiro improvisado apresenta-se a Ménard como sendo o tal Henri Latour e, ameaçando-o de fazer escandalo, força-o a acceital-o como secretario. E tanto faz que, por meio de cartas cheias de intrigas e outros "trucs", induz o velho D. Juan a fazer uma viagem em companhia de Loulou. Alice percebe-lhe o plano. Vê claramente que o que elle procura é isolal-a do marido, mas, apesar de tudo, não se mostra tão zangada quanto a situação exigia. E' que o amor tambem andava a cegar-lhe o coração. Resolve, no emtanto, seguir o marido. Succedem-se complicações sem conta até que, afinal, ella percebe a necessidade de se divorciar de Ménard para casar-se com o "atrevido", ou por outra, com aquelle sympathico e audacioso cavalheiro que a conhecera certa noite num "dancing" e acabara por se intrometter definitivamente na sua existencia.

---

* * * A Paramount está procurando...

Quatro dos seus principaes departamentos estão á procura dos quinze mais lindos rapazes, das quinze mais lindas raparigas que fôr possivel encontrar, afim de aproveitar aquelles e estas num filme, "The Search for Beauty", que por estes dias entrará em filmagem; Cecil B. de Mille está á procura de algum rapazola, na idade adequada ás escolas superiores, para lhe dar uma collocação, ligada á proxima filmagem de "This Day and Age"; Charles R. Rogers, productor independente para a Paramount, procura uma rapariga do typo de Katherine Hepburn, para a lançar no cinema, e Phil L. Riam, productor de *sketch* para a Paramount, procura uma rapariga com tirocinio theatral para lhe offerecer opportunidades de se desenvolver no repertorio comico.

* * * Num dos ultimos filmes concluidos pela Paramount, de par com Frederic March e Cary Grant, trabalha o escriptor que o cinema jamais pagou por mais alto preço.

E' elle Oliver Boutillier, a quem os seus intimos chamam "Boots". Recebe elle mil dollars, por cada cinco minutos de trabalho, durante os quaes nunca escreve mais de tres palavras, e sem fazer uso da penna, nem do lapis, nem da machina de escrever.

Boutillier escreve no ar com a fumaça que se desprende do seu aeroplano. Fumigraphia (admittamos o neologismo) é como se chama esse novel processo, e elle promette fazer a fortuna de muitos individuos que possuam habilidades identicas á do aviador da Paramount.

Adrianne Annes.

Helen Harris.

Notas de ARTE

GRANDE COMPANHIA LYRICA DO THEATRO MUNICIPAL. — O GUARANY — Em recita de assignatura foi cantada em a noite de 29 de agosto a opera — *O Guarany*, do expoente maximo da musica brasileira — Antonio Carlos Gomes. Libretto de Antonio Scalvini, extrahido do romance homonymo de José de Alencar, foi estreada em Milão, no Theatro Scala, a 19 de março de 1870, e desde então tornou-se uma das operas mais queridas de todos os publicos. Na obra de Carlos Gomes é a que mais o recommenda aos louvores da posteridade, si bem que não seja, na opinião dos technicos, a que mais valha como trabalho artistico. Como quer que seja, o *Guarany*, apesar de ser na sua realização musical influenciada sensivelmente pela escola italiana, tem individualidade propria, caracteristica do genio do autor e do genio da raça. Quaesquer que sejam as restricções que sob esse aspecto se lhe possam fazer, é indiscutivel que *O Guarany* é uma opera brasileira pelo assumpto do libretto e pela natureza da musica. A Protophonia, que é o resumo integral da opera, e uma das mais bellas e mais celebres de todas as protophonias, symbolisa em qualquer logar e em qualquer tempo a terra e o homem do Brasil. A Protophonia de *O Guarany* é como um outro hymno nacional do povo brasileiro, ao par do hymno official, a formosa e famosa composição de Francisco Manoel.

Na representação do Municipal teve a opera por interprete da heroina uma grande cantora brasileira — Bidú Sayão. De sorte que o espectaculo foi uma verdadeira festa do Brasil, representado pelo poeta da prosa que idealizou o assumpto — o cearense José de Alencar, pelo poeta do som que o musicou — o paulista Carlos Gomes e pela interprete lyrico-dramatica da heroina — a carioca Bidú Sayão, formando todos um tryptico genuinamente brasileiro de grandes artistas.

A execução agradou no seu conjunto. Entretanto, com mais ensaios e sem os incidentes que se deram no intervallo do 2.º para o 3.º acto, deveria ter sido melhor e mais completa.

Dos mais afamados trechos destacamos especialmente a ballada *C'era una volta un principe* — a que Bidú Sayão deu extraordinario relevo. Foi admiravel de voz e de arte.

A *Ave Maria*, os duettos — *Sento una forza indomita* e *Perche di meste lagrime*, a *Canção do aventureiro*, a *Oração do Cacique*, foram bello pretexto para os applausos mais ou menos intensos que coroaram os respectivos interpretes: Duilio Baronti, Bidú Sayão e Luiz Marietta, Victor Damiani, Giaccomo Vaghi.

Córos regulares. Bailados interessantes, sob a direcção de Maria Olenewa. Scenarios de bello effeito.

A orchestra do m.º De Angelis conduziu bem todo o espectaculo.

No intervallo do 2.º para o 3.º acto, Bidú Sayão recebeu especial glorificação. Foi-lhe offerecido em scena aberta um Livro de Ouro, com centenas ou milhares de assignaturas, em que figuravam as do dictador Getulio Vargas e do interventor Pedro Ernesto, e as de varias figuras representativas das letras, das artes, das sciencias, todas homenageando a patricia illustre, já consagrada como cantora de escol nos maiores meios artisticos estrangeiros, como o Theatro Scala de Milão e a Grande Opera de Paris. Em seguida inaugurou-se uma placa em bronze, commemorativa da passagem da artista pelo theatro maximo do Rio e do Brasil.

Infelizmente o orgão das manifestações pró-Bidú e que foi a prof.ª Antonietta de Souza não esteve á altura da sua missão. Em vez de louvar a empreza estrangeira que acolhia Bidú Sayão, incorporando-a ao elenco da G. C. L. onde figura, entre outras notabilidades da scena lyrica, a incomparavel, a maravilhosa artista que é Claudia Muzio, a maior entre as maiores; em vez de exaltar os estrangeiros que na Europa têm sabido comprehender e applaudir a arte e a voz de Bidú Sayão, especialmente a Italia e a França, graças á consagração das quaes, a nossa patricia é um nome internacional; em vez de augurar que outros artistas brasileiros, cujos dotes naturaes se apurem pela cultura, como foram apurados os de Bidú Sayão, venham a ser alvo tambem das mesmas distincções por parte dos estrangeiros — a sra. Antonietta de Souza atacou insensata, injusta e desabridamente a influencia estrangeira na arte nacional, e citou, numa escandalosa infracção da verdade, o caso de Bidú Sayão, como o da libertação dessa influencia, quando justamente a nossa gloriosa patricia só chegou ao apogeu da sua arte devido á influencia dos mestres e dos publicos estrangeiros. Infelicissima a prof.ª do I. N. M. e critico musical, na sua allocução, cuja meta, se não foi, parece ter sido mais atacar a empreza estrangeira, que nos tem proporcionado tão bellas noites e tardes de arte e a cuja frente se acham os italianos mos. Piergili e Ruberti e o industrial Andrea Pacileo — do que glorificar Bidú Sayão. E' tanto mais verosimil a hypothese quanto a sra. Antonietta de Souza não hesita em apontar em suas criticas, com mais ou menos irreverencia, e quasi sempre injustamente, defeitos reaes ou imaginarios de notabilidades tão grandes ou maiores do que Bidú Sayão. Não applaudimos as manifestações de violenta e tumultuaria hostilidade contra a oradora; lamentamol-as, mas as explicamos como reacção natural á insolita e inopportuna aggressão. E assignalamos mesmo o criterio de justiça que as presidiu. Não se deixou a multidão levar por falso patriotismo. Com as suas ovações e as suas vaias deu razão a quem tinha: os estrangeiros offendidos pelo acto irreflectido de uma brasileira; felizmente uma só, porque todas as outras, inclusive a homenageada, inteiramente o reprovaram.

TOSCA — 11.ª e ultima recita de assignatura, ouviu-se em a noite de 31 de agosto, a famosa opera de Puccini — *Tosca*. Libretto de Illiaca e Giacosa extrahido do drama homonymo de V. Sardou, foi estreada em Roma no Theatro Costanzi, a 14 de Janeiro de 1900.

A *Tosca-drama* como a *Tosca-opera* — productos ambos do naturalismo, do verismo, em poesia e musica, estão longe de constituir especimens recommendaveis de arte, mesmo de arte naturalista. São verdadeiros mosaicos de situações mais ou menos desconnexas, horriveis e violentas, pontilhadas de arias e duettos. Não ha unidade no drama; não ha unidade na opera. Em compensação ha trechos dramaticos e musicaes que emocionam e deleitam, embora a emoção e o deleite não sejam dos que a verdadeira grande arte é capaz de produzir. A opera é

quasi um dramalhão musicado. "E' para a musica, na critica severa de André Coeuroy, o que são para a literatura os romances de J. Ohnet e os melodramas de d'Ennery." Seja. Mas, quando esse dramalhão tem por interpretes Eleonora Duse ou Sarah Bernhardt, quando essa musica é cantada por Geraldina Farrar ou Hariclée Darclée, as scenas de Sardou e as melodias de Puccini adquirem valores de grande arte, parecem creações da mais alta poesia verbal e sonora. E cresce o esplendor da metamorphose, se uma mesma artista ascende aos cimos da arte dramatico-lyrica, se é ao mesmo tempo Sarah e Farrar, ou Duse e Darclée, se Tosca é Claudia Muzio.

Foi essa phenomenal fusão que a sala do Municipal viu e ouviu na ultima *Tosca*. A grande, a genial actriz-cantora viveu tanto a vida tragica da heroina nos tremendos lances do 2.º acto que parecia ter trocado integralmente a propria pela sensibilidade da amante de Cavaradossi. Se a vissem representar e cantar, Sardou e Puccini pensariam terem sido escriptos para ella o drama e a opera. A prece *Vissi d'arte* attingiu á belleza suprema, pelo encanto divino de magicas sonoridades e pela arte requintada com que a viveu cantando, com que a cantou vivendo Claudia Muzio.

Ziliani e Galeffi foram dignos parceiros de Claudia Muzio. O tenor brilhou mais nas bellezas canoras, e o barytono nas bellezas dramaticas. Mas ambos pairaram em plano superior nos numeros mais famosos: as arias de Cavaradossi — *Recondita larmonia* e *Lucevan le stelle*; e de Scarpia a aria *Ella verrà.... per amor del suo Mario!* e o cantabile — *Mi di con venale*.

Salvatore Baccaloni deu especial relevo á figura de Sachristão.

Bella a orchestra do m.º De Angelis. Deu muito realce a toda a partitura; particularmente notavel no *Te Deum*.

Multiplos e incessantes applausos a Claudia Muzio, Ziliani e Galeffi, revestiram-se de especial destaque os dirigidos a Claudia Muzio. Além de palmas e bravos, alguns interrompendo até o espectaculo, como os que ovacionaram *Vissi d'arte*, de chamados exclu-

NOTAS DE ARTE

(Conclusão)

sivos á scena no fim dos actos, de flôres em profusão, recebeu a gloriosa soprano uma excepcional manifestação: foi o ser chamada especialmente á scena antes de se iniciar o ultimo acto, e receber um diluvio de ovações. E ainda no fim do espectaculo novas palmas, novos bravos, novas flôres e pombos brancos com laços de fita com as côres italianas. Verdadeira apotheose da divina artista. Ao mesmo tempo que agradecia em curvaturas elegantes e beijos alados, Claudia Muzio chamava á scena os companheiros de triumpho e o emprezario-chefe, m.º Sylvio Piergili, que todos foram vivamente saudados pela sala inteira, enthusiasmada e saudosa da temporada que acabava e cheia de esperança pela temporada que ha de vir.

O CONCERTO — Anthologia de compositores, florilegio de arias, duettos e canções, interpretados pelas grandes figuras da G. C. L. T. M., foi o concerto realizado na tarde de 30 de agosto, em beneficio do Retiro dos Jornalistas e da Opera Assistenziale degli Italiani di Rio de Janeiro.

Foram todos os numeros alvo de justos e calorosos applausos, mas destacaram-se pela propria belleza das composições e pela das vozes e da arte com que foram exhibidas: a *Aria de Susanna* das "Bodas de Figaro" de Mozart e *Aimant la Rose* de Rimsky-Korsakoff, a que a sra. Bidú Sayão deu todo o raro encanto da sua voz finamente educada; a *Aria della pioggia* (?) da op. de Mascagni "Iris", tão bem vivida pela sra. Mafalda Favero; a *Aria da Seducção* da op. de Saint-Saens "Sansão e Dalila", que a sra. Ebe Stignani tauxiou com os primores da sua bellissima voz de meio-soprano; a *Aria de Schaklowitz* da op. de Mussorgsky "Kowantschina", onde o sr. V. Damiani accentuou bastante as bellezas da sua voz de barytono; o celebre e estentorico duetto da op. "Os Puritanos" — *Suoni la tromba intrepida*, em que os srs. Galeffi e Vaghi ostentaram primores de belleza canora e expressiva, arrebatando o auditorio; a *Canção do aventureiro*, da op. de C. G. "O Guarany" em que brilhou a voz moça e bella do barytono brasileiro Baptista Pereira; e afinal, primor dos primores, tudo o que Claudia Muzio cantou com a sua arte maravilhosa: a romança de Santuzza da op. de Mascagni — "Cavalleria Rusticana" — *Voi lo sapete, ó mamma*, a canção da op. "Salvador Rosa", de Carlos Gomes — *Mia peccerella* e mais em extra — *Colombetta* e outra cujo nome nos escapa, assim como os autores de ambas.

Revelando mais uma face do seu talento, de "soprano encyclopedico", como já lhe chamamos certa vez, a incomparavel artista cantou, viveu as canções, como se fôra o Genio da Canção, ella que já é o genio da Opera. Fez o burlesco, sublime. E' a unica phrase que se approxima da verdade para exprimir o que foi o canto de Claudia Muzio. A sala do Municipal, empolgada pela maravilha, parece ter esgotado todos os applausos ovacionando estrondosamente a cantora sem par, a cantora unica...

OSCAR D'ALVA

CREANÇAS PERDIDAS E TROCADAS

Os jornaes da Europa deram, recentemente, noticia de uma creança perdida ou roubada nos arredores de Roma. Esse facto é muito frequente em França, onde a estatistica assignala, annualmente, uns dois mil desses desapparecimentos, e é ainda mais consideravel nos Estados-Unidos, onde em 1921, 12.668 creanças de menos de dois annos foram roubadas, perdidas ou abandonadas.

Na maioria dos casos trata-se de protesto entre mães hospedadas na mesma maternidade, como aconteceu ha pouco, aqui no Rio. Por haver lido nos romances de folhetim historias de substituição de creanças, ellas accusam as enfermeiras de haver trocado os berços. Em summa, uma vaga edição do celebre processo tão bem resolvido pelo rei Salomão.

Não podendo lançar mão do expediente biblico, o director de um hospital de Chicago introduziu um systema mais scientifico, formulando uma carteira de identidade das creanças desde a hora do nascimento, accrescentando, ás indicações de seu estado civil, as impressões digitaes. Um entendido na materia, consultado declarou que as linhas digitaes são tão mal marcadas nas mãos dos recem-nascidos, que é impossivel as reproduzir.

O mesmo não acontece com as linhas dos pés que são muito accentuadas desde o nascimento. Então o director adoptou logo esse systema e, a começar de junho de 1922, todas as creanças que nasceram em seu hospital, tiveram que deixar a impressão das linhas de seus pés, uma hora depois de nascidas. As duas palmas dos pés dos recem-nascidos são cobertas de tinta e depois applicas sobre duas folhas de papel, successivamente. As impressões obtidas são colladas sobre cartões onde se escrevem o nome do pequenino ser, o peso, a hora e a data do nascimento.

* * *

MENINA DO MATTO

Menina do matto,
você é o encanto inesperado da cidade...

Você não tem inveja, não,
menina linda do matto,
das moças bonitas da cidade?...
Você não faz conta, eu sei,
dessa gente
que sorri maliciosamente
da sua felicidade...

Eu queria que você soubesse,
menina linda do matto,
que eu gosto muito de você,
que eu queria ser seu namorado...
Eu queria que você soubesse
que é você o meu sonho deslumbrado...

Menina linda do matto,
você é o meu desejo maior de simplicidade...

Menina do matto
você é o encanto inesperado da cidade...

SANTOS JUNIOR

A TRAGEDIA DE MAYERLING

PARECE haver familias malfadadas que irradiam e communicam, inconscientes, os seus máos fluidos até os amigos, os familiáres e todos quantos os aproximam como se fôra um *morbus* contagioso. Chegou tambem a vez de Mlle. B. de Iressanges de morrer tragicamente, talvez somente porque, em tempos, deu lições de francez a *Mademoiselle* Maria Vecsera; a infeliz namorada do grão-duque Rodolpho; a heroina do drama de Mayerling sobre o qual ainda plana um insondavel mysterio.

Essa joven senhorita B. de Iressanges vivia na intimidade da familia Vecsera; lá ia almoçar 2 vezes por semana e pretendia saber, com exactidão, como se desenrolaram os acontecimentos que provocaram a morte do grão-duque Rodolpho e de Maria Vecsera. Ainda ha poucas semanas, ella teve occasião de relembrar estes factos quando fallecêra justamente a senhora Catharina Schratt, a velha amiga do imperador Francisco-José.

As revelações de Mlle. de Fressange, todavia, differem sensivelmente das que fizéra madame Schratt, e isto porque a antiga professora da linda victima de uma das mais obscuras tragedias de amor estava continuamente em contacto com as personagens do drama e tomava diariamente notas dos acontecimentos aos quaes assistia.

E' provavel que as coisas se tenham passado exactamente como ella conta.

* * *

"A 27 de de janeiro de 1889, a côrte d'Austria reunira, em Burg, um conselho de familia com o fito de reconciliar o Kronprinz Rodolpho com sua mulher a princeza Estephania. A reconciliação, no emtanto, não se realizou. O grão-duque ficou furioso da tentativa, porque não sómente queria annular um casamento que não lhe poderia mais dar um herdeiro do throno, mas tambem, porque desejava ardentemente casar com Maria Vecsera. Naquelle mesmo dia, decidiu partir para a Italia — fugir do ambiente odioso onde queriam constranjir o seu ardente coração; mas, antes de deixar Vienna, quiz reunir, ainda uma vez, no pequenino pavilhão de caça de Mayerling, os seus mais intimos amigos e a noiva adorada.

"Ficou combinado que Maria Vecsera procuraria desembaraçar-se da mãe e iria sozinha encontrar o grão-duque no pavilhão de Mayerling. Para tal fim, passaram um telegramma á pobre senhora, annunciando-lhe a morte repentina do seu procurador, e ella partiu immediatamente para Budapeste.

E' neste ponto que entra em scena o senhor Aristide Baltazzi, tio materno de Maria Vecsera, que, solicitado pelo imperador Francisco José, cumpria a dolorosa missão de contrariar por todos os meios o idyllio da sobrinha. Naquella noite fatal, elle deveria annunciar a sua irmã a ordem imperial de expulsão da familia Vecsera do territorio austriaco.

—"Diga á minha irmã que chego da côrte e pre-

FUI GOSTAR DE VOCÊ...

Fui gostar de você, eu que dizia
Jamais hei de gostar. Gostar é crêr...
E crer é quasi amar, e amar é a via
Mais curta entre o bom senso e o enlouquecer...

Fatal destino o meu! — Certo a ironia
Da sorte nos obriga a desdizer...
Hontem, zombava de quem chora, e ria
Dos outros; hoje, é inverso o meu viver...

Fui gostar de você; você, no emtanto,
Já tendo um grande amôr, fez-me o veneno
Do desprezo tragar no amargo pranto...

Mas, no fim disto tudo, ninguem crê,
Que infeliz muito embóra eu me condemno,
E ainda defendo o que me fez você!...

J. G. DE ARAUJO JORGE

De Itala Gomes Vaz de Carvalho

cisa falar-lhe sem demora.

— "A condessa não está. Seguiu esta tarde para Budapest — respondeu o criado, já assustado pela attitude do Baltarzi.

— "Então chame Maria. Que desça incontinente. E' caso de grande urgencia!

— "Deus nos guarde! — mas a condessa Maria está doente e não póde sahir do quarto!

— "Mentes, miseravel! — Arreda d'ahi! Quero eu mesmo ir bater á porta e chamal-a.

Emquanto isto, Maria era transportada a galope no *tilbury* do fiel cocheiro Hotsek e chegava ao *rendez-vous* do amante.

O tio Baltarzi não perdeu tempo. Montou a cavallo e, certo de não se enganar suppondo que a sobrinha estivesse com o amante dirigiu-se á brida solta em direcção do pavilhão de Meyerling, onde chegou ás 11 horas da noite. A ceia tinha sido alegre e os convivas estavam ainda sob a influencia do champagne.

O tio Aristides Baltarzi queria levar immediatamente a sobrinha para casa, mas esta se refugiára no quarto ao lado e uma forte disputa elevou-se entre elle e o grão-duque. A um dado momento o principe, enfurecido, tirou o revolver, apontando-o contra o Baltarzi; mas, como Maria, inquieta do barulho da briga, tivesse aberto a porta para intervir, recebeu em pleno coração a bala destinada ao tio e cahiu fulminada! Aristides Baltarzi, louco de dôr, sem saber mais o que fazia, arremessou com tal violencia uma garrafa de vinho sobre a cabeça do grão-duque Rodolpho, que este tambem cahira mortalmente ferido!...

Entrou logo em agonia, fallecendo ás 6 horas da manhã! Os dois amantes refugiaram-se com seu amor no incognito da morte!

Baltarzi, desvairado, deixou o tragico ambiente, para correr em busca da irmã que voltára de Budapest e com ella foi de novo até ao pavilhão de Meyerling para perto da infeliz Maria, que elle mesmo havia piedosamente deitado sobre o divan da sala. A meiga noivinha foi embrulhada no cobertor da cama e levada até a sacristia do convento dos *Cistercianos* ao lado do castello de Heillingenkrenz. No dia seguinte, a enterraram no proprio cemiterio do convento. E' lá que ella dorme o seu somno derradeiro e sobre uma das lages se póde ler esta simples inscripção:

"*Aqui repousa a baroneza Maria Vecsera, morta aos 18 annos, a 29 de janeiro de 1889*".

* * *

Em consequencia desses acontecimentos, a familia Baltarzi foi exilada.

Assim rezam os apontamentos e as proprias declarações de uma pessôa que viveu na intimidade dos protagonistas da tragedia de Meyerling.

Elles poderão, certamente, trazer uma preciosa contribuição para a historia da familia dos Habsbourg, tão cruelmente golpeada pelo destino.

LÊ E GUARDA, COMO EU

Não te esqueças de ti. Ergue o teu brado
contra todos. Recusa, heroicamente,
esse quinhão de gloria desgraçado,
dado aos pobres de espirito, somente.

Si é que os homens não são do teu agrado,
nem o são as mulheres, certamente,
não faças lá questão do teu estado.
E's um homem de bem. Vae para a frente.

Reclama contra tudo. Sê, na vida,
como um penhasco em meio do deserto
que o raio attinge sem deixar ferida:

Veiu com a tempestade e não ficou;
veiu, esfumou-o e o não fendeu: por certo,
circumscreveu um circulo e passou.

ESDRAS-FARIAS

CIUME PÓSTUMO

DÃO havia sentido muito sua perda, dois annos atraz. Afinal de contas, apenas alguns inconvenientes, que a principio, lhe pareceram difficeis, e que, depois, com os dias, se solucionaram facilmente. Nada mais. Porque o filho, unico,

O guarda. — Este é algum dos assaltantes, minha senhora?

A senhora. — Não; este é o meu marido. O senhor me disse, pelo telephone, que conservasse tudo como os ladrões haviam deixado...

uma tia o levou, para acabar de criál-o, segundo dizia. Com elle levaram a caminha e os brinquedos. A recordação se apressou, desse modo, a apagar os proprios rastros. Podia dizer que, transcorridos pouco mais de vinte mezes, a memoria de Luiza não era grande coisa para aquelle que foi seu marido.

Uma vez ou outra perguntava a si mesmo si a havia querido. Não podia responder de uma maneira concludente. Inquietava-se. Parecia que o incommodava um pouco a recordação do passado. Depois, nada. Nada.

Mas, de repente, como uma pancada violenta, um choque agitou todas as fibras de Amancio. E nasceu-lhe um odio que foi augmentando, aumentando...

A noticia, confirmada logo, era tremendamente dolorosa. Luiza o havia enganado. Fez averiguações em torno do nome do seductor e até as datas quasi exactas. Cálculos e mais cálculos deram-lhe como resultado a certeza de que seu filho não era seu, afastada a satisfactoria vaidade de encontrar-lhe os mesmos olhos e a mesmissima maneira de sorrir...

* * *

QUEM disse que o ciume postumo é o mais implacavel disse a verdade. A pobre vida de Amancio se tornou impossivel de viver. Aquella quasi insignificante mulher que durante sua existencia mal lhe havia interessado, e que depois de fallecida apagou sua recordação apressadamente, se transformou no eixo sobre o qual girava inteiro e exclusivo. Nada se encontrava fóra do circulo assignalado pelos dias que mediavam entre o noivado, o casamento e a morte. Tudo, absolutamente tudo, ficava dentro delle.

A idéa de que ella lhe fôra infiel se lhe ar-

OS ALIMENTOS E A CONSERVAÇÃO DA SAUDE

AS estatisticas demographo-sanitarias apresentam dados impressionantes sobre o incremento e a gravidade das molestias gastro-intestinaes em São Paulo.

O Serviço Sanitario do Estado, num estudo feito ha dois annos, demonstrou que em São Paulo morriam por mez 257 pessôas, directa ou indirectamente de perturbações do apparelho digestivo, sendo este, portanto, o maior factor de mortalidade.

Esse numero dá um obito de três em três horas, consequente de complicações intestinaes e isso mostra bem como todos nós vivemos mais ou menos semi-intoxicados com os nossos alimentos.

E' facil comprehender por que. Todo alimento, seja animal ou vegetal, logo depois de abatido ou colhido, entra em progressiva e natural decomposição

De Gonzalez Arrili

raigava no cérebro como um garfo, produzindo-lhe estremecimentos dolorosos como écos insoffriveis nas entranhas, rematados em uns desejos barbaros de destruir. Chegou a chorar, sinceramente e pela primeira vez, a morte da esposa, porque, si a tivesse viva a seu lado, queria ter o consolo de matál-a. Achava que a morte, ao levál-a com antecipação e por sua conta, lhe pregára uma partida, de amiga desleal e cúmplice, de certo modo, dos actos imperdoaveis da infiel...

* * *

A obsessão arraigou-se-lhe ferozmente no espirito.

Anuncio ficou ás portas da demencia. As noites se lhe prolongavam em um puro supplicio. Em uma dellas, depois de saturar de raiva quanto o rodiava, occorreu-lhe a maneira de ir castigar a morta. Ao amanhecer, sahiu rumo do cemiterio, tres longos quartos de hora de bonde. Dirigiu-se directamente ao tumulo da esposa. Achou-o cuidado demais. A herva que a cobria, luxo imerecido. A negra cruz de ferro, premio que devia ser dado exclusivamente aos que foram bons na vida. Ao ler o nome da mulher no coração de metal, renasceu-lhe o odio. Sacou do bolso o revolver que levava e disparou um tiro ao pé da cruz. Em seguida, pensou na sua pontaria mal calculada. Aquelle tiro tinha que dar na beira do caixão, si é que dava. Então, subiu sobre o espaço de terra occupado pela morta, e, calculando o centro, tomou com as duas mãos a arma, fez um esforço enorme, igual ao que devem fazer os suicidas, quando o instincto se rebela contra a razão de eliminar-se, e baleou quatro vezes mais a terra...

* * *

As pessôas que accorreram ao ouvir os estampidos, suspeitando uma dessas vulgarissimas tragédias de cemiterio, ainda puderam vêl-o naquella posição ridicula, querendo matar a morta...

— Estou aqui, estou roubado! Imagina que me esqueci da carteira, com dinheiro, dentro do meu carro.

— Não tens confiança no teu «chauffeur»?

— O «chauffeur» é de toda confiança; mas é que minha mulher ficou no carro...

---

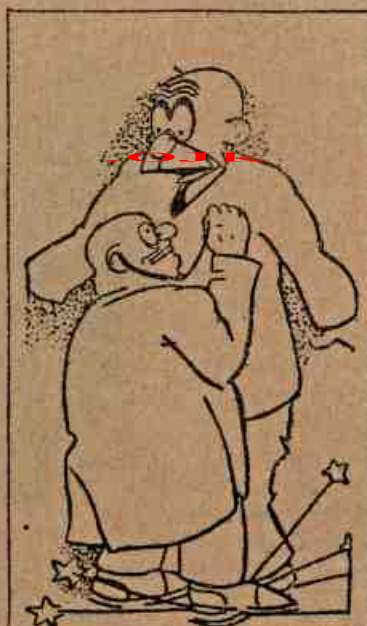
organica, que segue uma marcha imperceptivel. Quando o notamos pelo cheiro, elle já está transformado em veneno puro e simples, mas, mesmo sem esse caracteristico, já o alimento póde ser nocivo á saúde. O que explica as constantes intoxicações que observamos.

Para evitar isso, seria necessario conservar os alimentos numa temperatura constante, inferior a 10 gráos centigrados, que é a necessaria para impedir a proliferação rapida das bacterias. A temperatura ambiente mesmo no inverno, não é sufficiente, pois instavel e muitas vezes ultrapassa o limite indicado.

Esse facto prova bem a necessidade da refrigeração artificial, principalmente a electrica, por ser automatica e constante. Um refrigerador como o G. E., por exemplo, é de grande utilidade no combate ás molestias do apparelho digestivo, o maior fantasma dos obituarios da cidade.

PROCURANDO CASA...

SEMPRE tive a convicção de que, si uma mulher se resolve casar com um determinado homem, nada, a não ser uma fuga instantanea, póde salvál-o. No emtanto, nem sempre é assim. Uma vez, um amigo meu, vendo deante de si o perigo inevitavel, ameaçador, embarcou em certo porto (tendo como equipagem apenas uma escova de dentes, tão consciente estava do risco que corria e da necessidade de uma acção immediata); passou um anno viajando em redor do mundo, e, quando pensou que já estava salvo ("As mulheres são inconstantes — disse — e em doze mezes ella deve ter esquecido tudo o que diz respeito a mim"), desembarcou no mesmo porto, e a primeira pessôa que se lhe deparou foi a mulher de que havia fugido, afastando-se alegremente do cáes....

Conheci apenas um homem que soube se desembaraçar intelligentemente. Chamava-se Roger Charing. Não era muito joven quando se apaixonou por Ruth Barlow, e com sufficiente experiencia para ser prudente. Mas Ruth Barlow tinha um dom (poderia chamar-lhe uma qualidade?) que fazia os homens indefesos. Foi isso o que desviou Roger de seu sentido commum, de sua prudencia e de sua sabedoria mundana. Dobrou-se como uma púa. Effeito de que? E' que a senhora Barlow era duas vezes viuva, e possuia esplendidos olhos negros, que pareciam sempre dispostos a se encher de lagrimas. Olhos que suggeriram que o mundo era muito duro para ella, e a gente sentia que seus soffrimentos foram superiores aos que póde supportar qualquer pessôa. E si, como Roger Charing, era forte, humanitario e bem provido de dinheiro, resultava de tudo, inevitavelmente, esta confissão intima: "Devo deter ante o mal comportamente do mundo esta creatura indefesa. Oh! como seria maravilhoso afastar desses olhos grandes e formosos a tristeza!"

— E, agora, onde sente o peso?
— Em cima do pé esquerdo.

Por intermedio de Roger, eu soube que a senhora Barlow não era feliz. Era, apparentemente, dessas pessôas desventuradas a quem nada, por qualquer coisa, resulta bem. Si encontrava um marido, este a maltratava; si tomava uma cozinheira, esta havia de ser ruim e só lhe trazia trabalhos. Si tivesse tido alguma doença, com certeza morreria.

Quando Rogger me contou que, afinal, poude persuadil-a de que devia se casar com elle, eu lhe desejei felicidade.

— Espero que serão bons amigos — disse-me. — Tem um pouco de receio de ti. Pensa que és insensivel.

— Pois não sei por que pensa assim — respondi-lhe.

— Agrada-te, não é verdade?

— Oh! sim! — disse. — E muito!

CURSO PRATICO DE AGRONOMIA, GRATUITO, MANTIDO PELA ASSISTENCIA RURAL BRASILEIRA

—

O "Correio Rural", orgão official da Assistencia Rural Brasileira, com séde no Rio, á Av. Rio Branco nº. 173-2º, estando a manter, já ha mais de um anno, um curso de agronomia gratuito, tem prestado ao paiz uma obra de incontestavel valor, sem duvida merecedora do apoio de todos os brasileiros.

Com essa iniciativa, póde-se dizer, o "Correio Rural" resolveu o problema da educação do homem do campo sem sacrificál-o nas suas actividades, isto é, sem afastál-o dos seus trabalhos diarios, o que representa formidavel commodi-

De W. Somerset Maugham

— Passou uma horrivel temporada. Pobre querida! Sinto-me tão profundamente entristecido por ella...

— Sim? — ajuntei.

Não era para menos. Verifiquei que, embora estupida, projectava alguma coisa. Segunda minha propria convicção, era mais dura que um cravo.

A primeira vez que a conheci estavamos jogando o bridge, e, sendo minha companheira, por duas vezes neutralizou minha melhor carta. Conduzi-me como um anjo. Mas, confesso que, si as lagrimas procuravam assomar aos olhos de alguem, era nos meus e não nos della. Quando, ao findar a tarde, ella havia perdido uma apreciavel quantidade de meu dinheiro, disse que me enviaria um cheque que nunca recebi. E creio que fui eu e não ella quem mostrou uma expressão pathetica, ao nos encontrarmos de novo.

Roger apresentou-a a todos os seus amigos. Presenteou-a com esplendidas joias. Levava-a aqui, ali, a toda parte. Seu casamento estava annunciado para um futuro proximo. Roger delirava de prazer.

Mas subitamente, seu amor desappareceu. Não sei por que. Talvez tenha acabado por se cansar de sua conversação. Ou talvez o olhar daquella mulher deixava de fazer vibrarem as fibras de seu coração. O facto é que as vendas cahiram de seus olhos e elle voltou a ser o habil homem do mundo que havia sido.

Subitamente, chegou á convicção de que Ruth Barlow resolvêra definitivamente casar com elle, e jurou solennemente que ninguem o induziria nunca a se casar com Ruth Barlow. Agora, que estava na posse de seus sentidos, viu com clareza a especie de mulher com quem se tinha de haver, e estava certo de que, si lhe pedisse sua liberdade, ella poria (de accordo com sua maneira de ser) seus sentimentos feridos a uma altura immoderada. Além disso, sempre é feio para um homem enganar uma mulher. Os outros podem muito bem pensar que a gente não procedeu bem com ella.

Roger guardou sua resolução. Não exteriorizou com palavras nem com gestos nada que revelasse que seus sentimentos para com Ruth havia mudado. Manteve-se attento a todos os seus desejos. Levou-a a jantar nos restaurantes, foram jogar juntos, enviava-lhe flôres... Isso era sympathico e divertido. Resolveram casar logo que encontrassem casa de seu agrado. Como elle morava num appartamento de solteiro, e ella em aposentos mobiliados, os dois se puzeram a procurar a casa. Os agentes mandaram a Roger permissões para visitál-as, e elle conduziu Ruth a um bom numero de apreciaveis residencias. Foi muito trabalho-

(Continúa na pag. seguinte)

— Um bilhete para Titina.
— Não conheço essa estação.
— Está claro que não conheces, idiota: Titina é minha filha.

♣

dade para quem vive da lavoura. Com effeito, pelas suas proprias paginas, em linguagem clara e simples, sempre illustrada de experiencias praticas, vae o "Correio Rural", mensalmente, dando lições que são indispensaveis para a perfeita formação do agricultor e á altura dos modernos methodos da technica agraria; além disso, a direcção da revista attende por correspondencia ás consultas que lhe são feitas.

Notamos que o Curso mantido pelo "Correio Rural" está, já, no seu segundo anno e, mercê dos vastos conhecimentos de seus dirigentes, os quaes acompanharam por muito tempo os trabalhos de diversas academias e ambulatorios na Europa e na America, tem produzido optimos resultados, tornando-se, hoje, o padrão do ensino pratico agronomico entre nós.

so encontrar uma que lhes satisfizesse completamente. Roger percorreu outros agentes. Visitaram casa atraz de casa. Percorriam-nas integralmente, examinando-as desde a cozinha ao tecto. Umas eram demasiado grandes, outras muito pequenas. Algumas, estavam situadas muito longe do centro, outras, muito caras, ou necessitavam de custosas reparações. Quando não eram muito fechadas, eram arejadas em demasia. Roger sempre lhes achava algum "mas". Com effeito, era difficil de satisfazer. Não podia induzir a sua querida Ruth a viver numa casa que não fosse perfeita, e a casa perfeita elle não podia encontrar. A procura de casa é uma occupação muito exhaustiva e Ruth já começava a perder seu bom humor. Elle lhe rogava tivesse paciencia. Com certeza em alguma parte havia de existir a verdadeira casa que desejava e sómente era preciso um pouco de perseverança para encontrál-a. Visitaram centenas de casas, subiram por milhares de escadas. Ruth estava exhausta, e mais de uma vez perdeu sua tranquillidade.

— Si não encontrares uma casa com rapidez necessaria — dizia ella — terei que reconsiderar minha posição. Si continuarmos a marchar nesse passo, não nos casaremos em muitos annos.

— Não digas isso — respondia elle. — Peço-te que tenhas paciencia. Precisamente acabo de receber dos agentes novas listas que não conhecia até agora. Nessas listas, deve haver, pelo menos, sessenta casas.

PROCURANDO CASA...

(Conclusão)

Novamente a procura continuava. Visitavam casas e mais casas. Durante dois annos não pararam. Ruth tornou-se silenciosa, desdenhosa. Seus olhos negros adquiriram um olhar quasi taciturno. Um dia, perdeu a paciencia.

— Queres casar commigo, ou não? — disse, finalmente.

— E' claro que sim! Casar-nos-emos no mesmo dia em que encontrarmos uma casa. A proposito: ouvi falar de uma que poderia convir-nos.

— Não me sinto o sufficientemente bem para ver mais casas.

Ruth retirou-se para seu leito. Não desejava ver Roger, e elle estava muito satisfeito em procurál-a sempre em sua residencia, saber de sua saúde e enviar-lhe flôres. Era, como sempre, assiduo e galante. Todos os dias lhe escrevia communicando-lhe que ouvira falar de outra casa que podiam visitar.

Decorreu uma semana. Uma tarde, Roger recebeu a seguinte carta:

"Roger: Não creio que, verdadeiramente, me ames. Encontrei uma pessôa que está ansiosa para desposar-me. Casar-me-ei hoje. — *Ruth*".

Elle enviou sua resposta por um mensageiro especial.

Dizia assim:

"Ruth: Tuas noticias me aniquilam. Nunca eu teria faltado a meu compromisso, mas devo considerar antes de tudo, a tua felicidade. Envio-te hoje mesmo sete "permissões" de visita. Chegaram pelo correio da manhã, e estou certo de que encontrarás entre elles a casa que justamente te convem — *Roger*".

— Vou me divorciar! Meu marido atirou-me na cara milhares de palavras desagradaveis.

— Mas, tantas palavras assim, em dois dias de casados, apenas?

— Naturalmente... Pois si me jogou um diccionario na cara!

O phenómeno

EMILIA. — De maneira que lhe tiraste as esperanças?...

Anna Maria. — Por completo. Elle não foi *formidavel*, como diz meu irmão Luiz.

Emilia. — Pobre rapaz!

Anna Maria. — Quem?... Luiz?...

Emilia. — Não... João José. Estava louco por ti.

Anna Maria. — Louco, exactamente... Acertaste com a palavra, porque só um maluco poderia dizer o que disse.

Emilia (*assombrada*). — Como?... Acaso...

Anna Maria. — Não, filha... Não sigas por esse caminho. João José esteve correctissimo, gentilissimo, e todos os *issimos* havidos e por haver... Um D'Artagnan, um Cyrano, um Dom Quixote!... E quanto mais educado estava elle, mais nervosa ficava eu... Tinha vontade até de batel-o!...

Emilia. — Mas que te disse mulher?... Estou ha uma hora morta de curiosidade, e tú sem explicar-te direito...

Anna Maria. — Que querias que me dissesse?... Bobagens!... Falou na vida do lar, na perfeita casada, na sua mãe, na sua avó, em frei Luiz de Leão... Que me interessa tudo isso?... E sabes o que mais me indignou?...

Emilia. — Que?...

Anna Maria. — Não... Nunca poderás imaginal-o, mesmo pensando mil annos... O verdadeiramente phantastico é que, para João Carlos, a primeira qualidade de uma mulher, é ser madrugadora!...

Emilia. — Então, que se case com uma gallinha.

Anna Maria. — Era o que eu ia responder-lhe, mas elle não me deu tempo: "Ha nada mais bello que o amanhecer?" — dizia-me. "Já viu alguma vez esse espectaculo?..." E eu lhe respondi: "Creio que sim. Quando voltei de algum baile". E elle: "Ah!... Mas isso não é vêl-o... E soffrêl-o... Eu falo dos amanheceres de casa, quando a gente se levanta ás quatro da manhã e vae ao jardim, respirar ar puro...

Emilia. — Que horror!...

Anna Maria. — E depois que terminou sua *Ode*, eu lhe disse que detestava os *madrugadores*, e que isso era coisa de camponezes, ou de gente ordinaria... Elle fez uma cara!...

Emilia. — Mas é o que lhe digo: que tem ver o madrugador com a felicidade do casamento?... Minha irmã se levanta ao meio dia e, no emtanto, vive bem feliz com seu marido.

— Acabo de lêr que, quando um homem morre, na India, enterram-no com a mulher. Que crueldade!
— E' mesmo. Pobre homem!

Anna Maria. — E' que João Carlos pensa, como tia Benita, que a gente deve estar vigilante como uma sentinella de arma ao hombro desde que amanhece, para que a casa fique limpa, sem um grão de pó.

Emilia. — Mas, filha: para que servem as empregadas?... Esse homem deve ter sido educado no ultimo recanto do planeta... Por alguma coisa tem esse conceito da mulher, do lar... Agora comprehendo tua negativa. João Carlos, para procurar quem o comprehenda e concorde com elle, devia ir a uma agencia de empregos.

Anna Maria. — E depois nós mulheres é que temos a culpa da crise de casamentos!... Elles exigem tudo: madrugar, escravizar-se, não ter outra vontade além da sua, criar filhos para satisfazer a sua vaidade, envelhecer, annular-se... E que nos dão, em troca?

Emilia. — Desgostos!...

Anna Maria. — Continuam com sua liberdade, com suas modalidades. Impõem-nos seus caprichos. Não abdicam nem de uma só de suas *prerogativas*... Querem mandar, dominar... Eu, só eu... e nada mais...

Emilia. — E' isso mesmo... Pois eu lhe diria: "Tu me obrigas a madrugar?... Pois eu te obrigo a chegares em casa, para o jantar, ás 19 horas em ponto!"

Anna Maria. — E não chegaria, porque esses cavalheiros acham muito logico que os outros obedeçam; mas obedecerem elles?... Nunca!... Seria humilhante...

Emilia. — Ah! Que pena que a gente não possa formar o homem de seus sonhos!... Eu o faria comprehensivo, docil, pontual, equilibrado, generoso, carinhoso, indulgente...

Anna Maria. — Sim, filha, sim... E' pena que não possas fazêl-o, porque então... ficarias millionaria, exhibindo-o como phenomeno, nos circos!

FANFRELUCHE

O VENDEDOR DE ÉCOS

(Continuação do numero anterior)

Tentou, então, os machados de silex e outros objectos, contemporaneos do homem prehistorico, para, afinal, descobrir, por acaso, que a fabrica de onde todos provinham fornecia a outros colleccionadores aos mesmos preços que a elle. Passou, então, a procurar inscripções aztécas e baleias empalhadas. Novo insuccesso, após fadigas e despesas incriveis. Quando a sua collecção pareceu completa, chegou da Groenlandia uma baleia empalhada e do Condurado uma inscripção aztéca que reduzia a zero todos os outros especimens. Meu tio fez tudo para possuir essas duas joias. Conseguiu a baleia, mas um outro amador ficou com a inscripção. Um Condurado legitimo, como o senhor talvez não ignora, é um objecto de tal valor, que, quando um colleccionador consegue apanhál-o, preferirá abandonar a familia a desfazer-se delle. Meu tio vendeu, pois, mais uma vez, a collecção formada, e viu suas riquezas fugirem sem esperança de retorno. Numa só noite os seus cabellos negros como o carvão tornaram-se brancos como a neve.

"Pôz-se, então, a reflectir. Tinha certeza de que um novo desapontamento o mataria. Decidiu escolher, para a proxima experiencia, uma cousa que nenhum outro homem colleccionasse. Meditou bem a sua decisão e mais uma vez desceu á arena, desta vez para fazer collecção de écos."

— De écos? — perguntei.

— Sim, senhor, de écos. A sua primeira compra foi de um éco da Georgia, que repetia quatro vezes. Depois, foi a vez de um de seis repetições, em Maryland; mais tarde, um de dezeseis, no Maine. Um outro, em Tennesee, foi por elle adquirido a preço modico, porque precisava de reparações: uma parte do rochedo reflector havia desabado. O tio pensou poder fazer o concerto por alguns milhares de dollares e triplicar o poder de repetição e reerguer o rochedo com um trabalho de alvenaria. Mas o architecto encarregado do trabalho nunca até então havia construido éco algum e destruiu aquelle completamente. Antes disso, comtudo, mostrára-se tão falador como uma sogra. Mas, depois do fiasco, só prestava para o asylo de surdos-mudos. Muito bem. O tio comprou, em seguida, por preço infimo, um lote de écos de duas repetições, disseminados por Estados e territorios differentes, obtendo um desconto de 20 por cento pela compra do lote inteiro. Em seguida, fez a acquisição de um verdadeiro canhão Krupp: era um éco do Oregon, que, posso affirmar-lhe, custou ao tio uma fortuna. O senhor não ignora que, no mercado de écos, a escala dos preços é cumulativa como a dos quilates no dos diamantes. E até as expressões são as mesmas. Um éco de um quilate não é cotado senão dez dollares além do valor do solo em que se acha situado. Um de dois quilates, ou duas repetições, vale trinta dollares. Um de cinco quilates, novecentos e cincoenta dollares. Um de dez, mil e trezentos dollares. O éco do meu tio no Oregon, que elle denominou "Pitt", nome do celebre orador, era uma pedra preciosa de vinte e dois quilates e custou-lhe 216.000 dollares. Deram-lhe a terra de graça, porque se achava a quatrocentas milhas do ultimo povoado.

"Emquanto isso, a minha existencia era uma estrada florida. Era eu o candidato admittido da filha unica e linda de um conde inglez e estava loucamente apaixonado. Na sua querida presença, nadava num oceano de alegria. A familia via-me com bons olhos, porque me sabia herdeiro de um tio avaliado em cinco milhões de dollares. E todos ignoravamos, aliás, que o tio se houvesse tornado colleccionador e julgavamos apenas que elle se dedicasse a juntar cousas de modo inoffensivo, por distracção artistica.

"Foi então que se amontoaram as nuvens sobre a minha cabeça, innocente. Foi, afinal, descoberto o éco sublime, depois conhecido no mundo inteiro como o grande "Koh-i-noor", ou Montanha de Repetição. Era uma joia de sessenta e cinco quilates! Bastava, deante delle, pronunciar uma palavra. Elle a repetia durante quinze minutos, si o tempo era calmo. Espere o resto. Soube-se ao mesmo tempo um outro detalhe. Um segundo colleccionador achava-se atravessado no caminho. Precipitaram-se ambos para fechar esse negocio unico. A propriedade compunha-se de duas pequenas collinas ladeando um valle pouco profundo, nos territorios mais recuados do Estado de Nova-York. Os dois compradores chegaram ao terreno ao mesmo tempo, cada um ignorante da presença do outro. O éco não pertencia a um proprietario unico. Uma pessôa chamada Williamson Bolivar Jarvis era dona da colina éste; a de oéste era propriedade de um tal J. Bledson. O valle intermedio servia de limite. Assim, emquanto meu tio comprava a collina de Jarvis por tres milhões, duzentos e noventa e cinco mil dollares, o outro adquiria a de Bledson por mais tres milhões.

"O senhor imagina o resultado. A mais bella collecção de écos deste mundo estava para sempre incompleta, pois que só possuia a metade do rei dos écos do universo. Nenhum dos dois colleccionadores ficou satisfeito dessa propriedade partilhada. Nenhum delles, tão pouco, quiz ceder sua parte. Houve ranger de dentes, disputas, odios cordiaes. E, para encurtar razões, não é que o outro colleccionador, com uma perversidade que só um colleccionador póde ter para um homem, seu irmão, se pôz a demolir a collina?

Pois assim foi. Desde que elle não podia possuir o éco, decidira que ninguem mais o possuiria. Arrazava a sua colina; não haveria assim nada mais que repetisse o éco do meu tio. Este apresentou-lhe objecções. O outro respon-

O medico. — Por que a senhora me chamou, si não está doente?

Ella. — Imagine, doutor, que eu recebi uma carta do meu noivo, que tem uma letra horrivel, e, então, me lembrei de consultál-o...

De Mark Twain

deu-lhe: "A metade do éco me pertence. Quero supprimil-a. E' ao senhor que compete arranjar a cousa para conservar a sua metade.

"Muito bem. Meu tio oppôz embargos. O outro appellou e levou o processo a um tribunal superior, e assim o caso foi parar á Suprema Côrte dos Estados Unidos, sem que, por isso, se tornasse mais claro. Dois juizes opinaram que um éco era propriedade pessoal, porque não era visivel nem palpavel e que, por conseguinte, podia ser vendido, comprado e tambem taxado.

"Dois outros foram de parecer que um éco era um bem immobiliario, pois que era manifestamente inseparavel do terreno e não podia ser transportado para outro logar. Os outros foram de opinião que um éco não era propriedade alguma.

"Foi decidido, para terminar, que o éco era propriedade, e assim as colinas; que os dois colleccionadores eram proprietarios, distinctos e independentes, das duas colinas, mas que o éco era propriedade indivisa; portanto, o réu tinha toda a liberdade de arrazar a sua colina, pois que lhe pertencia inteira, mas deveria pagar uma indemnização calculada em tres milhões de dollares, pelo damno que poderia resultar em relação á metade do éco de que o meu tio era dono. A sentença interdizia a meu tio, por sua parte, de fazer uso da colina do réu, para reflectir a sua parte do éco, sem o consentimento daquelle. Só poderia servir-se da sua colina. Si a sua parte de éco não ia, em taes condições, era desagradavel, bem desagradavel, mas o Tribunal nada podia fazer. A côrte prohibiu da mesma fórma ao réu utilizar-se da colina do meu tio, com o mesmo fim, sem consentimento do proprietario.

"Imagine o admiravel resultado.

— Diga-me, papae: — póde-se castigar alguem, por uma coisa que não fez?

— Não.

— Então, por que o professor me castigou por não ter eu feito os exercicios?

Nenhum dos dois deu o consentimento. E, assim, o nobre e maravilhoso éco teve de deixar de fazer ouvir a sua grandiosa voz. Essa inestimavel propriedade ficou, desde então, sem uso e sem valor.

"Uma semana antes dos meus esponsaes, emquanto eu continuava a nadar na minha ventura e toda a nobreza dos arredores e do resto do paiz se reunia para honrar as nossas nupcias, chegou a noticia da morte de meu tio e uma copia do seu testamento, que me instituia o seu unico herdeiro. O meu caro bemfeitor desapparecêra do numero dos vivos! Esse pensamento, ainda hoje, quando me assalta, faz-me doer o coração. Apresentei ao conde o testamento. Não podia têl-o, cégo que estava pelas lagrimas. Leu-o o conde e disse-me, com ar severo: "E' a isso, senhor, que se chama ser rico? Talvez o seja no seu vaidoso paiz. O senhor tem por toda herança uma vasta collecção de écos, si se póde chamar collecção uma cousa dispersa pelo continente americano, de norte a sul e de léste a oéste. Não é tudo, porém. O senhor está coberto de dividas até a raiz dos cabellos. Não ha um só éco no acervo que não esteja gravado de hypotheca. Não sou máu homem, caro senhor, mas devo olhar pelo interesse de minha filha. Si o senhor possuisse um só éco que fosse, livre de dividas, onde se pudesse recolher com a minha filha e ahi, á força de trabalho, cultival-o e o valorizar e tirar delle a sua subsistencia, eu não lhe diria "não"; mas não posso dar minha filha em casamento a um mendigo. Póde ir andando, meu caro. Vá-se embora. Leve os seus écos hypothecados e não quero mais pôr-lhe a vista em cima".

"Minha pobre Celestina, toda em lagrimas, agarrava-se a mim com os seus amorosos braços, jurando que havia de casar-se commigo, alegremente, mesmo que eu não tivesse um unico éco valido. Nada conseguiu. Separaram-nos, a ella para enlanguescer e morrer ao cabo de um anno, a mim, para penar toda a vida, implorando cada dia, cada hora, o repouso em que seriamos reunidos no reinado da bemaventurança, onde não se teme os máus e onde os infelizes encontram a paz. Si o senhor quizer fazer o favor de olhar as cartas e os planos que tenho aqui na minha pasta, estou certo de que posso vender-lhe um éco a melhor preço do que qualquer outro commerciante. Aqui está um, por exemplo, que custou a meu tio dez dollares ha trinta annos. E' uma das mais bellas cousas do Texas. Posso deixál-o por...

— Dê licença para que o interrompa! — exclamei. — Até este momento, meu caro amigo, os caixeiros viajantes não me têm deixado um minuto de repouso. Já comprei uma machina de costura de que não tinha necessidade alguma. Comprei um mappa que é falso até nos minimos detalhes. Comprei um sino que não sôa. Comprei veneno para as baratas, que as baratas preferem a qualquer outra bebida. Comprei, emfim, um nunca acabar de invenções impraticaveis. E estou farto dessas bobagens. Não quero nenhum dos seus écos, mesmo que o senhor m'o dê de graça. Não consentiria um só em minha casa. Tenho horror ás pessôas que pretendem vender-me écos. Está vendo esta espingarda? Pois bem. Apanhe a sua collecção e desappareça. Não quero que haja sangue aqui!"

Elle limitou-se a sorrir doce e tristemente e entrou em outras explicações. Sabe-se que uma vez que se abre a porta a um caixeiro viajante, o mal está feito e não ha remedio que valha.

Ao cabo de uma hora intoleravel, transigi. Comprei um par de écos de duas repetições, a preço razoavel. E elle me deu, como bonificação, um terceiro, impossivel de vender, explicou-me, porque só falava allemão. Fôra outróra um perfeito polyglotta, mas havia soffrido uma quéda da abobada palatina...

A FERMENTAÇÃO DOS ALIMENTOS

O turista (ao hoteleiro). — Amanhã, pretendo escalar aquella montanha até o cimo. Que preparativos devo fazer?

— Antes de mais nada, pagar-me a conta hoje.

(*Continuação do numero anterior*)

"Estava tão commovido que não pensei em reclamar immediatamente uma recompensa. Fiz machinalmente o que ella me ordenava. Sahi de sua casa, entrei em casa do lord pela porta de serviço de que eu tinha a chave. Não encontrei ninguem e ninguem me viu.

"Depois que os esposos Dempson foram enterrados voltei á casa da senhora Likeness. Mas ella metteu-me tal horror, que apenas cheguei á sua presença, fugi...

"Os meus remorsos são insupportaveis. Esta confissão os acalmará? Quando estas linhas forem encontradas, talvez que todos os autores deste drama já estejam mortos, a não ser que elles expiem a sua falta ainda neste mundo.

"Mas eu... eu não encontrarei jámais repouso na terra.

Walker."

Na occasião em que Sherlock Holmes acabava esta leitura, um relogio vizinho fazia ouvir num tom surdo as doze badaladas da meia noite.

Dobrou cuidadosamente as folhas e metteu-as na algibeira.

Depois levantou-se, e sem fazer ruido abriu a janella.

O SUBTERRANEO

(SHERLOCK HOLMES

O ar fresco da noite perpassava pelo seu rosto. Respirou em silencio.

A lua com a sua claridade terna, illuminava a grande cidade adormecida. Milhares de estrellas brilhavam no céo.

Um profundo silencio envolvia tudo, cortado apenas de tempos a tempos pelo rodar longinquo de uma carruagem.

De repente, o policia deu um passo para traz. Da sombra projectada pela casa acabava de surgir um vulto; tinha o rosto coberto com uma mascara. E quando o luar a illuminou, Sherlock Holmes viu que a mysteriosa personagem carregava com alguma coisa, com um fardo cuja natureza o policia não descobriu.

O phantasma não podia ver Sherlock Holmes á janella pois esta encontrava-se na obscuridade.

Com rapidez elle alcançou a porta da entrada da casa e abriu-a.

A porta rangeu levemente, o mascarado penetrou com precaução e desappareceu no interior.

Quem seria este espectro?

CAPITULO VIII

A MASCARA

Que viria fazer á casa de lord Dempson aquelle phantasma?

Tratava-se sem duvida, de alguma sinistra missão.

Talvez um novo crime?

Com infinitas precauções e para evitar o menor ruido que o pudesse descobrir, Sherlock Holmes alcançou rapidamente o quarto de dormir de lord Dempson, onde se encontrava a entrada do corredor secreto. Elle tinha a intuição de qual era o fim do homem mascarado.

Apenas teve tempo de se occultar por detraz dum reposteiro quando a porta se abriu e a sombra appareceu na soleira, inspeccionando cuidadosamente a casa com uma baça lanterna.

As pernas do desconhecido tremiam e ouvia-se-lhe o ranger dos dentes.

Depois de ter deposto o fardo sobre o tapete quiz pôr em movimento o mechanismo que abria a porta secreta.

Mas não o conseguiu.

Redobrou de esforços e conseguiu abrir a porta.

Então pegando de novo no fardo carregou com elle através do corredor subterraneo.

Sherlock Holmes ouviu-o descer a escada. Esperou um momento e depois seguiu o estranho personagem.

O policia avançava lentamente.

E custasse o que custasse elle queria saber de que se tratava.

De repente, o desconhecido parou.

Sherlock Holmes encolheu-se de encontro á parede e reteve a respiração.

O homem estava tão preoccupado que não ouvia nada.

Deixou escorregar o seu fardo até ao chão, e pegou numa picareta, collocada debaixo da abobada num nicho, que Sherlock Holmes não tinha notado.

Depois começou a cavar o chão.

Então o policia dirigiu-se cautelosamente para o trabalhador parando a dez passos deste.

Com a queda do fardo o panno verde que o envolvia havia-se afastado um pouco.

Sherlock Holmes esteve a ponto de se trahir com uma exclamação.

MYSTERIOSO
(POR CONAN DOYLE)

E' que acabava de reconhecer o rosto do procurador geral.

O lugubre fardo era o cadaver de Carlos Whiteley!

O policia ficou silencioso apesar da surpreza, mas era preciso não perturbar o homem na sua tarefa.

Ouvia a respiração oppressa do cavador. Mas não podia descobrir o seu rosto sob a mascara. Um quarto de hora depois o fosso já estava bem fundo.

— E' bastante, disse o mascarado.

Encostando a picareta á parede começou a enterrar o cadaver.

Quando a cova já estava coberta de terra, depois de enterrado o fardo, lançou um relance de olhos a ver se tudo ia bem, collocou a picareta no nicho e desta vez, deixou escapar um "emfim!" de allivio.

O homem preparava-se para voltar á casa do lord.

— Alto lá! gritou Sherlock Holmes num tom alto e imperativo, dirigindo ao mesmo tempo o cano dum revolver de encontro ao peito do trabalhador.

Um som quasi inarticulado, quasi um grito sahiu dos labios do phantasma, e os seus olhos cheios de terror fixaram o policia durante alguns segundos.

No mesmo instante a lanterna cahiu, quebrou-se em mil bocadinhos, e a obscuridade envolveu rapidamente os dois homens.

Sherlock Holmes sem perder um momento, remexeu as suas algibeiras com a mão esquerda para procurar a lanterna electrica.

Ao mesmo tempo premia com o indicador o gatilho do revolver.

Um tiro partiu.

Um ruido de trovão repercutiu-se por todo o subterraneo.

Mas já Sherlock Holmes tinha a lanterna accesa; porém o corredor estava vazio.

Uns passos precipitados e apenas perceptiveis indicaram ao policia que o mascarado fugia para o palacio Likeness.

Sherlock Holmes tinha errado o tiro.

Pensou em perseguir o fugitivo, mas viu logo que já o não podia agarrar. O instincto de conservação fez-lhe pensar que no palacio Likeness como no do lord Dempson havia um meio de inundar o subterraneo.

Talvez de novo fossem usar deste meio!

Mas isso pouco lhe importava.

Agora havia uma coisa mais importante a tratar.

Retirou-se em seguida descendo rapidamente a escada.

Immediatamente dirigiu-se ao posto de soccorros para onde haviam sido levados a senhora Likeness e Carlos Whiteley, e ali soube que a lady depois de ter recebido os primeiros curativos, voltára para casa.

Com respeito ao procurador geral, este tinha morrido, mas o seu corpo desapparecera de um modo inexplicavel.

Sem perda de tempo Sherlock Holmes trouxe comsigo alguns homens do posto dirigindo-se ao palacio de lord Dempson.

Conduziu-os admirados pelo subterraneo e chegados a certo logar ordenou-lhes:

— Cavem.

O trabalho era facil. Logo descobriram o corpo do infeliz procurador.

Por ordem de Sherlock Holmes levaram-no para o quarto de dormir do lord.

— Chamem o medico, recommendou Sherlock Holmes, depois de tapada a cova. E' necessario que elle

O senhor de barba espessa (indignado). — "Garçon"! — Ha um cabello nesta sopa!
O garçon. — E o senhor não se lembra de a ter esfriado soprando?...

constate a morte e que nos indique qual a causa.

Meia hora depois chegou o medico, que logo se poz a examinar o cadaver.

— Está morto, e bem morto, respondeu elle após um instante. A causa foi a asphyxia.

— Asphyxia pelo carvão? perguntou Sherlock Holmes.

— Lá quanto isso mas devagar, meu caro, respondeu o doutor. Só a autopsia o pode dizer.

Sherlock Holmes chamou a attenção do medico para as ecchymoses que o cadaver apresentava no pescoço.

— Parecem, disse elle, signaes de dedos. Não seria á morte devido a um estrangulamento?

O medico examinou novamente o cadaver.

— Tem razão. O homem foi estrangulado.

Então o policia tirou da algibeira um pequeno apparelho photographico para obter um cliché dos signaes dos dedos.

Depois ordenou que fossem chamar o juiz de paz emquanto um policia devia guardar o morto.

Como elle continuasse desconfiado do subterraneo pelo qual podiam fazer desapparecer o corpo, pren-

(Continúa na pag. seguinte)

deu fortemente a porta secreta por meio duma solida corrente.

Feito isto dirigiu-se ao palacio Likeness.

A noite estava clara e estrellada, o bairro jazia no mais profundo silencio. Raras luzes se viam, e um soberbo luar deixava metade da rua escura.

O policia poz-se a andar pela parte escura, prudentemente.

Depressa chegou ao parque que rodeava o palacio. Parou, poz-se a observar, encoberto com a sombra de um alto pinheiro, um homem cuja attitude se lhe tornou suspeita.

O individuo estava tomado de uma violenta commoção.

Tremia tão intensamente que teve de se assentar num banco do parque.

— Para onde ir? pareceu ao policia ouvir-lhe dizer. Que fazer?

De repente levantu-se, um sorriso passou pelos seus labios pallidos. Uma idéa pareceu aflorar-lhe ao espirito, e certamente, uma idéa terrivel. O aspecto do pinheiro, que estendia os grossos ramos por cima da sua cabeça pareceu dar-lhe uma solução suprema.

A sua intenção foi descoberta pelo policia no meio dum choro intenso e por uma onda de palavras.

— Como tu és infeliz! que te resta, já agora, sinão pôr fim á existencia? disse elle em voz alta de modo a ser ouvido pelo policia, que cautelosamente se aproximára. Pois o seu amor pode em alguma coisa mudar a minha resolução? E eu ainda a amo? não sei! Uma irresistivel força me leva a obedecer-lhe e a cumprir todas as suas vontades. E' isso o amor? Horroriza-me, e comtudo não posso passar sem ella, e entretanto não tolero a sua presença. Que aberração, que paradoxo! Oh! antes a morte!

E minha pobre mãe! Que irá ella pensar da minha morte? Mereço eu a sua piedade? Que irá acontecer?

Alguns metros o separavam de um pequeno tanque collocado no meio do parque. Aproximou-se delle. A agua escura e profunda parecia attrahil-o, o ruido dos môchos, o vento da noite e os rumores vagos, tudo lhe lembrava a morte...

Levantou para o céo os seus olhos cheios de lagrimas e mais uma vez admirou o céo estrellado que tinha por cima da sua cabeça; aproximou-se da borda do lago... E disse simplesmente: "Minha mãe, perdoae-me".

A sua resolução era definitiva, deu um passo para traz...

O policia ia agarral-o.

Mas uma delicada mão tocou no hombro do insensato e uma voz supplicante e doce pronunciou o seu nome:

— Walker!

O policia voltou a esconder-se. Uma figura feminina se havia aproximado, com o rosto velado por um comprido véo.

— A senhora Ruth Likeness! murmurou Holmes.

Surprehendido e aterrorizado, sem a reconhecer, o homem que queria morrer voltou-se.

— Quem és tu? perguntou elle, tu que sabes o meu nome.

A mulher arrancou o véo. A lua illuminou o seu rosto. Walker recuou um passo.

— Ruth Likeness! exclamou. Desgraçada, porque te persegues assim aquelle que só quer morrer por te haver amado tanto?

Ella então quiz abraçal-o, mas elle repelliu-a docemente.

— Não me queres escutar? disse ella com a sua voz tão captivante e terna. Porque razão desesperavas ha pouco? Que querias fazer? Dize-me, tu que pretendes amar-me.

O rapaz estava succumbido; a mulher que elle adorava, por quem tudo tinha sacrificado, estava alli deante delle. E perguntava se a amava! Elle então estendeu-lhe as mãos.

— Se a não amasse, exclamou, teria eu feito correr tanto sangue por sua causa?

— Silencio, disse ella. Nem uma palavra mais! Apesar da hora adiantada, podem surprehender-nos e estaremos perdidos. Dentro em pouco romper á

LITANIAS

(Cecile Perrin)

Ah, nesses dias máos, tenho tanto chorado,
que, distante de ti, te chamo, ó Bem-Amado...

Vão temo a morte, e vou trilhando hostis caminhos,
por teu amor, que luz como um sol entre minhos...

Por ti, eu queimarei meus olhos ao clarão
chammejante e febril do mais forte verão...

E irei, sob o languor do frio e da chuva
— longe de ti, minh'alma apaixonada enviuva...

irei, quando ventar nas arvores copadas
e a neve as envolver em caricias geladas;

e, na sombra da noite, eu chegarei ligeira
para em teus olhos ver sua luz feiticeira...

Dos teus passos me vêm os longinquos rumores,
Bem-Amado, e comtigo irei onde tu fôres...

Agora, estás aqui. Vão-se as horas... Ignoro
si perto de ti rio, ou si, ao contrario, chóro...

Não mais eu sinto o frio, e não mais sinto o vento,
porque teu coração é meu neste momento...

E quero a minha fronte, ás tuas mãos ungida,
sentir meu coração fundir-se em tua vida...

STENIO DE SÁ

...nhã. Esta tarde, estarei a Este da cidade, ali ...e o Tamisa faz uma curva. Fugiremos juntos. ...Que resolvi fugir, necessito de ti, do teu amor! ...ante algum tempo viverás occulto, para te livrar ...olhos suspeitos, e quando a policia tiver perdido ...a pista, então Walker, poderás ver o que tenho ...o em teu favor. Serás rico e feliz. Viveremos ...o grandes senhores. Põe de parte as tuas idéas ...suicidio, e vem commigo, necessito falar-te ainda.

...stava subjugado, completamente vencido, aniquil...o e obedeceu-lhe. Ella tomou-o pelo braço, e am...se metteram por uma alameda onde o luar mal ...a coar-se pela abobada de folhagem.

...herlock Holmes não hesitou, e poz-se a seguil-os. ...ria conhecer o plano da senhora Likeness.

— Não voltarei á minha casa, recomeçou ella de ...modo rapido, tenho muito medo da policia. Puz ...em logar seguro as minhas joias, os meus dia...ntes e uma grande porção de dinheiro. Esta noite ...mos buscar tudo, e partiremos para a America. ...ás decidido a seguir-me, não é verdade, Walker?

...ste fez um signal affirmativo.

...Um sorriso de triumpho aflorou nos labios de Sher...k Holmes. Havia já alguns momentos que afagava na sua algibeira um par de algemas destinado aos dois cumplices, mas mudou de tenção.

— Acho melhor, disse elle, prender a agua no seu ninho, e com a senhora Likeness, tomar o seu thesouro...

— E depois de chegarmos á America o que tenciona fazer? perguntou Walker.

— Tornar-me tua mulher!

— Posso eu esperar essa felicidade tão anciada?

— Vou explicar-te, respondeu a senhora Likeness. "Nunca amei o meu marido lord Likeness. Tu sabes bem. Egualmente sabes como eu correspondi á côrte que meu tio me fazia. Resta agora falar-te de Whiteley, procurador geral.

— Mas a senhora amou-o?

— Sim, disse ella com firmeza.

— E então?

— Então... elle tinha que morrer! Amei-o loucamente, e havia tomado a resolução de o seguir na morte. Levei-o para um pequeno salão da casa de lord Dempson, accendi o fogão para adormecer com Whiteley, o eterno somno. Sabia que jamais poderia ser sua mulher; cedo ou tarde as suas funcções o obrigariam a depor uma queixa contra mim. Por isso quiz morrer com elle, mas por fim só elle deixou de existir!

E o juramento que a senhora me tinha feito de ser minha? exclamou Walker num tom de revolta.

— E insistes em que mantenha esse juramento? respondeu a senhora Ruth tomando a offensiva. Além disso, confesso; nessa occasião não te amava. Hoje, que os tempos mudaram, é á ti que eu quero pertencer!

Sherlock Holmes pasmava do que ouvia... Que mulher tão extraordinaria! Deante delle, essa encarnação do demonio tinha empregado todos os meios de seducção, todas as possiveis astucias femininas para arrastar o desgraçado. Apresentava-se successivamente terna, provocante, apaixonada, mas na verdade ella zombava delle como de Whiteley, como já anteriormente havia soberanamente desdenhado de seu tio. Era assim em toda a sua triste realidade que a senhora Likeness se apresentava! A sua belleza, apenas lhe servia para attrahir os executores dos seus infernaes projectos, os quaes, satisfeitas as suas tenebrosas concepções, tinham que desapparecer da vida...

— Quando voltei a mim no posto de soccorros onde me tinham levado, continuou a senhora Likeness, amaldiçoei o meu salvador, que nem ao menos conheço. Então desejava a morte, era ella o unico meio de esquecer os soffrimentos da minha vida. Mais o amor da existencia, o desejo de viver sobrepujou tudo.

(Continúa na pag. seguinte)

SAPO

Desprezado e temido
por toda a humanidade
injustamente vive
o sapo.
A humana maldade
persegue-o sempre
o pão, a pedra, o fôgo.
As creanças, os moços, os velhos,
até os feiticeiros,
os velhos mandigueiros,
perseguem-no sem cessar,
numa gana louca de matar.
E lendas fazem, então,
a respeito do pobre desgraçado,
do de todos sempre renegado.
E o sapo,
como um velho philosopho,
Que do mundo nada teme
continua o seu caminho
fazendo sempre o bem
A alguem
que o tenha apedrejado,
destruindo os insectos damninhos
que encontrando vae pelos caminhos...
Ha muito gente
que leva vida de sapo.
Por mais bem que faça,
recebe sempre
por troco uma desgraça
Cruel fatalidade.
Maldade.
Porem!
Maldição!
A vida é mesmo assim
Uma constante
Desillusão...

J. DE OLIVEIRA LIMA

"Agora, Charles Whiteley está morto, e amanhã nós deixaremos a Inglaterra!

— Lá quanto a isso, mais devagar, murmurou Sherlock Holmes.

Tinha ouvido o bastante para estar satisfeito, e quando a sra. Likeness e Walker se afastaram, dirigiu-se tranquillamente á casa para descançar um pouco.

CAPITULO IX

A CILADA

Eram umas dez horas quando Sherlock Holmes chegou ao logar a Este de Londres, perto do Tamisa, onde a senhora Likeness e o seu cumplice deviam embarcar para a America.

Para que Ruth não o pudesse conhecer, tinha-se vestido elegantemente, e como um ocioso dado a aventuras amorosas, caminhava por uma rua excentrica ladeada apenas de casas modestas e de tavernas.

A presença deste senhor bem vestido no meio dos operarios que sahiam das suas officinas attrahiu a attenção do policia de serviço naquella rua. Este não mais o perdeu de vista e poz-se a seguil-o de longe.

Não tardou muito que Sherlock Holmes notasse uma senhora que pelo braço de um sujeito caminhava apressadamente. Este par interessava-o sobremaneira.

Eram elles!...

Ruth vestida com simplicidade e fazia-se acompanhar por Walker. Ambos se dirigiram para o cáes das embarcações que fazem a travessia do Tamisa.

Chegaram ao mesmo tempo que Holmes, sempre seguido pelo agente de segurança que não mais perdera de vista o seu desconhecido collega disfarçado em grande senhor.

No mesmo momento um barco aproximava-se da margem, e os dois remadores que o conduziam saudaram a sra. Likeness.

O logar era muito escuro e a noite cobria já com o seu manto toda a cidade. Uma lanterna collocada em cima de um banco illuminava fracamente o barco e o patrão.

— Vamos, disse a senhora Likeness ao seu companheiro.

Nesse momento chegava o guarda de serviço. Tudo isso lhe parecia estranho e lhe levantava suspeitas.

— Alto lá! gritou elle. Quem são os senhores?

— Para a frente! ordenou a lady aos remadores.

A canôa ia se afastar, quando Sherlock Holmes, dando um pulo, saltou para dentro.

— Peço-lhes encarecidamente que me levem. A policia persegue-me! disse num tom de angustia e de medo.

Os remadores puxaram com força e a canôa deslisou velozmente.

O guarda continuou gritando, mas a embarcação perdeu-se nas trevas.

Walker e Ruth Likeness estavam assentados ao fundo, á ré.

Ouviram em silencio as desculpas de Sherlock Holmes que se havia assentado em frente delles.

O céo estava agora completamente negro e a escuridão da noite dominava tudo.

— Seguir-nos-ão? perguntou Walker.

— Não tenhas medo! vamos para um sitio onde a policia não dará facilmente comnosco, respondeu a lady.

Caminhava ao longo de uma ponte de pedra, onde estava accesa uma lanterna. O barco parou.

— Se o senhor teme as perseguições da policia, disse Ruth Likeness a Sherlock Holmes, venha comnosco, offerecemos-lhe um seguro asylo.

O policia acceitou com alegria. Atraz delles seguiam os dois remadores, que tinham deixado o barco atracado ao cáes.

Poucos minutos depois chegavam a um pequeno largo onde se via um estabelecimento de aspecto suspeito encimado por uma taboleta com o seguinte distico: "To the Hell", que quer dizer: "Ao Inferno".

Esta loja que Sherlock Holmes conhecia bem, era o retiro de um bando de vagabundos e de mulheres de má nota. Por isso ao entrar ali, apalpou na algibeira o cabo do seu revólver.

Sem se deterem atravessaram a immunda casa de venda.

Por traz estendia-se uma comprida estrada, sombria e triste. A miseria tinha ali o seu imperio, e quantas vezes o crime não encontrara lá o seu asylo!

Já no campo, em um dos lados da estrada brilhava uma frouxa luz avermelhada. A senhora Likeness dirigiu-se logo para ali.

Algumas casas de aspecto miseravel sahiam da sombra.

A senhora Likeness abrindo uma porta penetrou num quintal de certa casa. Um cão começou a ladrar procurando partir a corrente que o prendia.

— Caluda, Crystal! disse um dos remadores que seguia após Holmes.

O cão calou-se.

Ao fundo levantava-se uma casa de aspecto miseravel. A lady bateu á porta. Appareceu uma mulher trazendo na mão um ordinario candieiro. Logo que viu a senhora Likeness, inclinou-se respeitosamente cumprimentando-a.

Depois examinou com desconfiança os companheiros de Ruth.

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno....	(52 ns.).....	48$000
Semestre	(26 »).....	25$000

(Registada)

Anno....	(52 ns.).....	70$000
Semestre	(26 »).....	36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno....	(52 ns.).....	78$000
Semestre	(26 »).....	40$000

(Registada)

Anno....	(52 ns.).....	115$000
Semestre	(26 »).....	60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

F O N - F O N

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

Comptoir International de Publicité Garçon & Lewindrey Rue Tronchet, 9 — France — Paris VIII Ludgate Hill. Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ...... 1$500

Contra as dôres o
remedio de confiança
Cafiaspirina
CAFIASPIRINA
Restitue o
bem estar
BAYER
BAYER